

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

DOUGLAS DE MELO FERREIRA TORQUATO

**A filosofia da imanência e a arte do skateboard**

UBERLÂNDIA  
2020

DOUGLAS DE MELO FERREIRA TORQUATO

## **A filosofia da imanência e a arte do skateboard**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, vinculada à linha de pesquisa História, Sociedade e Cultura, tendo em vista a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

UBERLÂNDIA  
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

T687f  
2020 Torquato, Douglas de Melo Ferreira, 1995-  
A filosofia da imanência e a arte do Skateboard [recurso eletrônico] /  
Douglas de Melo Ferreira Torquato. - 2020.

Orientador: Humberto Aparecido de Oliveira Guido.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5609>  
Inclui bibliografia.

1. Filosofia. I. Guido, Humberto Aparecido de Oliveira, 1963-,  
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-  
Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU:1

---

Glória Aparecida  
Bibliotecária - CRB-6/2047



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1U, Sala 1U117 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-  
 MG, CEP 38400-902  
 Telefone: 3239-4558 - www.posfil.ifilo.ufu.br - posfil@fafcs.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Filosofia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 010SEI, PPGFIL				
Data:	Trinta de agosto de dois mil e vinte um	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11912FIL011				
Nome do Discente:	Douglas de Melo Ferreira Torquato				
Título do Trabalho:	A Filosofia da Imanência e a arte skateboard				
Área de concentração:	Filosofia				
Linha de pesquisa:	História, Sociedade e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ciência, linguagem e história em Giambattista Vico				

Reuniu-se na sala de web conferência Meet Google, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Filosofia, assim composta: Professores Doutores: Leonardo Brandão – FURB; Georgia Cristina Amitrano – UFU e Humberto Aparecido de Oliveira Guido – UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Humberto Aparecido de Oliveira Guido, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovado(a).**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Georgia Cristina Amitrano, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/09/2021, às 09:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/09/2021, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leonardo Brandão, Usuário Externo**, em 13/09/2021, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3006015** e o código CRC **6329DE3F**.

## RESUMO

A pesquisa surge circulando pelas ruas e “picos” de Uberlândia, se multiplica em infinitas nuances, está em meio a diversas situações e relações, está de “carrinho” pela nossa cidade e região, compondo uma intensa troca de signos com diversos personagens e com a cidade ela mesma. Inspirado pela música, pela filosofia, pelo contato com a natureza, pela vida social, pelas “crews” locais: SkateVandalCrew, Platina Skateboard, Marginália e outras, e por certas crews de fora, como a crew dos Flanantes. Temos por objetos dessa pesquisa os textos de Leonardo Brandão e Giancarlo Machado sobre o surgimento do skate, o skate de rua em São Paulo e os conceitos advindos de outros autores, como Foucault e Deleuze, trabalhados por aqueles, como os de cidadania, heterotopia, rizoma, etc. Também alguns textos enviados por Gibus de Soultrait, fundador da revista francesa Surf Session, e Surfer Journal, que dialogam com a filosofia de Deleuze. Nosso texto se estende em busca de multiplicar e analisar os sentidos e significados da prática do skate de rua (streetskate), e não apenas compreendê-lo como um esporte que se tornou recentemente modalidade olímpica. Por meio do trabalho de campo e do registro etnográfico (realizados antes da pandemia), pretende-se mostrar a multiplicidade de atletas, artistas, personalidades, filosofias e discursos em torno deste esporte e sua infinita ampliação, das suas redes, conexões, continuidades e descontinuidades. Pesquisamos a nossa cidade, novas formas de nos apropriarmos dela, pesquisamos seus atletas de alto rendimento e o seres humanos por trás deles, e aqueles que compõem uma visão mais lúdica, ou artística, do skate e sua importância, seu *ethos*. Investigamos um vasto acervo de trabalhos acadêmicos sobre skate, contudo, propomos uma pesquisa debruçada sobre conceitos e conteúdos advindos das obras de Gilles Deleuze e Espinosa, bem como Guattari, Mbembe, Foucault, e dos skatistas acadêmicos como Leonardo Brandão, Giancarlo Machado, Gibus de Soultrait etc.

**Palavras-chave:** Skate. Filosofia. Antropologia. Sociabilidade urbana. Cidadania.

## ABSTRACT

The research appears circulating in the streets and “spots” of Uberlândia, multiplies in infinite nuances, is in the midst of different situations and relationships, is in a “board” in our city and region, composing an intense exchange of signs with different characters and with the city itself. Inspired by music, by philosophy, by contact with nature, by social life, by the local “crews”: SkateVandalCrew, Platinum Skateboard, Marginália and others, and by certain outside crews, such as the Flanantes crew. We have as objects of this research the texts of Leonardo Brandão and Giancarlo Machado on the rise of skateboarding, street skateboarding in São Paulo and the concepts coming from other authors, like Foucault and Deleuze, worked by those, such as city, heterotopia, rhizome, etc. Also some texts sent by Gibus de Soultrait, founder of the French magazine Surf Session, and Surfer Journal, which dialogue with Deleuze’s philosophy. Our text extends in search of multiplying and analyzing the senses and meanings of the practice of street skating (streetskate), and not just understanding it as a modality of Olympic sport. Through fieldwork and ethnographic recording (carried out before the pandemic), it is intended to show the multiplicity of athletes, artists, personalities, philosophies and discourses around this sport and its infinite expansion, its networks, connections, continuities and discontinuities. We make use of interviews, audiovisual production, the registration of championships, and through this we expose the most varied aspects around this sports practice. We research our city, new ways of appropriating it, we research its high performance athletes and the human being behind it, and those who make up a more playful, or artistic view of skateboard and its importance, its *ethos*. We investigated a vast collection of academic works on skateboarding, however, we propose a research focused on concepts and contents arising from the works of Gilles Deleuze and Espinosa, as well as Guattari, Mbembe, Foucault, and academic skaters such as Leonardo Brandão, Giancarlo Machado, Soultrait Gibus etc.

**Keywords:** Skateboard. Philosophy. Anthropology. Urban sociability. City.

*Para o skate, para a filosofia, para a música, pelo amor, pelo desejo de viver, pelo cultivo da liberdade de ir e vir, de pensar e de se expressar, por uma educação libertária, esta dissertação e meu amor à vida...*



## AGRADECIMENTOS

Pátria amada o que oferece aos teus filhos?  
Sofridos,  
Dignidade ou jazigos?  
(Criolo - Lion Man).

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida entre março de 2019 e fevereiro de 2021 (processo 88882.429026/2019-01) e por garantir os encargos necessários para a realização desta presente pesquisa e dissertação, o mínimo de dignidade.

Agradeço aos meus parentes, meus pais, avós maternos e paternos, e tios. Obrigado família, por permitir meu acesso a cultura e educação desde sempre. Agradeço, particularmente, ao meu avô Mardones Torquato, por providenciar minha moradia em Uberlândia, onde pude estudar desde o primeiro ano do segundo grau, graduação e até então na pós-graduação. Agradeço, tanto a ele quanto aos meus pais, por sempre me ajudarem a custear minhas despesas, e por me transmitirem seus valores e bons costumes. Agradeço também a minha família materna, por providenciar meu isolamento social na fazenda Babilônia, na zona rural de Catalão - GO, durante a pandemia do novo corona vírus, onde fiquei de fevereiro de 2020 até agosto de 2020, enquanto o calendário acadêmico estava suspenso, período muito fértil para meus estudos e levantamento bibliográfico. Estes permitiram a produção da presente dissertação, e também a produção de material audiovisual, como a edição de vídeos, com material captado desde o início do mestrado até o começo da pandemia, nos rolês de skate, campeonatos, e a criação de trilhas sonoras e músicas, para a produção de documentário audiovisual e textual.

De forma alegre e espirituosa agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, por sua vasta contribuição para minha formação, desde os primeiros anos da graduação, pela oportunidade de estudar vários autores renomados e conceitos fundamentais da história da filosofia, sem nunca deixar de tratar a respeito do valor de filosofar e criar por si mesmo, sempre incentivando a produção espontânea e autoral, a livre criação de devires, o anti-método

rizomático, a linha-de-fuga etc., sem jamais perder de vista a vida, o rigor textual, sempre valorizando a experiência e o texto: o material precioso da filosofia, seu *lapis philosophorum* e território. Agradeço a você por continuar buscando o equilíbrio entre o plano de imanência e o plano de organização, para a composição do devir mais potente. Agradeço pelas reminiscências de aulas que alimentam o pensamento, a escrita: são micro-movimentos que se desdobram em macro-movimentos, no papel, na rua, no corpo, na escrita, nos encontros, o imperceptível que passa ao campo do percebido, na mente, no mundo, fenômenos psicossomáticos originais. Agradeço pelo apoio e parceria ao longo da produção da pesquisa, por todas as oportunidades, pelo cultivo da liberdade absoluta do pensamento. Pelos grupos de estudos das obras de Deleuze e Guattari, Espinosa, Leibniz, Nietzsche, Vico, Hegel, Marx, entre muitos outros... Pelas aulas de filosofia da história, de história da filosofia no Brasil, e muitas outras matérias ministradas. Obrigado, pela amizade e pela parceria ao longo dos anos.

Ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO/UFU) e todo seu corpo docente, técnicos, funcionários e núcleos e centros de pesquisa agregados (CEPFI), à Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (PROGRAD/UFU) e seus funcionários, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU (PPGFIL), ao Curso de Graduação em filosofia (COCFI). Agradeço a vocês pelo esforço e bom trabalho que realizam no instituto. A experiência UFU tem sido algo muito gratificante em minha vida desde meu ingresso em 2013, sou realmente muito feliz e grato a todos vocês.

Agradeço ao Centro Acadêmico de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (CAFIL - UFU) pelos eventos acadêmicos e pelos rolês ao longo destes 7-8 anos, nos quais pude tocar guitarra, mostrar minhas bandas e meus sons, e conhecer muitas pessoas especiais. E que venham mais.

Agradeço ao amigo, skatista e dj Jamal (Renato de Sousa Lima, @Jamalsk\_dc), que conheci nas festas do CAFIL onde ele discotecava. Ele foi o cara que me despertou pro skate por acaso, quando pedi para dar um *ollie* no seu skate. Ele passava pela UFU com o skate embaixo do braço, no saguão do bloco 50, chamei ele e disse: “deixa eu tentar bater um *ollie* aí pra ver se ainda dou conta”. Quando mandei a manobra foi uma epifania, e me lembrei de que aquilo fez parte de mim,

em uma parte da minha pré-adolescência, e que estava soterrado em minha memória. A manobra custou a sair do chão, mas uma semana depois comprei um skate para voltar andar e ver no que dava, pouco antes de me graduar e ingressar no mestrado, realmente obstinado a aprender *tricks* e sacudir a poeira. O skate mudou tudo em minha vida desse dia até o presente momento.

Agradeço aos amigos de mestrado, principalmente Vitória Mércia, e graduandos em filosofia, Ian Abraão, pela intensa troca de signos e conceitos, bibliografia e experiência. Ao Ian agradeço pelos primeiros rolês de skate pelo centro da cidade, e por ser o primeiro a me sugerir escrever sobre o skate e o *flaneur*. Por sempre colar nos shows da minha banda, Electric Burning Church, e outros projetos, e averiguar o som profissionalmente. E por ser um solícito *filmmaker* que sempre faz ótimos vídeos para mim quando preciso. Valeu Ian, bom amigo.

Agradeço às professoras Geórgia Amitrano, Luciene Torino e Maria Socorro Militão, pelas aulas ministradas ao longo dos anos, e pela viagem ao Rio de Janeiro com o curso. Foi uma experiência muito engrandecedora. A visita aos museus, jardins, igrejas, universidades e praias foi marcante pra mim.

Agradeço aos professores Rafael Cordeiro, Leonardo Ferreira Almada, Anselmo Tadeu, Marcos Seneda, Alcino Eduardo Bonella, Olavo Calabria, Sertório de Amorim Neto, Diego Avendano e todos os outros que compõem o corpo docente do nosso instituto.

Agradeço ao Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) por sugerir que eu escrevesse sobre skateboard, em uma conversa no saguão do bloco 5S (UFU/Santa Mônica). Neste encontro, durante o segundo semestre de 2018, período no qual eu iria defender meu TCC, e depois queria escrever um projeto de mestrado, mas não tinha decidido sobre o que escrever, naquele momento eu estava andando muito de skate, já havia alguns meses, e eu vinha evoluindo, completamente obcecado, flanando boa parte da cidade, a universidade e seus arredores, e ainda não tinha me tocado que o tema do mestrado poderia ser o skate, o que eu mais queria. Nesta ocasião Rafael apresentava sua comunicação sobre Paul B. Preciado e a contrassexualidade no auditório do bloco 5S; falava de dildos, tesouras, próteses, a metafísica falocêntrica, etc. Cheguei atrasado e com o skate embaixo do braço (observe o acoplamento). Eu realmente estava interessado no assunto da sua palestra,

visto que estudava o *Manifesto Contrassexual*. Após a palestra, no saguão, Rafael me contou sobre um suposto texto de Deleuze que fala de surf e dos surfistas. Mais tarde descobri que foram os surfistas que enviaram cartas a Deleuze, como Gibus de Soultrait, surfista, escritor, estudante de filosofia, de onde nasce uma relação fecunda tanto para o surf quanto para o pensamento e a filosofia. Enfim, descobri que Deleuze lhes correspondeu e escreveu sobre ondas, sobre surfistas, sobre dobras, e decidi investigar, saber o que era esse conteúdo, e entender o que mais Deleuze tinha a dizer que pudesse se relacionar ao skateboard em geral e a um skatista que começava a dar seus rolês. Afinal o skate é o surf no concreto. Ian estava presente nesse dia, na palestra e no diálogo com Rafael, algum tempo atrás Ian disse: “alguém com doutorado tinha que dizer pro Douglas escrever sobre skate ou ele não ia botar fé”. Ele tinha razão. Portanto, obrigado Rafael pela sugestão de tema. Me lembro que foi nesse dia, ali mesmo no saguão, que decidi escrever um projeto de mestrado para investigar os textos de Deleuze sobre surf, explorar a relação de sua filosofia com a filosofia da imanência de Espinosa (Será que chegarei a realizar isso? Com certeza sim!), e explorar o universo do skateboard que me rodeava em Uberlândia e se abria para uma experiência verdadeiramente autêntica e ricamente filosófica: a vontade de andar de skate. Rafael, a experiência tem sido ótima. E obrigado novamente ao professor Guido, meu orientador, por abraçar a ideia.

Ao Prof. Dr. Giancarlo Marques Carraro Machado (USP), por sua pesquisa muito fecunda na área da antropologia urbana e sociologia tratando sobre o skateboard em São Paulo e por sua disponibilidade em fornecer de seu acervo pessoal um vasto material bibliográfico e acadêmico sobre skateboard, de vital importância para a presente pesquisa, bem como os conceitos de sua obra que nos são indispensáveis. Foi através de Giancarlo Machado que descobrimos, eu e meu orientador, o universo conceitual e acadêmico do skateboard.

Ao skatista e produtor audiovisual Murilo Romão, do coletivo Flanantes, por sua obra de extrema importância para o skate de rua brasileiro, através dos registros da cena de São Paulo e das referências acadêmicas e textuais. Agradeço por fornecer material vital para a pesquisa, pelas breves conversas que tivemos na web e por me apresentar as obras do Prof. Dr. Giancarlo Machado, Ocean Howell, Leonardo Brandão, Raphaël Zarka. Obras que ainda levarei muito tempo desbravando.

Agradeço ao professor Leonardo Brandão por sua pesquisa e historiografia do skate, extremamente detalhada e rica em referências e conteúdo. Sua obra é extensa e prazerosa de ser lida, e de inestimável valor cultural. Obrigado por tudo que fez pelo skateboard através da escrita de trabalhos acadêmicos de muita qualidade. E obrigado por aceitar compor a banca avaliadora do meu humilde trabalho.

Agradeço aos amigos e skatistas Tutu (Gabriel Resende), Gustavo Reis, Gus (Gustavo Henrique), Emílio Guido, Knut, Antonino Machado, Matheus Mello (Dorfs), Gabriel Ananias, Humberto Oliveira Prado, Tiago Monteiro, por começarem comigo, no fim do segundo semestre de 2018, uma Crew, Marginália, que surgiu em rolês no CC (Centro de Convivência da UFU), meus primeiros rolês, nos quais aproveitávamo-nos das aglomerações para *skeitar* (andar de skate) nas dependências da UFU, antes que fossemos interrompidos pelos guardas, que sempre alegavam vandalismo etc. Após essa fase, *skeitamos* um dia ou outro na UFU, o CC, os dois saguões do 5M, a porta da reitoria, as duas ruas principais, a escada do 3M, enfim, tudo que pudermos, até sermos educadamente (nem sempre) impedidos. Apenas o Emilio e o Reis não são estudantes da UFU, e nem sempre *skeitamos* juntos, mas sempre que podemos marcamos pontos de encontro para realizar as sessions. Foi junto com eles que rolaram os meus primeiros *drops* no *bowl* do condomínio Roma, um de cerca de dois metros de altura (que apelidamos carinhosamente de Beverly Hills devido ao cenário de “primeiro mundo” do condomínio onde se encontra). *Bowl* este de muito difícil acesso e o único disponível na cidade de Uberlândia, um grande problema dificultador do esporte.

Agradeço aos amigos da *crew* SVC (SkateVandalCrew), pelos campeonatos realizados, inclusive um deles dentro da UFU. Obrigado Tiago Monteiro, Gus, Knut. E agradeço aos amigos da *crew* Platina Skateboard. Um agradecimento especial para o Wesley Zói, que produz vídeos muito importantes para o registro etnográfico dos skatistas de nossa região. São vídeos descontraídos e cheios de conteúdo.

Agradeço aos skatistas habilidosos Ruy Ronaldo Junior (Ruy Suburbano) e Marcelo Araújo (Mucuim), donos das lojas Subúrbia Skateshop e Mucuim Skateboard, que movimentam com muita energia a cena do skateboard de nossa cidade, tanto com a realização de eventos quanto com

a disponibilidade de peças de skate em um preço acessível, bem como com peças importadas de alto rendimento. Obrigado por fomentarem da melhor forma o skateboard em nossa região. E ainda devo dizer que ambos são skatistas de altíssimo nível que inspiram e motivam muito a molecada. Satisfação total ver essas caras andando de skate.

Agradeço ao skatista profissional Ricardo Pórva, original do Sul, que reside em Uberlândia e que está sempre presente nos eventos em Uberlândia, incentivando a molecada a andar de skate, narrando os campeonatos, fazendo o seu show de habilidade com o carrinho e também realizando projetos sociais. Pórva é criador do Instituto e Espaço Viva Íris, que é uma ONG e uma clínica que funciona em Uberlândia, promovendo reabilitação neuromotora intensiva para crianças através do skate adaptado, skaterapia.

Agradeço ao amigo Gabriel Ananias, skatista e aventureiro, sempre muito astral e de boas vibrações, sempre pronto pra tentar mais uma *trick* insana, autor da frase: VAI SEM MEDO! (GO, no fear!). Um dos meus parceiros, que sempre anda junto, todas *sessions*.

Agradeço ao amigo Harleson Martinelli que me fortaleceu em dezenove exemplares da revista Cem Por Cento Skate, grande acréscimo para minha pesquisa com skate.

Agradeço aos skatistas e amigos importantíssimos para a cena como: Leandro Pajuaba, Pedro (Mágico Rasta), Israel Santos (Rael), Pedro Oliveira (Chorão), Luciano Nunes (Lucimano), Pedro Henrique PV, Evander Emanuel, Fritex Ivan, Ferrari, Laryssa, Leticia Silva, Elias, Estevão, Yan Pablo, Caio Oliveira, Caio César, Túlio Castro (Tituia), Vitória Saiago, Isabela Leite, Rafael Eastwoart, Pedro Borges, Gabriel Bernardes, Gabriel Magalhães, Barkley, Luiz da Jão Peitas, Leonardo Sereno Ribeiro, Luiz Carlos da Silva Raimundo Junior (Cat, Alquimia Sobre Rodas, 180), Christian Cardarelli, Mateus Yank, Rafael Petry, entre muitos outros, pois fica difícil lembrar, por isso alguns estão sem o sobrenome.

Os skatistas de Catalão: Sérgio Fornalha, Discípulo, Michel Damas, Pedro Miguel, Caio, Abdiel Oreia, Bruno Augusto, Jessé Rodrigues, Sam, Junim, Felipe Augusto, Marcos, Gustavo Poka Porra,

Alex, Bolinha, Davi, Filipin, Matheus Mizade, Miguel, Letícia, Natalia Adler, Jordana Mirelle, Chiclete, entre tantos outros.

Agradeço ao povo brasileiro, norte, centro, sul, inteiro, onde reinou o baião. Agradeço todo mundo, cada vagabundo que subiu em cima de um skate, quem inventou essa porra toda, o primeiro havaiano que pegou uma onda, o maldito capitalismo e a indústria que não cessam de capturar todos os fluxos, esvaziando todos os conteúdos em uma velocidade na qual tudo se torna slogans, o dinheiro que nos faz feliz, a loucura, a intensidade, os fluxos e modos de produção re- engendrados, o corpo-sem-órgãos que os produz, o devir puro, os desterritorializados, alucinados, peripatéticos, *outsiders*, Jimi Hendrix, Freud, Criolo, Lacan, Deus, o Homem, a Máquina, os órgãos genitais e etc. Só não agradeço o filho da puta do despresidente: a cada dia são 1500 mortos, já passamos dos 265 mil desde o começo da pandemia, e ele aparece na TV dizendo pra não usar máscara, defendendo remédios sem eficácia comprovada, entre muitos disparates, defendendo que Covid é só uma gripezinha que pode ser tratada com cloroquina, espalhando todo tipo de negacionismo para as pessoas pararem de ter medo da Covid, etc. As pessoas no hospital correndo nos corredores, um burnout coletivo no país. Esse mês, fevereiro 2021, ele veio a Uberlândia, desceu sem máscara do avião e foi dar entrevista, sem máscara, quando foi interrogado sobre a vacina respondeu da forma mais escrota possível: “Vô comprar vacina onde? Só se for na casa da tua mãe”. Esse despresidente de merda não cumpre o mínimo do papel de um presidente, faltam leitos de UTI e falta oxigênio nos leitos de UTI. Ta difícil fazer, falar qualquer coisa: um jovem foi preso por um tweet, como se configurasse alguma ameaça contra o despresidente. Uma aura de maldição e morte assombra o mundo, governos genocidas, necropolítica. A morte vem sendo naturalizada, mortes que poderiam ser evitadas pelas governanças. “Retomando as atividades do dia, lavar os copos, contar os corpos, e sorrir, a essa morna rebeldia”. Notícia boa de hoje? Fachin, Ministro do Supremo Tribunal Federal, anula condenações de Lula relacionadas à Lava Jato; ex-presidente volta a ser elegível. Lula ficou preso por 580 dias na Superintendência da Polícia Federal do Paraná, em Curitiba. Ele foi solto no dia 8 de novembro de 2019. Hoje é 8 de março de 2021. Segue o golpe a cada dia. Várias facas golpeadas no peito desse corpo colossal que é o Brasil. E apenas uma facada mal dada na barriga de um boçal. Esse país não tem governo. Temos a necropolítica do negacionismo e a recusa do governo na comprar das vacinas, temos a necropolítica da guerra contra as drogas que dá aval para a polícia matar pessoas pobres e moradoras de territórios

marginalizados, periféricos. Busquemos entender o artigo 33 da lei de drogas. Trago este link que o reproduz na íntegra e ainda tece precisos comentários: <<https://growroom.net/artigo-33/>>. O artigo 33, na prática, trata-se de racismo e discriminação. Os dados disponíveis nesse site comprovam. Prende-se mais negros por pequenas quantidades de maconha e mais brancos são enquadrados no artigo 28, como usuários, artigo que não prevê pena de prisão. O artigo 33 dá brecha para que qualquer um possa ser enquadrado como traficante. Não ser assassinado pelo estado é (deveria ser) questão de saúde pública<sup>1</sup>. Não morrer por ser preto e periférico também deveria ser prioridade na formulação de políticas nacionais de lei de drogas e de acesso à saúde. Não sabemos o que é justiça, mas é o que queremos para casos como os de Kathlen Romeu, Mulher Preta, 24 anos, grávida, assassinada pelo Estado. O instrumento? A fajuta guerra contra as drogas, a necropolítica territorial do racismo estrutural. Kathlen foi visitar um familiar numa comunidade do RJ e essa foi sua sentença de morte. Seu filho, Maya ou Zayon, nem nasceu e já foi sentenciado (<<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-09/kathlen-e-seu-bebe-mais-duas-vidas-negrasinterrompidas-no-brasil.html>>). Atualizando: agora me encontro na deriva pandêmica de 9 de junho de 2021; já passamos das 469 mil mortes; eu nem sei como estou vivo aqui para escrever este texto; estou me recuperando de uma gripe; amanhã farei um teste de farmácia para ter certeza se se trata só de uma gripezinha. Cof cof, este texto pode conter Covid. Ainda não temos vacinas para todos, o senhor despresidente se recusa a compra-las sem receber propina. Ele está muito preocupado em aumentar sua popularidade, então resolveu sediar a Copa América, pois acha muito importante que ela se realize no Brasil (<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/06/bolsonaro-ataca-globo->

---

<sup>1</sup> Alguns de nós matados  
Alguns de nós morridos  
Policiais safados  
Assassinam meus amigos  
Alguns de nós chapados  
Alguns de nós perdidos  
Muitos de nós calados  
Os que falam soam bandidos!  
(A pior música do ano – Froid/Djonga)

*Fuck the police!*  
*Comin' straight from the underground*  
*A young nigga got it bad 'cause I'm brown*  
*And not the other color some police think*  
*They have the authority to kill a minority*  
(Fuck Tha Police - N.W.A.)



e-luis-roberto-em-defesa-da-copa-america-no-pais.shtml>). Atualizando novamente, eu não estava com Covid, o teste deu negativo, estou bem de saúde, me alimentando bem, me cuidando e produzindo e estudando na medida do possível, sigo mantendo isolamento o máximo possível. A Copa América está acontecendo, hoje, 23 de junho às 21hrs tem o jogo do Brasil contra a Colômbia. Que se dane! A notícia que me preocupa é a seguinte: Covid-19: Brasil ultrapassa Índia e volta a ser líder mundial em mortes diárias por coronavírus (<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57585145>>). São mais de 3.000 óbitos registrados por dia. Apesar da quantidade de mortos, a vacina e a gestão da pandemia não são prioridade. Na verdade a prioridade tem sido a redução de tarifas de importação de games, cordas e instrumentos de cordas como guitarras e baixos, e também skates e peças de skate (<<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/economia/bolsonaro-anuncia-redu%C3%A7%C3%A3o-de-imposto-para-importa%C3%A7%C3%A3o-de-instrumentos-musicais-e-skate-1.606838>>). Vejam só, não é qualquer genocídio. É um genocídio ao som de guitarras bem altas e manobras radicais nos boards no mundo real e virtual. E com copa América. Gritemos: YEAHHHH!!!! Sintam-se bem vivos enquanto podem. Até quando vamos escapar? Será que vamos virar estatística? NÃO, NÃO, NÃO!!!! Precisamos resistir. Se isolar. Se proteger. A morte caminha fria e lenta como a tartaruga que vence a lebre. A morte flana. A morte chuta a bola na copa e mete gol. A morte voa rápido como um caça, um míssil, uma bala. E os jornais se enchem de morte. Até quando irão tocar esse hino necro. Vamos celebrar o skate nas olimpíadas de Tokyo. Uma competição mundial manipulada pelo Estado e o Capital. A soberania segue ditando quem vive e quem morre. Bolsonaro surfa no hype. Será que temos mesmo algo a agradecer? Algo a comemorar? O que vai acontecer? O genocídio vai seguir. Por exemplo a PL490, recentemente aprovada, o bolo inconstitucional de retrocessos da bancada ruralista que visa acabar com a demarcação de territórios indígenas. A PL da destruição do bioma e da regularização do garimpo na Amazônia. A PL da destruição e genocídio de culturas, territórios e povos indígenas. Os índios estão nas estradas, o povo Guarani Mbya da Terra Indígena Jaraguá fechou a rodovia dos Bandeirantes em SP. Vale lembrar que toda a extensão do território nacional é terra indígena.

Aqui foto do genocida posando com o skate como se fosse o paladino do esporte e da vida. Na minha pesquisa não consegui encontrar o nome do fotógrafo nem da agência detentora dos direitos dessa imagem. Essa imagem distorce a minha mente... Chega a doer, eu não vou sofrer sozinho, meu orientador sugeriu que eu retirasse a foto, pois ele diz que ela não merece ir para a posteridade, mas ela me causa um sentimento de escárnio, que eu acho necessário.



Uma força do ódio, uma paixão triste, uma potência na despotencialização. Acima vemos, no sorriso desse genocida, a expressão do caos capitalista e necropolítico capturando o skateboard e sua cultura. Abaixo, um pouco mais de escárnio. Afinal, precisamos de expurgar nossas pulsões. Porém a imagem abaixo me agrada muito mais. Produzido pelo coletivo de arte Indecline em parceria com o artista plástico Eugene Merino.





Vídeo disponível na matéria: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2020/09/coletivo-de-arte-e-ameacado-apos-jogo-de-futebol-com-bola-que-replica-a-cabeca-de-bolsonaro-ckffp8hbz002r012yb49nrtga.html>>.

Obrigado a todos, com exceção do despresidente e de sua corja! Obrigado Skateboard!

Me dedico a saber lidar com obstáculos cada vez maiores, e deslizar por eles, saltá-los, manobrando com estilo, nas quatro bases. Deslizar, deslizar, deslizar. “O surfista dançarino escorrega nas ondas, acoplado a seu objeto nômade, a prancha. O surfista escorrega nas ondas como se escorrega na vida” (Daniel Lins). Manter a continuidade da linha. Manobras complexas, técnicas, mas não só isso, apreciar o rolê, cada instante, fruir e flamar, e fecundar os espaços e os pensamentos. Evoluir, ampliar as capacidades do corpo e da mente. Me divertir. Escapar. Escorregar. Dedico este texto a todos que estiveram comigo no período de pesquisa, skatistas, filósofos, amigos, pessoas que fizeram um fluxo intenso de signos. Um foguete no pé. Contra toda caretece. Pelas ideias cheias de verve, vivacidade. Por uma cidade menos cinza, pela diversão e diversidade, sempre reinventando a cidade. Pela vida.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
APONTAMENTOS INICIAIS .....	21
CAPÍTULO I.	
IMANÊNCIA, SKATOSOFIA, ETOLOGIA - VELOCIDADES E LENTIDÕES - ESPINOSA, DELEUZE, GUATTARI.....	24
CAPÍTULO II.	
SURF, SKATE, GIBUS, DELEUZE, GUATTARI, LINS .....	42
CAPÍTULO III. ....	45
A QUESTÃO DO RACISMO NA PRODUÇÃO HISTÓRICA DO DELÍRIO OCIDENTAL - NECROPOLÍTICA .....	45
CAPÍTULO IV.	
FLANANDO AS FLANANTOPIAS.....	53
CAPÍTULO V.	
ESPINOSA E NÓS.....	65
CAOSMOPOLIS.....	66
CAPÍTULO VI.	
COISAS IMPORTANTES PARA A CENA .....	70
O SKATE E A UFU .....	73
DE CARRINHO EM UBERLÂNDIA: GALPÃO E CIDADINIDADE .....	75
CAPÍTULO VII.	
FRONTEIRAS NOS JARDINS DA RAZÃO .....	79
VÁ PARA OS BRAÇOS DE MORFEU.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
APÊNDICE .....	91
NOSTALGIA .....	92
DIÁRIO DE BORDO.....	94
ANEXOS .....	96
GLOSSÁRIO.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	98

## INTRODUÇÃO

*“La persévérance est une chance et la chance est une danse.”* (Gibus de Soultrait).

A perseverança é uma chance, a chance é uma dança.

Eu só poderia crer em um Deus que surfa, em um Deus que dança.

Quantas chances desperdicei?

Quantas danças não tenho o passo, o ritmo.

Segura a onda!

Essa é a história das chances que eu aproveitei, das ondas que eu surfei, das danças que não me faltaram estilo.

“O surfista é um equilibrista dançarino de uma cena líquida”. (Daniel Lins). É preciso molhar o skate, regar, hidratar o movimento.

## APONTAMENTOS INICIAIS

Este é um documento sobre skate. Um registro em primeira pessoa sobre “andar de skate” e sobre as vivências do universo do skate, e o que isto pode produzir. Também uma etnografia sobre essa prática urbana muito popular: o skateboarding, o “esporte da moda” entre todas as idades e tribos, um esporte ao mesmo tempo individual e coletivo no qual, usando uma prancha de madeira, acoplada a eixos de metal com rodinhas de poliuretano e rolamentos, os praticantes, conforme sua habilidade técnica, deslizam pelo chão, calçada, asfalto, corrimão, como se estivesse surfando, descem ladeiras, saltam de *gaps*, escadas, desviam de obstáculos etc. Um esporte extremo? Radical? Agressivo? Um universo polissêmico, um território pedindo para ser explorado, capaz de te levar explorar outras novas ondas, ainda desconhecidas, outras velocidades e acelerações, novas formas de ser e estar, ocupar, se apropriar e se mover, migrar, equilibrar, significar escrever, pensar, viver. Só o tempo irá dizer, o que de fato é o skateboard. Assim como aquilo que Daniel Lins disse sobre o surf: “O futuro dirá se é um efeito de moda ou uma prática profunda e durável” (LINS, 2008, p. 57).

Em meio aos skatistas de Uberlândia e de algumas das cidades vizinhas, e seus pensadores, leitores, interlocutores, autores. Um trabalho de campo. Uma etologia<sup>2</sup>. Este também é um documento de filosofia. Escolhi Deleuze e Espinosa para serem uns dos nossos principais interlocutores nesta dissertação, devido à atualidade de seu pensamento, na dimensão política, psicológica e estética, e seu leque conceitual extremamente valioso. Espinosa lutou para fazer de sua filosofia um instrumento de libertação, para elevar sua mente e seu corpo, e a de seus interlocutores, leitores e contemporâneos, ao maior nível de liberdade possível. Deleuze nos diz:

Há, efetivamente, em Espinosa, uma filosofia da “vida”: ela consiste precisamente em denunciar tudo o que nos separa da vida, todos esses valores transcendentais que se orientam contra a vida, vinculados às condições e às ilusões da nossa consciência. A vida está envenenada pelas categorias do Bem e do Mal, da falta e do mérito, do pecado e da remissão<sup>3</sup>. O que perverte a vida é o ódio, inclusive o ódio contra si mesmo, a culpabilidade. Espinosa segue passo a passo o terrível encadeamento das paixões tristes: em primeiro lugar a tristeza em si, a seguir o ódio, a aversão, a zombaria, o temor, o desespero, o *morsus conscientiae*<sup>4</sup>, a piedade, a indignação, a inveja, a humildade, o arrependimento, a abjeção, a vergonha, o pesar, a cólera, a vingança, a crueldade<sup>5</sup>... A sua análise é tão profunda que consegue encontrar, até na *esperança* e na *segurança*, o grão de tristeza que basta para fazer delas sentimentos de escravos<sup>6</sup>. A verdadeira cidade propõe aos cidadãos o amor da liberdade de preferência à esperança das recompensas ou mesmo a segurança dos bens; pois “é aos escravos, não aos homens livres, que damos recompensas por boa conduta”<sup>7</sup>. Espinosa não é daqueles que pensam que uma paixão triste tem algo de bom. Antes de Nietzsche, ele denuncia todas as falsificações da vida, todos os valores em nome dos quais nós depreciamos a vida: nós não vivemos, mantemos apenas uma aparência de vida, pensamos apenas em evitar a morte e toda a nossa vida é um culto à morte (DELEUZE, 2002, p. 32).

---

<sup>2</sup> Estudo das capacidades afectivas de um corpo, isto é, suas relações imanentes de velocidade e lentidão, variações do indivíduo conforme sua potência e vontade de potência. “Tais estudos, que definem os corpos, os animais ou os homens, pelos afetos de que são capazes fundaram o que chamamos hoje de *etologia*. [...] A etologia é, antes de tudo, o estudo das relações de velocidade e de lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa. Para cada coisa, essas relações e esses poderes possuem uma amplitude, limiares (mínimo e máximo), variações ou transformações próprias” (DELEUZE, 2002, p. 130).

<sup>3</sup> *Ética*, I, apêndice.

<sup>4</sup> dores de consciência, peso na mente (tradução nossa).

<sup>5</sup> *Ética*, III.

<sup>6</sup> *Ética*, IV, 47, esc.

<sup>7</sup> *Tratado político*, cap. X, 8.

Este trabalho, portanto, visa desenvolver uma pesquisa sobre a filosofia da imanência<sup>8</sup>, a *etologia*, extraída principalmente das obras de Espinosa e Deleuze, e correlacioná-la com a prática do skateboard, desenvolvendo assim um trabalho social, em conexão com o trabalho filosófico. Também propomos a tradução de alguns textos selecionados. Valemo-nos de entrevistas e de material audiovisual, para além dos trabalhos teóricos. Pretendemos também realizar uma crítica ao Estado, a partir dos conceitos de Mbembe e Foucault. Queremos injetar uma dose de imanência no skate, tomar uma injeção de imanência através dele. Sobre essa conexão das filosofias de Deleuze, Guattari, Nietzsche e Espinosa, e sua relação com o surf, Daniel Lins escreve:

O surfista, *deus* que brinca com os deuses aquáticos, força desmesurada de uma ontologia sísmica, é alguém que diz sim à vida. Diria, pois, que afora os múltiplos aspectos que reúnem em uma só prancha as filosofias de Nietzsche e Deleuze, há um que considero sumamente importante e que marca a aliança entre os dois pensadores: o pensamento como receptor da vida é tão-somente movimento. Movimentos rápidos e heterogêneos percorrendo as superfícies, compreendendo o próprio ser como as superfícies a atravessar. [...] O surfe, pois, como arte da imanência! Perceber os limites do extremo, de um vazio ou de um caos cósmico vital é se colocar na paixão *planetária*, viver o dionisíaco e passar do caos original ao cosmos formal, praticando a natureza como sociedades humanas, em um retorno estético aos princípios selvagens. (LINS, 2008, p. 57-8)

Tudo é mar, e assim como todo rio, toda rua corre para o mar, tudo é o oceano, as cidades são cheias de ondas, fico a derivar nelas, danço a dança das tuas marés de concreto e aço. Me afogo, me acalmo, bom mesmo é estar no mar, o mar de éter da imanência. Dentro d'água. Devir-peixe. Por onde as ondas nos levam, com as pranchas. Nas ruas, nas praças, nos picos, na praia. O mar não começa nem termina. Através dele meu grito ecoa, e retorna para mim. Marulho cósmico infinito. Fazer da cidade o mar, território liso, por onde deslizam as errâncias nômades dos surfistas skatistas do concreto, da onda dura. Filósofos, peripatéticos, *flaneurs*, flanantes, perambulantes, deslizantes, desejantes, delirantes, desterritorializantes, reterritorializantes, girando com poliuretano nos eixos de metal. Hidratados em suas deambulações em busca de ocupar a cidade e transformar seus espaços, fluxos, signos, alfabeto. Afim de recriar as ruas e suas funções burocráticas, práticas, mercadológicas. Por um novo princípio de fulguração.

---

<sup>8</sup> “Todo o caminho da Ética se faz na imanência; mas a imanência é o próprio inconsciente e a conquista do inconsciente” (DELEUZE, 2002, p. 35).



Independentemente de teleologias, teologias, de órgãos, de instituições, de moral, do niilismo, apesar dos genocidas, a tarefa maior da filosofia é afirmar a vida. Criar o conceito de modo que engendre os valores de vida.

## CAPÍTULO I.

### IMANÊNCIA, SKATOSOFIA, ETOLOGIA - VELOCIDADES E LENTIDÕES - ESPINOSA, DELEUZE, GUATTARI

Skatosofia, dentre alguns significados, é um experimento audiovisual textual. A mistura de imagens de skate, manobras, com áudios da leitura de textos filosóficos. Colocamos nossas questões filosóficas, enquanto andamos de skate, algumas são: qual a influência da *Etologia* de Espinosa na filosofia de Deleuze? Na temática do corpo como modelo para a filosofia, da alegria e do bom encontro, enquanto denúncias da má consciência e das paixões tristes, da desvalorização dos valores (ponto de encontro com Nietzsche), a denúncia do tirano e da necessidade do súdito triste, etc. Estes conceitos precisos são extraídos principalmente das obras: *Ética*, de Espinoza, e *Espinoza - Filosofia prática*, de Gilles Deleuze. O que é a esquizoanálise senão a *etologia*? Além disso, desejamos mostrar como essa postura espinosista, advinda de sua filosofia prática, se revela na arte do skateboard, e no posicionamento político que lhe é implícito e frequentemente compartilhado nos pequenos grupos. Onde quer que se encontre uma fagulha do pensamento de Espinosa se encontra a denúncia das paixões tristes e da trindade moralista que visa entristecer a vida: o escravo, o tirano e o padre...

Espinosa, em toda sua obra, não cessa de denunciar três espécies de personagem: homem das paixões tristes; o que explora as paixões tristes, que precisa delas para estabelecer seu poder; enfim, o homem que se entristece com a condição humana e as paixões do homem em geral (que tanto pode zombar como se indignar, essa mesma zombaria constitui um mau risco)<sup>9</sup>. O escravo, o tirano e o padre... trindade moralista. [...] O tirano precisa da tristeza das almas para triunfar, do mesmo modo que as almas tristes precisam de um tirano para se prover e propagar. De qualquer forma, o que os une é o ódio à vida, o ressentimento contra a vida. A *Ética* traça o retrato do homem do ressentimento, para quem qualquer tipo de felicidade é uma ofensa, e faz

<sup>9</sup> Cf. a denúncia da “sátira” por Espinoza: *Tratado político*, Cap. I, 1, e *Ética*, III. prefácio.

da miséria ou da impotência sua única paixão. “Os que não sabem fortificar os espíritos dos homens mas sim deprimi-los, esses são insuportáveis para si mesmos”<sup>10</sup> (DELEUZE, 2002, p. 31-2).

O que torna esta pesquisa relevante para a filosofia? Aqui o corpo é um modelo para o pensamento, a definição espinosista de corpo em oposição a consciência. E mais, o skate é objeto de pesquisa relevante para esta problemática filosófica. A consciência aqui será triplamente desqualificada, em seus valores transcendentais, hábitos e paixões tristes, que se configuram através da trindade moralista: o escravo, o tirano e o padre. A lei moral ou social não nos revela conhecimento algum sobre a natureza, assim como a lei de Cristo (a lei teológica). No máximo, essas leis nos impedem o conhecimento e reprimem a nossa natureza. Queremos nos instalar na causa, na *causa sui*, mas não há como estar lá apenas teoricamente, ou por magia. Espinosa define um corpo de duas maneiras: cada corpo, independente da sua figura, comporta uma infinidade de partículas; a singularidade de um corpo se define pela relação de velocidades e lentidões dessas partículas. É uma cinética, vale dizer, movimento-mudança, por isso, cinema, arte. O que surpreende mais que a própria consciência é o desconhecido do corpo e o inconsciente do pensamento. Trata-se da inversão do princípio tradicional da metafísica e da moral, de que a alma é superior ao corpo, que os sentidos nos enganam, que a alma é imortal, que o corpo quando age deixa a alma padecer, que o corpo é imoral, pecaminoso, que se deve buscar conhecer as “coisas superiores”. Não se trata de propor a preeminência de uma sobre a outra, não trata de afirmar a existência da extensão em detrimento do pensamento, alma, consciência; trata-se de afirmar que não sabemos por completo qual a potência de um corpo: o que pode um corpo? E também não sabemos qual a potência de um pensamento, ou de uma paixão na alma: o que pode cada uma delas? O que um pode produzir no outro? A questão que se dá a saber, a mais importante, é a questão da produção, do engendramento do eu no mundo, do corpo e do pensamento com relação às instituições e a verdadeira produção de um no outro, a imanência do naturado e naturante, por oposição à ideia metafísica de substância e criação. Um corpo pode afetar e ser afetado, pode criar ação, potências ativas, movimento, e pode sofrer paixões, ser afetado por aquilo que vem de fora. Nos encontros infinitos dos corpos e micro-corpos é que se define a produção real de devir: um corpo encontra outro e com este compõe sua realidade. A consciência recolhe os efeitos: ora as relações cinéticas compõe e produzem um aumento de potência no todo que formam, ora a sua

---

<sup>10</sup> *Ética*, IV, apêndice, Cap. 13.

harmonia é quebrada e há decomposição da coesão de suas partes. A consciência recolhe “o que acontece” ao nosso corpo; somos condicionados a ter mais “ideias inadequadas” do que “ideias adequadas”, que aumentam nossa liberdade e potência no mundo. Dir-se-á de grosso modo que o bem é a potência e o mal é a própria impotência, com relação aos corpos e micro-corpos e suas realizações de agenciamentos, devires. Bem e mal sempre são definidos a partir de uma instância transcendente, de uma projeção antropomórfica: trata-se do julgamento de Deus. A lei que determina estes valores não parte da concepção de Deus enquanto imanência, Natureza. Podemos aqui introduzir a distinção entre uma moral e uma ética? Poderíamos se sua distinção fosse meramente teórica, nos diz Deleuze. Vejamos dois fragmentos do livro de Deleuze dedicado a Espinosa:

A lei, moral ou social, não nos traz conhecimento algum, não dá nada a conhecer. Na pior das hipóteses, impede a formação do conhecimento. [...] Segundo Espinosa, o drama da teologia, a sua nocividade, não são apenas especulativos; provêm da confusão prática que ela nos inspira entre essas duas ordens diferentes por natureza. A teologia considera pelo menos que os dados da escritura são bases para o conhecimento, mesmo que esse deva ser desenvolvido de forma racional, ou até transposto, desenvolvido pela razão: daí a hipótese de um Deus moral, criador e transcendente. Há, aqui, como veremos adiante, uma confusão que compromete toda a ontologia: a história de um longo erro onde se confunde o mandamento com algo a compreender, a obediência com o próprio conhecimento, o Ser com um Fiat. A lei é sempre a instância transcendente que determina a oposição dos valores Bem/Mal, mas o conhecimento é sempre a potência imanente que determina a diferença qualitativa dos modos de existência bom/mau. (DELEUZE, 2002, p. 30-1)

A Ética de Espinosa não tem nada a ver com uma moral, ele a concebe como uma etologia, isto é, como uma composição das velocidades e das lentidões, dos poderes de afetar e de ser afetado nesse plano de imanência. Eis porque Espinosa lança verdadeiros gritos: não sabeis do que sois capazes, no bom como no mau, não sabeis antecipadamente o que pode um corpo ou uma alma, num encontro, num agenciamento, numa combinação. (DELEUZE, 2002, p. 130)

Os skatistas, assim como as crianças<sup>11</sup>, são espinosistas sem ter lido a obra deste autor? Pelo simples fato de criar potência, criar devires, realizar o irrealizável, pensar o impensável, lançar-se na velocidade infinita do pensamento e realizar movimentos incríveis, pela arte de sua cinética, pela emoção, pela liberdade, por amor. Nunca pelo medo ou hesitação. A palavra mais

<sup>11</sup> “As crianças são espinosistas. [...] O espinosismo é o devir-criança do filósofo” (DELEUZE; GUATTARI. *Mil Platôs*. IV. 2012, p. 43-4).

correta é confiança. Nós, skatistas, vivemos a verdadeira confiança e união com as leis da Natureza de que Espinosa falava. Assim como as crianças, pensamos em matéria de afeto: o que pode um corpo, o que pode fazer?

Desvalorizamos todas as paixões tristes em proveito da alegria, somos espíritos livres, denunciemos tudo o que nos separa da vida. Todos esses valores transcendentais que envenenam a vida, as categorias do Bem e do Mal, mérito, culpa, pecado, remissão, não passam de arranjos sociais para engendrar a escravidão, a culpa, o ressentimento. Estamos livres do ódio à vida, do ódio à diferença e do ódio a nós mesmos? Combatemos a consciência mórbida, a tristeza, o fascismo, o ódio, a diversidade, a aversão? Queremos cidadãos livres e felizes, que amem a si mesmos e aos outros, e que cada um torne-se aquilo que se é? Deleuze, sobre potência em Espinosa, nos diz:

O poder de ser afetado apresenta-se então como *potência para agir*, na medida em que se supõe preenchido por afecções ativas e apresenta-se como *potência para padecer*, quando é preenchido por paixões (*pathos*). [...] A potência de agir e a potência de padecer variam uma e outra profundamente, em razão inversa. (DELEUZE, 2002, p 33).

Quando algo *de fora* nos afeta e causa alegria, temos ainda uma paixão e não uma potência ativa, ainda não possuímos a potência de agir formalmente. Nos tornamos senhores dessa potência quando somos dignos das alegrias ativas, quando o afeto preenche a si mesmo *de dentro*, com afecções ativas, alegrias ativas. Este é um dos problemas práticos da *Ética* de Espinosa, que é uma ética da Alegria. Para além da distinção entre paixão e ação, há duas espécies de paixões: paixões tristes e paixões alegres. A paixão, nos dois casos, preenche nossa potência de ser afetado e nos *separa* da potência ativa de agir. Quando sofremos afecções vindas dos corpos *de fora* somos preenchidos de alegria ou de tristeza, e dizemos que nossa potência aumenta ou diminui conforme se dá a variação destes afetos, como ela é sentida pelo modo que as produz. Mesmo quando nos preenchemos com alegrias ativas vindas dos afetos ainda não estamos em posse da imanência. Mas nos aproximamos cada vez mais de nos tornarmos senhores de nós mesmos e de nossas paixões.

Como produzir para si o *máximo de paixões alegres*, passar pelos sentimentos livres ativos, criar a partir de si mesmo, fazer a vida passar por um novo modo de expressão? Como surfar, quando somos levados pela nossa própria natureza a nos condenar, a maus encontros, tristezas, ilusões, desencontros; quando somos deveras vezes condenados pelo campo social e

econômico de várias maneiras; quando nossa subjetividade é minada com o objetivo de domar nossos corpos, DISCIPLINAR, de voltar nosso movimento apenas para reprodução do mecanismo social? Como conseguir formar *ideias adequadas*? Como ser Livre, Consciente de Si, do Outro e de Deus? É como conseguir descer uma rampa? É como acertar um *ollie-air*? É exatamente o que os skatistas fazem, conquistar a imanência. Eles pensam o que fazem. Eles são donos de si? Donos da rua? Da cidade? Com toda ontologia e metafísica a que eles têm direito. Dissipando a cortina de fumaça das ilusões e realizando o fluxo de imanência, a manobra, o salto, o corte preciso no real, o surf como criação de movimento, tirando a onda, passagem, transmutação, transporte<sup>12</sup>.

Deleuze, nas últimas páginas de *Espinosa - filosofia prática*, afirma que escritores, poetas, músicos, cineastas e também pintores (e por que não skatistas), inclusive leitores ocasionais, podem se tornar espinosistas: a filosofia espinosista está na não-filosofia. Espinosa é um filósofo que dispõe de um aparelho conceitual complexo, que lida com a tradição em toda sua complexidade, extremamente avançado, sistemático. E, contudo, é objeto de encontro imediato e sem intermediário algum: qualquer não filósofo pode se deparar com essa realidade, receber de Espinosa uma iluminação, um raio, uma determinação cinética, um impulso, uma onda. Espinosa ensina o filósofo a tornar-se não filósofo, e ao não-filósofo lhe atribui a mais alta filosofia prática.

Escritores, poetas, músicos, cineastas e também pintores, inclusive leitores ocasionais, podem se tornar espinosistas, mais do que filósofos de profissão. É uma questão de concepção prática do “plano”. Não é que se seja espinosista sem sabê-lo. Mas, bem antes, há um curioso privilégio de Espinosa, algo que só ele parece ter alcançado. É um filósofo que dispõe de um extraordinário aparelho conceitual, extremamente avançado, sistemático e sábio; e contudo ele é, no nível mais alto, o objeto de um encontro imediato e sem preparação, tal que um não-filósofo, ou ainda alguém despojado de qualquer cultura, pode

---

<sup>12</sup> “Há uma enfiada de bordas, uma linha contínua de bordas (fibra), de acordo com a qual a multiplicidade muda. E a cada limiar ou porta, um novo pacto? Uma fibra vai de um homem a um animal, de um homem ou de um animal a moléculas, de moléculas a partículas, até o imperceptível. Toda fibra é fibra de Universo. Uma fibra de enfiada de bordas constitui uma linha de fuga ou de desterritorialização. Vê-se que o Anômalo, o Outsider, tem muitas funções: ele não só bordejia cada multiplicidade cuja estabilidade temporária ou local ele determina, com a dimensão máxima provisória; ele não só é a condição da aliança necessária ao devir; como conduz as transformações de devir ou as passagens de multiplicidades cada vez mais longe na linha de fuga. [...] O erro, do qual é preciso preservar-se, é o de acreditar numa espécie de ordem lógica nessa enfiada, nessas passagens ou transformações. Já é muito postular uma ordem que iria do animal ao vegetal, depois às moléculas, às partículas. Cada multiplicidade é simbiótica e reúne em seu devir animais, vegetais, micro-organismos, partículas loucas, toda uma galáxia. Não há tampouco uma ordem lógica pré-formada entre esses heterogêneos, entre lobos, as abelhas, os ânus, e as pequenas cicatrizes do Homem dos lobos. Evidentemente, a feitiçaria não para de codificar certas transformações de devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 35).

receber dele uma súbita iluminação, um “raio”. [...] Quem é espinosista? Às vezes, certamente, aquele que trabalha “sobre” Espinosa, sobre os conceitos de Espinosa, à condição de isso ser feito com bastante reconhecimento e admiração. Mas também aquele que, não-filósofo, recebe de Espinosa um afeto, um conjunto de afetos, uma determinação cinética, uma pulsão, e faz assim de Espinosa um encontro e um amor. O caráter único de Espinosa é que ele, o mais filósofo dos filósofos (ao contrário do próprio Sócrates, ele só recorre à filosofia...), ensina o filósofo a tornar-se não-filósofo. E é no Livro V, que não é de forma alguma o mais difícil, porém, o mais veloz, de uma velocidade infinita, que os dois se reúnem, o filósofo e o não-filósofo, como um único e mesmo ser. Além disso, que extraordinária composição tem esse Livro V, e como nele se faz o encontro entre o conceito e o afeto. E como esse encontro é preparado, tornado necessário pelos movimentos celestes e subterrâneos que, os dois juntos, compõem os livros precedentes. [...] O livro V é a unidade extensiva extrema, mas isso porque ele é também a ponta intensiva a mais compacta: não existe mais nenhuma diferença entre o conceito e a vida. (DELEUZE, 2002, p. 134-5).

A vida habitou o conceito, ou o conceito habita a vida? Proliferou-se. A filosofia, enquanto criação conceitual, pra nada serve se não para à vida. Nas seguintes citações de outras obras de Deleuze se reencontra estas mesmas afirmações cheias de vivacidade. Reproduzirei na íntegra os trechos que mais nos interessam neste momento sobre a filosofia, não filosofia e a criação de conceitos:

Tornamo-nos animal, para que o animal também se torne outra coisa. A agonia de um rato ou a execução de um bezerro permanecem presentes no pensamento, não por piedade, mas como a zona de troca entre o homem e o animal, em que algo de um passa ao outro. É a relação constitutiva da filosofia com a não-filosofia. O devir é sempre duplo, e é este duplo devir que constitui o povo por vir e a nova terra. O filósofo deve tornar-se não-filósofo, para que a não-filosofia se torne a terra e o povo da filosofia. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 132)

O plano da filosofia é pré-filosófico, enquanto o consideramos nele mesmo, independentemente dos conceitos que vêm ocupá-lo, mas a não-filosofia encontra-se lá, onde o plano enfrenta o caos. *A filosofia precisa de uma não-filosofia que a compreenda, ela precisa de uma compreensão não-filosófica, como a arte precisa da não-arte e a ciência da não-ciência*<sup>13</sup>. Elas não precisam de seu negativo como começo, nem como fim no qual seriam chamadas a desaparecer realizando-se, mas em cada instante de seu devir ou de seu desenvolvimento. Ora, se os três não se distinguem ainda pela relação com o plano cerebral, não mais se distinguem pela relação com o caos no qual

---

<sup>13</sup> François Laruelle propõe uma compreensão da não-filosofia como “real (de) a ciência”, para além do objeto de conhecimento: *Philosophie et non-philosophie*, Ed. Mardaga. 1989. Mas não se vê porque este real da ciência não é também não-ciência.

o cérebro mergulha. Neste mergulho, diríamos que se extrai do caos a sombra do “povo por vir”, tal como a arte o invoca, mas também a filosofia, a ciência: povo-massa, povo-mundo, povo-cérebro, povo-caos. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 256 -7)

Se a filosofia começa com a criação de conceitos, o plano de imanência deve ser considerado como pré-filosófico. Ele está pressuposto, não da maneira pela qual um conceito pode remeter a outros, mas pela qual os conceitos remetem eles mesmos a uma compreensão não-conceitual. Esta compreensão intuitiva varia ainda segundo a maneira pela qual o plano está traçado. Em Descartes, tratar-se-ia de uma compreensão subjetiva e implícita suposta pelo Eu penso como primeiro conceito; em Platão, era a imagem virtual de um já-pensado que redobraría todo conceito atual. Heidegger invoca uma “compreensão pré-ontológica do Ser”, uma compreensão “pré-conceitual” que parece bem implicar a captação de uma matéria do ser em relação com uma disposição do pensamento. De qualquer maneira, a filosofia coloca como pré-filosófica, ou mesmo não-filosófica, a potência de um Uno-Todo como um deserto movente que os conceitos vêm a povoar. Pré-filosófica não significa nada que preexista, mas algo que não existe fora da filosofia, embora esta o suponha. São suas condições internas. O não-filosófico está talvez mais no coração da filosofia que a própria filosofia, e significa que a filosofia não pode contentar-se em ser compreendida somente de maneira filosófica ou conceitual, mas que ela se endereça também, em sua essência, aos não-filósofos<sup>14</sup>. Veremos que esta remissão constante à não-filosofia assume aspectos variados; de acordo com este primeiro aspecto, a filosofia, definida como criação de conceitos, implica uma pressuposição que dela se distingue, e que todavia dela é inseparável. A filosofia é ao mesmo tempo criação de conceito e instauração do plano. O conceito é o começo da filosofia, mas o plano é sua instauração<sup>15</sup>. O plano não consiste evidentemente num programa, num projeto, num fim ou num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre os quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar os conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nadadeiras. Pensar suscita a indiferença geral. E todavia não é falso dizer que é um exercício perigoso. É somente quando os perigos se tornam evidentes que a indiferença cessa, mas eles permanecem freqüentemente escondidos, pouco perceptíveis, inerentes à empresa. Precisamente porque o plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso. Corremos em direção ao horizonte, sobre o plano de imanência; retornamos dele com olhos vermelhos, mesmo se são os olhos do espírito. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, 51-2)

<sup>14</sup> François Laruelle desenvolve uma das tentativas mais interessantes da filosofia contemporânea: invoca um Uno-Todo que qualifica de “não-filosófico” e, estranhamente, de “científico”, sobre o qual se enraíza a “decisão filosófica”. Este Uno-Todo parece próximo de Espinosa. Cf. *Philosophie et non-philosophie*, Ed. Mardaga, 1989.

<sup>15</sup> Etienne Souriau publicou, em 1939, *L'Instauration philosophique*, Ed. Alcan. Sensível à atividade criadora em filosofia, ele invoca uma espécie de plano de instauração como solo desta criação, ou “filosofema”, animado de dinamismos (p. 62-3).

Com a filosofia cristã a situação piora. A posição de imanência continua sendo a instauração filosófica pura, mas ao mesmo tempo ela só é suportada em doses muito pequenas, ela é severamente controlada e enquadrada pelas exigências de uma transcendência emanativa e sobretudo criativa. Cada filósofo deve demonstrar, com o risco de sua obra e por vezes de sua vida, que a dose de imanência, que ele injeta no mundo e no espírito, não compromete a transcendência de um Deus ao qual a imanência não deve ser atribuída senão secundariamente (Nicolau de Cusa, Eckhart, Bruno). A autoridade religiosa quer que a imanência não seja sustentada senão localmente ou num nível intermediário, um pouco como numa fonte em cascata na qual a água pode brevemente manar sobre cada plataforma, mas sob a condição de vir de uma fonte mais alta e descer mais baixo (transcendência e transdescendência, como dizia Wahl). Da imanência, pode-se estimar que ela seja a pedra de toque incandescente de toda a filosofia, porque toma para si todos os perigos que esta deve enfrentar, todas as condenações, perseguições e denegações que ela sofre. Isso demonstra, ao menos, que o problema da imanência não é abstrato ou somente teórico. À primeira vista, não se vê por que a imanência é tão perigosa, mas é assim. Ela engole os sábios e os deuses. A parte da imanência, ou a parte do fogo, é por ela que se reconhece o filósofo. A imanência só é imanente a si mesma, e então toma tudo, absorve o Todo-Uno, e não deixa subsistir nada a que ela poderia ser imanente. Em todo caso, cada vez que se interpreta a imanência como imanente a Algo, pode-se estar certo que este Algo reintroduz o transcendente. A partir de Descartes, e com Kant e Husserl, o cogito torna possível tratar o plano de imanência como um campo de consciência. É que a imanência é suposta ser imanente a uma consciência pura, a um sujeito pensante. Este sujeito, Kant o nomeará transcendental e não transcendente, precisamente porque é o sujeito do campo de imanência de toda experiência possível, ao qual nada escapa, o exterior bem como o interior. Kant recusa todo uso transcendente da síntese, mas remete a imanência ao sujeito da síntese, como nova unidade, unidade subjetiva. Ele pode até mesmo dar-se ao luxo de denunciar as Idéias transcendentais, para fazer delas o “horizonte” do campo imanente ao sujeito. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 56-7)

IMANÊNCIA<sup>16</sup> ABSOLUTA DO MESMO - é a inseparabilidade de todos os momentos, é a simultaneidade e engendramento de todos acontecimentos na produção de cada acontecimento,

---

<sup>16</sup> “Até os fracassos fazem parte do plano [de imanência]” (DELEUZE; GUATTARI. 2012, p. 43).

“O plano de consistência da Natureza é como uma imensa máquina-abstrata, no entanto real e individual, cujas peças são os agenciamentos ou os indivíduos diversos que agrupam, cada um, uma infinidade de partículas sob uma infinidade de relações mais ou menos compostas. Há, portanto, unidade de um plano de natureza, que vale tanto para os inanimados, quanto para os animados, para os artificiais e os naturais. Esse plano nada tem a ver com uma forma ou uma figura, nem com um desenho ou uma função. Sua unidade não tem nada a ver com a de um fundamento escondido nas profundezas das coisas, nem de um fim ou de um projeto no espírito de Deus. É um plano de extensão, que é antes como a secção de todas as formas, a máquina de todas as funções, e cujas dimensões, no entanto, crescem com as das multiplicidades ou individualidades que ele recorta. Plano fixo, onde as coisas não se distinguem senão pela velocidade e lentidão. Plano de imanência ou de univocidade, que se impõe à analogia. O Uno se diz num só e mesmo



de todo o devir. Sou eu agora ligado a todos os momentos da minha vida, ligado ao momento da minha morte, do meu primeiro ao último suspiro, delirando a imensidão da história universal da contingência de todos os acontecimentos em efervescência; Metafísica, patafísica, delírio, megalomania cósmica, comer estrelas. Cuspir sóis. Ser colossal, ser molecular, molar, dissolvido, concreto. Planômeno, Rizosfera, Hipersfera, Flanar o cosmos. Varar o *gap* entre eu e você, eu e o *outro*. É assim que nós operamos, skatistas, filósofos, feiticeiros, *brujos*, alquimistas, xamãs. Vagabundos cósmicos. Não segundo um plano do espírito, ou uma ordem pré-estabelecida, mas segundo alianças, compatibilidades, agenciamentos. E temos um simples motivo para operar assim: é que não sabemos de antemão que elementos irão compor com consistência, é preciso experimentar, usar a droga, se lançar no perigo. Ninguém sabe o que irá se encontrar nas passagens, por onde a *linha de fuga* irá passar, de uma borda para outra, de uma plataforma para outra, limiares.

Ninguém, nem mesmo Deus, pode dizer de antemão se duas bordas irão enfileirar-se ou fazer fibra, se tal multiplicidade passará ou não a tal outra, ou se tais elementos heterogêneos entrarão em simbiose, farão uma multiplicidade consistente ou de co-funcionamento, apta à transformação. Ninguém pode dizer por onde passará a linha de fuga: ela se deixará atolar para recair no animal edipiano da família, um rele cachorrinho? Ou então cairá num outro perigo, como virar a linha de abolição, de aniquilamento, de autodestruição? [...] Sabemos demais dos perigos da linha de fuga, e suas ambiguidades. Os riscos estão sempre presentes, e a chance de se safar deles é sempre possível: é em cada caso que se dirá se a linha é consistente, isto é, se os heterogêneos funcionam efetivamente numa multiplicidade de simbiose, se as multiplicidades transformam-se efetivamente em devires de passagem. Que se tome um exemplo tão simples como: *x* se põe a tocar piano de novo... É um retorno edipiano à infância? É uma maneira de morrer numa espécie de abolição sonora? É uma nova borda, com uma linha ativa que vai provocar outros devires, devires inteiramente diferentes de devir pianista ou de devi-lo novamente, e que vai induzir uma transformação de todos os agenciamentos precedentes dos quais *x* era prisioneiro? Uma saída? Um pacto com o diabo? A esquizoanálise ou a pragmática não tem outro sentido: faça rizoma, mas você não sabe com o que você pode fazer rizoma, que haste subterrânea irá fazer efetivamente rizoma, ou fazer devir, fazer população no seu deserto. Experimente. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 36)

---

sentido de todo o múltiplo, o Ser se diz num só e mesmo sentido de tudo o que difere. Não estamos falando aqui da unidade da substância, mas da infinidade das modificações que são partes umas das outras sobre esse único e mesmo plano de vida” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 41).

O que cada um de nós tem são nossos próprios *critérios* para guiar essa experiência, experimentação. Estamos a nossa própria sorte, sempre estivemos. O que nos salva é que esses nossos critérios funcionem, que nos tirem do perigo no momento certo. É a intuição de pegar a onda e não ser esmagado por ela. Atravessar as dimensões, acompanhar suas transformações, não é tarefa fácil, uma vez que a infinidade dos arquétipos geométricos suscitam no espírito vertiginosas imagens inimagináveis, como uma figura de cinco, seis ou mais dimensões. O plano de imanência e consistência recorta todas as dimensões, nos diz Deleuze.

Para melhor explicar o conceito de *etologia*, e sua importância no interior do pensamento de Espinosa, e também o conceito de imanência, e sua relação com a crítica das paixões tristes, passo a palavra a Deleuze novamente, neste parágrafo que nos traz muito conteúdo de uma forma rápida e sucinta:

Um indivíduo é antes de mais nada uma essência singular, isto é, um grau de potência. A essa essência corresponde uma relação característica; a esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado. Essa relação finalmente subsume partes, esse poder de ser afetado é necessariamente preenchido por afecções. Assim, os animais definem-se menos por noções abstratas de gênero e de espécie que pelo poder de serem afetados, pelas afecções de que são “capazes”, pelas excitações a que reagem nos limites da sua potência. A consideração dos gêneros e das espécies implica ainda uma “moral”; enquanto a *Ética* é uma *etologia* que, para os homens e para os animais, considera em cada caso somente o poder de ser afetado. Ora, precisamente, do ponto de vista de uma *etologia* do homem, devemos distinguir duas espécies de afecção: *as ações*, que se explicam pela natureza do indivíduo afetado e derivam de sua essência; *as paixões*, que se explicam por outra coisa e derivam do exterior. (DELEUZE, 2002, p. 33)

Na tentativa de definir o que é o skate, encontramos uma multiplicidade quase infinita de respostas, uma verdadeira ótica de gama ampla, fecunda para a filosofia. Contudo, é unânime entre os skatistas e os admiradores não praticantes que o skate é expressão absoluta de liberdade, força de vida. Atualmente existem muitos trabalhos acadêmicos sobre skate, no Brasil e no exterior. Vamos discorrer sobre alguns, pensar junto com outros, e criar o nosso. O universo do skate e da fotografia estão ligados. Sempre fui apaixonado por audiovisual, pela composição de um bloco-de-percepto que é o filme, imagem e movimento, música, e filosofia, o conceito que orienta a experimentação. Cito Deleuze e Guattari:

A história da filosofia é comparável à arte do retrato. Não se trata de “fazer

parecido”, isto é, de repetir o que o filósofo disse, mas de produzir a semelhança, desnudando ao mesmo tempo o plano de imanência que ele instaurou e os novos conceitos que criou. São retratos mentais, noéticos, anímicos. E, embora sejam feitos ordinariamente com meios filosóficos, pode-se também produzi-los esteticamente. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 68)

É assim que vamos produzir nossos conceitos. Com pedaços de um livro, rabiscos de um caderno, restos de shapés de maple, *no brain no gain*. “Os skatistas criativos estão se juntando nas praças, e discutindo, estão se juntando e descobrindo o poder que há nisso, pegando o seu lixo e transformando em obstáculos, e quebrando os tentáculos que nos prendem ao sistema, sem causar nem um problema, os skatistas criativos estão bem perto de você, não se preocupe eles estão do seu lado”, disse O Novíssimo Edgar na Dornelândia (vide anexos). Andando de Switch, dropando na vida. Cada momento é único, voe. O artista é o senhor dos objetos, diz Deleuze<sup>17</sup>, “integra na sua arte objetos partidos, queimados, estragados, para submetê-los ao regime das máquinas desejanter, nas quais o desarranjo faz parte do próprio funcionamento; ele apresenta máquinas paranóicas, miraculantes, celibatárias como outras tantas máquinas técnicas, pronto a minar as máquinas técnicas com máquinas desejanter. Mais ainda: a própria obra de arte é uma máquina desejanter. O artista acumula o seu tesouro para uma explosão próxima, razão pela qual ele acha que as destruições, na verdade, não advêm com suficiente rapidez”. As máquinas-desejanter ficam a derivar na anti-produção.

Cada medalha desses indivíduos que foram para as olimpíadas, cada atleta que conseguiu, em qualquer modalidade uma medalha, representa um soco na cara desse desgoverno. As medalhas do skate então, nem se fala. Um esporte que foi da proibição, da transgressão, aos holofotes das olimpíadas. Leonardo Brandão<sup>18</sup> conta essa história na Folha de São Paulo dessa semana: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/07/do-surfe-de-calcada-a-rayssa-leal-skate-foi-da-transgressao-a-industria-esportiva.shtml>>. E também podemos assistir sua aula através deste link: <<https://www.youtube.com/watch?v=bSb0wWaZoNw>>.

---

<sup>17</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 49.

<sup>18</sup> Doutor em História pela PUC-SP. Professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: brandaoleonardo@uol.com.br.

Tênis velho, rodinhas de poliuretano, manobras, imanência, o groove repetitivo de um beat soul funky music, remix lo-fi de mpb, ritornelo<sup>19</sup>, partes de um poema, máquina desejante,

---

<sup>19</sup> “Diríamos que o *ritornelo* é o conteúdo propriamente musical, o bloco de conteúdo próprio da música. Uma criança tranquiliza-se no escuro, ou bate palmas, ou inventa um passo, adapta-o aos traços da calçada [...] Trá lá lá. Uma mulher cantarola, ‘eu a ouvia cantarolando uma ária, com voz baixa, suavemente’. Um pássaro lança seu ritornelo. A música inteira é atravessada pelo canto dos pássaros, de mil maneiras, de Jannequin a Messiaen. Frrr, Frrr. A música é atravessada por blocos de infância e de feminilidade. A música é atravessada por todas as minorias e, no entanto, compõe uma potência imensa. Ritornelos de crianças, de mulheres, de etnias, de territórios, de amor e de destruição: nascimento do ritmo. A obra de Schumann é feita de ritornelos, de blocos de infância, que ele submete a um tratamento muito especial: seu próprio devir-criança, seu próprio devir-mulher. [...] O motivo do ritornelo pode ser a angústia, o medo, a alegria, o amor, o trabalho, a marcha, o território..., mas quanto ao ritornelo, ele é o conteúdo da música. [...] Não dizemos absolutamente que o ritornelo seja a origem da música, ou que a música comece com ele. Não se sabe muito bem quando começa a música. O ritornelo seria antes um meio de impedir, de conjurar a música ou de poder ficar sem ela. Mas a música existe porque o ritornelo existe também, porque a música toma, apodera-se do ritornelo como conteúdo numa forma de expressão, porque faz bloco com ele para arrastá-lo para outro lugar. O *ritornelo de criança, que não é música, faz bloco com o devir-criança da música*: uma vez mais foi necessária essa composição assimétrica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 105-6).

“Os ritornelos do animal e da criança parecem territoriais: é por isso que eles não são ‘música’. Mas quando a música se apropria do ritornelo para desterritorializá-lo, e desterritorializar a voz, quando ela se apropria do ritornelo para fazê-lo correr num bloco sonoro e rítmico, quando o ritornelo ‘torna-se’ Schumann ou Debussy, é através de um sistema de coordenadas harmônicas e melódicas onde a música se reterritorializa nela mesma, enquanto música. Inversamente, veremos que mesmo um ritornelo animal, em certos casos, já tinha forças de desterritorialização muito mais intensas do que as silhuetas, posturas e cores animais. É preciso, portanto, levar em conta muitos fatores: as territorialidades relativas, as desterritorializações respectivas, mas também as reterritorializações correlativas, e ainda muitos tipos de reterritorializações, por exemplo intrínsecas como as coordenadas musicais, ou extrínsecas como a decadência do ritornelo em refrão, ou da música em cançãozinha. Que não haja desterritorialização sem reterritorialização especial deve nos fazer pensar de outra maneira a correlação que subsiste sempre entre o molar e o molecular: nenhum fluxo, nenhum devir-molecular escapam de uma formação molar sem que componentes molares os acompanhem, formando passagens ou referências perceptíveis para processos imperceptíveis. [...] O devir-mulher, o devir-criança da música aparecem no problema de uma maquinação da voz. Maquinar a voz é a primeira operação musical. Dominique Fernandez escreveu sobre isso um belo livro, onde, precavendo-se felizmente de qualquer consideração psicanalítica sobre uma ligação da música e da castração, mostra que o problema musical de uma maquinação da voz implicava necessariamente a abolição da robusta máquina dual, isto é, da formação molar que distribui as vozes em ‘homem ou mulher’<sup>77</sup>. [...] Ser homem *ou* mulher não existe mais em música. Não é certeza, no entanto, que o mito do andrógino invocado por Fernandez seja suficiente. Não se trata de mito, mas de devir real. É preciso que a própria voz atinja um devir-mulher ou um devir-criança. E está nisso o prodigioso conteúdo da música. Sendo assim, como o nota Fernandez, não se trata de imitar a mulher ou de imitar a criança, mesmo se é uma criança que canta. É a própria voz musical que se torna criança, mas, ao mesmo tempo, a criança se torna sonora, puramente sonora. Jamais criança alguma teria podido fazê-lo ou, se o faz, é tornando-se também outra coisa que não criança, criança de um outro mundo estranhamente celeste e sensual. Em suma, a desterritorialização é dupla: a voz desterritorializa-se num devir-criança, mas a própria criança que ela se torna é desterritorializada, inengendrada, está em devir. ‘Asas deram impulso à criança’, diz Schumann” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 110-11).

rizoma<sup>20</sup>, asfalto e cidadinidade, política, micropolítica, devires, afetos, desafetos, amores, loucuras, erotismo, sexualidade, reterritorializações, mais livros, mais páginas, mais conceitos. Entre os autores e o aitoral. Buracos-negros engolindo nossa subjetividade. Genocidas engolindo nossa subjetividade. Monstros colossais. Monstros microcósmicos. Exploração da colônia; extirpação. Teatro da crueldade. *Revolution is only solution!* Onde está meu James Brown? *I wanna get funky!* Como diria Arnaldo Baptista, onde é que está meu *rock'n'roll*? Será que eu vou morrer de dor? Será que eu vou virar bolor? Hahahaha! Estamos todos numa prisão! Cadê o meu pão com carne.

---

<sup>20</sup> “Num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida — em suma, o rizoma é uma multiplicidade (como se vê, todas essas características prenunciavam a geografia imaterial da Internet, para cuja assimilação *filosófica* parecíamos tão pouco preparados)” (Peter Pál Pelbart, aba de *Mil platôs 4*, Ed. 34).

“Para os enunciados como para os desejos, a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar segundo uma árvore. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é essa produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 38). “Escrever a n, n-1, escrever por intermédio de *slogans*: faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Nunca idéias justas, justo uma idéia (Godard). Tenha idéias curtas. Faça mapas, nunca fotos nem desenhos. Seja a Pantera cor-de-rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea, o gato e o babuíno. [...] Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como o tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa ou repartir do zero, buscar um começo ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...)” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-9).

“O pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada, [...] o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore, apesar de muitas pessoas terem uma árvore plantada na cabeça” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 34). [...] “No Ocidente a árvore plantou-se nos corpos, ela endureceu e estratificou até os sexos. Nós perdemos o rizoma ou a erva. [...] Não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda. [...] Não é fácil ver a erva nas coisas e nas palavras. Nietzsche dizia da mesma maneira que um aforismo devia ser ‘ruminado’ e jamais um platô é separável das vacas que o povoam e que são também as nuvens do céu. [...] Como encontrará o livro um fora suficiente com o qual ele possa agenciar no heterogêneo, em vez de reproduzir um mundo? Cultural, o livro é forçosamente um decalque: de antemão, decalque dele mesmo, decalque do livro precedente do mesmo autor, decalque de outros livros sejam quais forem as diferenças. Decalque interminável de conceitos e palavras bem situados, reprodução do mundo presente, passado ou por vir. [...] Ainda e sobretudo no domínio teórico, qualquer esboço precário e pragmático é melhor do que o decalque de conceitos com seus cortes e seus progressos que nada mudam. A imperceptível ruptura em vez do corte significante. Os nômades inventaram uma máquina de guerra contra o aparelho de Estado. Nunca a história compreendeu o nomadismo, nunca o livro compreendeu o fora. Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o *logos*, o filósofo-rei, a transcendência da Idéia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 46-8).

Estou grato! Já disse! Eu ainda vou me libertar, me sinto livre às vezes, às vezes me prendo por vontade própria. Mil vezes escravo do sistema. Me sinto mais preso agora que disse isso. Não é questão de sentir, é de ter, não é questão de ter é questão de sentir. Como sentir e saber sem ter o que saber e sentir.

Está dado nosso personagem conceitual: o skatista. O nosso plano de imanência: a pandemia. E nossos amigos/rivais interlocutores: o filósofo, o poeta, o músico, o louco, o revolucionário, os outros skatistas. O que eles disputam? Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, nos dizem Deleuze e Guattari (2010), “e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceitos. Tal ou tal personagem conceitual pensa em nós, e talvez não nos preexistia”. Cada um deles disputa por nos levar ainda mais longe. Em territórios inauditos, interditos. Onde descobrimos senão mais uma proliferação de multiplicidades de personagens com suas linhas, traços, latitude e longitude de traços, rostos, sempre renovados, redescobertos, e as linhas de fuga, as formas de desfazer o rosto.

Amigos, inimigos, nomadismos, bons encontros, maus encontros, mas somente a alegria é válida para a *Ética*. Conseguir formar as *ideias adequadas*. Para falar como um bergsonista: formar um misto consistente. Compor com todo cuidado através do *élan vital*. Compomos planos de imanência, em cada um deles a questão é como eles se produzem, o que se produz, o que os distingue, que velocidades de viagem-imanência se realizam em cada um, o que passa, o que os preenche ou os esvazia. Alegria ou morte; estarmos completos ou separados da nossa potência de agir. Podemos produzir com qualquer coisa, nem sabemos com o que estamos produzindo e reproduzido, um rizoma de rizoma, o conceito de conceito, metalinguagem, transversalidade de modos da substância que se inserem em si por múltiplos lados e dimensões, possibilitando a troca multisemiótica, simbiótica, transmutação de coisas de diferentes naturezas, heterogêneas. Tanto o rizoma quanto os conceitos são chaves e peças maquinicas que mantêm sua relação com diferentes mundos. O mundo animal, o vegetal, o cósmico, o molecular, com o mundo da política, da escrita, do livro. Infinitos tipos de devires acontecem simultaneamente no corpo. Produzir um conceito, produzir um corpo-sem-órgãos<sup>21</sup>; mexer nas peças de uma máquina desejante envolve sempre

---

<sup>21</sup> “O corpo é tão-somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do CsO, Metrôpoles, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia? Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado

algum perigo. Use máscara e passe seu álcool gel. Evite aglomerações. O perigo é constante. Como dizem as letras dos compositores baianos, “atenção, tudo é perigoso, tudo é divino maravilhoso, atenção para o refrão, é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte” ou “caia na estrada e perigas ver”.

Correr com as ondas nessa dança marítima é correr risco. Nesse sentido, surfar é dançar, é se deixar imergir pelo sonambulismo virtual, por um estado de droga sem droga, um estado drogado abstermido em uma solidão habitada pelas ondas - linha desejanste, pico à vista, local ideal para ser frequentado... (LINS, 2008, p. 55)

---

por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau — grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade = O, mas nada há de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero. Por isto tratamos o CsO como o ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, antes da formação dos estratos, o ovo intenso que se define por eixos e vetores, gradientes e limiares, tendências dinâmicas com mutação de energia, movimentos cinemáticos com deslocamento de grupos, migrações, tudo isto independentemente das *formas acessórias*, pois os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras.<sup>4</sup> O órgão muda transpondo um limiar, mudando de gradiente. ‘Os órgãos perdem toda constância, quer se trate de sua localização ou de sua função (...) órgãos sexuais aparecem por todo o lado (...) ânus emergem, abrem-se para defecar, depois se fecham, (...) o organismo inteiro muda de textura e de cor, variações alotrópicas reguladas num décimo de segundo’.<sup>5</sup> O ovo tântrico.<sup>5</sup> Burroughs, *Le festin nu*, p. 21. Finalmente, o grande livro sobre o CsO não seria a *Ética*? Os atributos são os tipos ou os gêneros de CsO, substâncias, potências, intensidades Zero como matrizes produtivas. Os modos são tudo o que se passa: as ondas e as vibrações, as migrações, limiares e gradientes, as intensidades produzidas sob tal ou qual tipo substancial a partir de tal matriz. [...] O problema de uma mesma substância para todas as substâncias, de uma substância única para todos os atributos, vem a ser este: *existe um conjunto de todos os CsO*? Mas se o CsO já é um limite, o que seria necessário dizer do conjunto de todos os CsO? O problema não é mais aquele do Uno e do Múltiplo, mas o da multiplicidade de fusão, que transborda efetivamente toda oposição do uno e do múltiplo. Multiplicidade formal dos atributos substanciais que constitui como tal a unidade ontológica da substância. *Continuum* de todos os atributos ou gêneros de intensidade sob uma mesma substância, e *continuum* das intensidades de um certo gênero sob um mesmo tipo ou atributo. *Continuum* de todas as substâncias em intensidades, mas também de todas as intensidades em substância. *Continuum* ininterrupto do CsO. O CsO, imanência, limite imanente. Os drogados, os masoquistas, os esquizofrênicos, os amantes, todos os CsO prestam homenagem a Espinosa. O CsO é o *campo de imanência do desejo*, o *plano de consistência* própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 16-7).

Os skatistas têm dado um péssimo exemplo em se tratando de isolamento na pandemia. Em todo o mundo. É muito difícil ficar em casa. Deixar pra desbravar o mundo amanhã, num amanhã que nunca chega, que parece nunca chegar.

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.  
 A persistência confusa da minha subjetividade objetiva,  
 O sono da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço antecipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um elétrico...  
 Esta espécie de alma...  
 Só depois de amanhã...  
 Hoje quero preparar-me,  
 Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Ele é que é decisivo.  
 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 Amanhã é o dia dos planos.  
 Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...  
 Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.  
 Só depois de amanhã...  
 Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
 Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...  
 Depois de amanhã serei outro,  
 A minha vida triunfar-se-á,  
 Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático  
 Serão convocadas por um edital...  
 Mas por um edital de amanhã...  
 Hoje quero dormir, redigirei amanhã...  
 Por hoje, qual é o espetáculo que me repetiria a infância?  
 Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,  
 Que depois de amanhã é que está bem o espetáculo...  
 Antes, não...  
 Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei.  
 Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.  
 Só depois de amanhã...  
 Tenho sono como o frio de um cão vadio.  
 Tenho muito sono.  
 Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...  
 Sim, talvez só depois de amanhã...  
  
 O porvir...  
 Sim, o porvir...



14-4-1928 - **Adiamento** - Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. (PESSOA, 2012, p. 215-6)

O que nos interessa na filosofia senão aquilo que o conceito tem de intensivo, de sensível, estético, fenomênico, dinâmico, vivo? Em uma palavra: aquilo que o conceito tem de Real. Mas também aquilo que sua virtualidade e aparência colocam em jogo no Real ou a realidade a que aqueles remetem *a priori*. Nos interessa a potência do conceito. Devir os mais variados personagens conceituais que compomos: pensar a filosofia a partir de uma experiência estética, do intensivo, do *corpo-sem-órgãos*, do *campo de imanência* e sua *autopoiese*. Pensar com as tripas e entranhas. Onde nada falta para o *desejo*. O esquizofrênico<sup>22</sup> e o filósofo se confundem: o primeiro é um personagem conceitual que vive o pensamento e o pensador; o outro é um tipo psicossocial que aprisiona o movimento do pensador e do pensamento; os dois se conjugam, se enlaçam em um acontecimento.

Os traços dos personagens conceituais têm, com a época e o meio históricos em que aparecem, relações que só os tipos psicossociais permitem avaliar. Mas inversamente, os movimentos físicos e mentais dos tipos psicossociais, seus sintomas patológicos, suas atitudes relacionais, seus modos existenciais, seus estatutos jurídicos, se tornam suscetíveis de uma determinação puramente pensante e pensada que os arranca dos estados de coisas históricos de uma sociedade, como do vivido dos indivíduos para fazer deles traços de personagens conceituais, ou acontecimentos do pensamento sobre o plano que ele traça ou sob os conceitos que ele cria. Os personagens conceituais e os tipos psicossociais remetem um ao outro e se conjugam, sem jamais se confundir. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 85)

NÃO EXISTE NADA MAIS INÚTIL QUE UM ÓRGÃO. É o corpo-sem-órgãos que nos interessa. Aquilo que resta quando tudo foi retirado. A intensidade do artista, do filósofo, do autor, do skatista. A possibilidade de sofrer ou de gozar. De fazer durar. Criar para-si, povoar com

---

<sup>22</sup> “Na esquizofrenia é como no amor: não há especificidade alguma e nem entidade esquizofrênica; a esquizofrenia é o universo das máquinas desejastes produtoras e reprodutoras, a universal produção primária como ‘realidade essencial do homem e da natureza’” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16).

“Tem-se frequentemente aproximado a filosofia e a esquizofrenia; mas, num caso o esquizofrênico é um personagem conceitual que vive intensamente no pensador e o força a pensar, no outro é um tipo psicossocial que reprime o vivo e lhe rouba o pensamento. E os dois, por vezes, se conjugam, se enlaçam como se, um acontecimento forte demais, respondesse um estado vivido difícil demais de suportar” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 86).

multiplicidades, dar continuidade. Engendrar essa onda. Surfar essa onda intensiva. Molecular, dançante. Então era isso! Então era eu! Complexa idiossincrasia. A síntese conjuntiva de todos os fluxos materiais e semióticos desterritorializados. Nos interessa o ponto onde o desejo toca a si mesmo como desejante de si, para si, em si. Onde a Ouroboros viva se encontra. Onde o desejo é máquina acoplada<sup>23</sup> a sua própria zona de imanência. Ali onde nada falta, onde o conceito transborda suas zonas a-significantes para além do significante da linguagem e nada mais quer significar, apenas fluir, realizar. O filósofo surfista quer apenas deslizar; deslizar nos fluxos<sup>24</sup> que fragmentam o objeto, que supõe sua fragmentação.

Há *traços dinâmicos*: se avançar, trepar, descer são dinamismos de personagens conceituais, saltar à maneira de Kierkegaard, dançar como Nietzsche, mergulhar como Melville são outros, para atletas filosóficos irreduzíveis uns aos outros. E se nossos esportes hoje estão em plena mutação, se as velhas atividades produtoras de energia dão lugar a exercícios que se inserem, ao contrário, sobre feixes energéticos existentes, não é somente uma mutação no tipo, são outros traços dinâmicos ainda que se introduzem num pensamento que “desliza” com novas matérias de ser, vaga ou neve, que fazem do pensador uma espécie de surfista como personagem conceitual. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 87)

Então é isso ou aquilo, então sou eu. Então é... O movimento de tomada de consciência em que o sujeito percebe a conexão dos fluxos e pode fruir de si mesmo<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> “As máquinas desejantes são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada a outra. A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: ‘e’, ‘e depois’... É que há sempre uma máquina produtora de um fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo (o seio – a boca). [...] O desejo faz correr, flui e corta” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16).

<sup>24</sup> “O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. [...] Bolsa de águas e cálculos do rim; fluxo de cabeça, fluxo de barba, fluxo de esperma, de merda ou de urina produzidos por objetos parciais constantemente cortados por outros objetos parciais que, por sua vez, produzem outros fluxos também recortados por outros objetos parciais. Todo ‘objeto’ supõe a continuidade de um fluxo, e todo fluxo supõe a fragmentação do objeto. Sem dúvida, cada máquina-órgão interpreta o mundo inteiro segundo seu próprio fluxo, segundo a energia que flui dela: o olho interpreta tudo em termos de ver – o falar, o ouvir, o cagar, o foder... Mas sempre uma conexão se estabelece com outra máquina, numa transversal em que a primeira corta o fluxo da outra ou ‘vê’ seu fluxo ser cortado pela outra” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16).

<sup>25</sup> “Como foi possível reduzir a síntese conjuntiva do ‘então era isso!’, do ‘então sou eu!’ à eterna melancólica descoberta do Édipo, ‘Então é meu pai, então é minha mãe...’? São questões que não podemos responder ainda” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 35).

## CAPÍTULO II.

### SURF, SKATE, GIBUS, DELEUZE, GUATTARI, LINS

Inserir-se numa onda<sup>26</sup>, numa força pré-existente na natureza e deslizar. Novas matérias da existência, vaga ou neve, como lembraram Deleuze e Guattari, ou a onda dura das rampas congeladas de cimento, pedra, madeira, a onda dura das ladeiras de asfalto, ou a onda dura dos ferros quentes dos *trucks* nos *rails*. Deslizar. A onda do sobrevoo seguido do impacto, se lançar e absorver, acoplado a uma máquina catalisadora do movimento. Ondas que nunca param de quebrar. Daniel Lins<sup>27</sup>, no seu artigo *Deleuze surfista da imanência: a relação entre o surf e a inspiração do filósofo francês Gilles Deleuze*, nos diz o seguinte:

O surf é um jogo, como todo esporte, mas equipado de um aspecto lúdico que lhe é intrínseco. O surf pode tão-só se emancipar mediante duas condições: o surf é desenvolvimento da alegria pelo corpo, surfar é criar movimento. O que qualifica um bom surfista é, pois, a facilidade com a qual ele realiza seu movimento numa superfície de jogo pertencente a uma velocidade nômade do movimento e do tempo da onda. No entanto, ele brinca de brincar com a onda excedendo os limites da própria onda e de suas regras não estabelecidas. Sua ação poderá superar a chegada da vaga, fazendo dos limites o lugar de transmutação da conformidade e da violência da calma da própria onda. Superar regras e limites é o que Deleuze nomeia O jogo ideal e que, pessoalmente, chamo um movimento louco para um jogo ideal. (LINS, disponível em: <<http://overtebral.blogspot.com/2009/11/deleuze-surfista-da-imanencia.html>>)

Jogar com a onda, jogar com o corpo, jogar com o infinito e o indeterminado, mas jogar com o mundo e com os valores, jogar com a sociedade, no acaso de suas ondas e limites, de suas regras estabelecidas, é uma arte, um conhecimento de si e do outro. Este jogo está também na escrita, no modo como decidimos escrever. Daniel Lins mostrou com estas palavras que o surf, e

---

<sup>26</sup> “E se nossos esportes hoje estão em plena mutação, se as velhas atividades produtoras de energia dão lugar a exercícios que se inserem, ao contrário, sobre feixes energéticos existentes, não é somente uma mutação no tipo, são outros traços dinâmicos ainda que se introduzem num pensamento que ‘desliza’ com novas matérias de ser, vaga ou neve, que fazem do pensador uma espécie de surfista como personagem conceitual” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 86).

<sup>27</sup> dlins2007@yahoo.com.br

Sociólogo, filósofo e psicanalista, com doutorado em Sociologia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1990) e pós-doutor em Filosofia pela Université de Paris VIII (2003).

analogamente o skate, extrapolam o campo dos esportes, porque alcançam o campo da arte e da filosofia, do pensamento em geral.

Em seu célebre Abecedário, Gilles Deleuze nos fala de uma certa “teoria das dobras”, ao comentar sobre a correspondência que trocava com os surfistas, onde contou:

Tive uma experiência, os dobradores de papéis chegam e dizem: a dobra somos nós. Os outros, que me enviaram o mesmo tipo de carta, é incrível, foram os surfistas. À primeira vista não há relação alguma com os dobradores de papéis. Os surfistas dizem: “concordamos totalmente, pois, o que fazemos? Estamos sempre nos insinuando nas dobras da natureza. Para nós, a natureza é um conjunto de dobras móveis. Nós nos insinuamos na dobra da onda, habitar a dobra da onda é a nossa tarefa. Habitar a dobra da onda e, com efeito, eles falam disso de modo admirável. Eles pensam, não se contentam em surfar, eles pensam o que fazem. Tive um encontro com o surfe, literalmente, saí da filosofia pela filosofia, é isso um encontro. (Disponível em: <<http://overtebral.blogspot.com/2009/11/deleuze-surfista-da-imanencia.html>>)

Deleuze surfou por muito tempo nos livros, nas dobras dos papéis, na escrita autoral e na escrita acadêmica, e pôde produzir um aparato conceitual que auxilia muitos de nós na sua filosofia de vida. O autor notou que, mais importante que nos insinuar sobre as dobras dos papéis, é insinuar-nos sob as dobras da vida, lançar-se no mundo sem reserva, e assim como os skatistas, saber lidar com obstáculos cada vez maiores, saltar e deslizar por eles, realizando sempre o bom movimento, o bom encontro, que demonstra toda a nossa potência cinética. Girar 180 graus no pico de uma rampa, por exemplo, implica a velocidade absoluta do pensamento. A intuição aguçada e a precisão do pensamento está em lançar o corpo em uma zona de previsibilidade na execução do movimento: o pensamento se instala lá, na borda da criação do movimento. O skate é sobre isso, sobre previsão: é preciso prever todo o movimento em simultaneidade a sua criação, na borda do tempo espaço, da criação de devir, na dobra da onda real, projetando-se, lançando-se na medida exata que aumenta imediatamente sua potência, verificado pelo aumento de sua velocidade, pela exatidão do voo ou da aterrissagem. Desenhar na sinuosidade das ondas, das rampas, das bordas. É o conhecimento prático do surfista e do skatista. Eecífico e raro é este saber, modelar tanto para ciência quanto para a política, ética e estética. O surfista sabe pegar a onda, colocar-se na onda. Aproveitando-se de toda a liberdade que a natureza lhe oferece, seguindo as regras do movimento e do fluxo da onda, alinhado com seu próprio fluxo, o skatista e o surfista compõe a onda. É preciso desconstruir a noção comum de que o skatista é ergofóbico, incompetente intelectual, burro, vagabundo, não trabalha, sem cultura, sem vocabulários, desprovido de pensamento. A verdade é que o skatista

representa uma ameaça ao culto do trabalho alienado e não libidinal (em termos marcuseanos). A filosofia está no skate e no surf, conforme eles se unem como uma expressão da liberdade, do autoconhecimento, da autonomia, do equilíbrio, balanço, ritmo, profundidade, altura, velocidade, força. Quem anda de skate pensa o skate. O conceito é pático, relacional, dinâmico, jurídico, existencial. Assim como a onda.

A voz que vos fala é de alguém que deseja viver, que busca os elementos sublimes da vida, alguém que joga. A denúncia deste trabalho é de uma sociedade em degenerescência, de um modo de trabalho alienante. Queremos a cultura e a cidade menos cinza, a sociedade está desfalcada de tinta e de tela. Derramar as tintas, dar cores, pintar novas formas de viver. O skate quebra as barreiras dos mundos internos e externos. Os caminhos a serem percorridos são caminhos por fora e por dentro. Lins nos apresenta Deleuze e Gibus e a relação do pensamento destes dois autores, o filósofo e o surfista, e eu lhes apresento ambos também. *Le surf change le monde*, foi o livro que Gibus de Soultrait me enviou pelo correio quando entrei em contato com ele pela internet, solicitando algum material textual para enriquecer minha pesquisa. Trata-se de um livro que contém tanto uma abordagem histórica, mas também narrativa, reflexiva, filosófica sobre: o que vem a ser o surf?

Surfista, jornalista, pesquisador, entre outras coisas, Gibus publicou este livro em 2019, pela editora Vent de Terre. Seu conteúdo é variado, com textos de diferentes épocas da vida do autor, onde ele nos conta sobre o surgimento do surf entre os polinésios e sua civilização marítima. Um povo hedonista que viveu no Havaí, que tirava todo seu sustento do mar, da pesca, onde a junção de sua cultura com um arquipélago rico em boas ondas favoreceu a chance para se dar esse acontecimento que foi o surgimento do surf. O autor escreve: “o prazer de deslizar é uma sensação adequada aos polinésios. [...] Entendemos que a invenção do surf é específica dos polinésios e do Havaí” (SOULTRAIT, 2019, p. 16-20, *tradução nossa*). Este povo já praticava o surf em pranchas de madeira quando, por volta de 1777, o navegador inglês James Cook (1728-1779), chegou ao Havaí e foi o primeiro homem branco a ver o surf e importá-lo para a Europa.

Gibus, neste livro, também nos conta sobre a propagação dessa prática pela Califórnia nos anos 60, quando o surf passa a ser assimilado pela contracultura, e se associa com o espírito de resistência de uma juventude que protestava pelo fim da guerra no Vietnã, por Direitos Civis, e rebelavam-se contra o sistema cultural e político vigente. O surf nesta época se tornou parte essencial dos movimentos de contracultura. Nos diz Gibus que essas pessoas ajudaram a forjar uma

preciosa utopia fundada na consciência ecológica que o surf trazia em si, devido ao contato com a natureza. Ele também conta de suas viagens marítimas realizadas nos anos 70. Enfim, suas viagens, o surf e suas experiências ainda o levaram a compor uma teoria filosófica sobre o movimento, através de uma reflexão nutrida também por uma troca de signos e cartas com G. Deleuze, e pela leitura da obra deste autor. O que resultou em um trabalho, publicado em 1995, chamado *L'entente du mouvement*.

No decorrer de sua obra, Gibus nos faz enxergar a recusa de nossa modernidade à utopia advinda do surf e nos traz a reflexão da importância de uma consciência ecológica para mudarmos o destino do nosso planeta. Segundo ele, o surf mudou o mundo, justamente para um mundo em que podemos sonhar, criar, imaginar, ao sabor e à graça que o ritmo e o movimento nos ocasionam. O movimento de nossa época é uma onda a ser surfada.

O surf, assim como os outros esportes de escorrego (skate, body-board, snowboard, etc.) que surgem a partir dos anos 70, são interpretados como expressões de uma nova técnica de resistência política, expressão de liberdade e de emancipação da sociedade.

### **CAPÍTULO III.**

#### **A QUESTÃO DO RACISMO NA PRODUÇÃO HISTÓRICA DO DELÍRIO OCIDENTAL - NECROPOLÍTICA**

O que é a *Crítica da razão negra*? Trata-se de um livro de filosofia política, um texto de tomada de posição, que é anti-colonialista, anti-racista, que visa descolonizar a razão ou o pensamento, por meio de uma “reconciliação entre os múltiplos rostos da humanidade”, por meio da crítica e da problematização do pensamento europeu e de autores canônicos da filosofia iluminista, indiferentes ao tráfico negreiro. Este livro, que remonta à história da raça, do racismo e da escravidão, foi escrito de maneira rizomática, ou “como um rio de múltiplos afluentes”. Portanto significa e ressignifica muitas coisas em torno do complexo da raça, vale-se de um rico arcabouço linguístico, teórico e histórico, constituindo uma denúncia da mercantilização da vida, realizada

tanto no capitalismo incipiente, durante o período do tráfico atlântico (século XV ao XIX), como também no momento atual do capitalismo.

O que vem a ser a razão negra? Será dito por Mbembe que são imagens do saber, de paradigmas de submissão, de modelos de exploração e depredação, e das modalidades de sua superação. Por fim: um complexo psiconírico enquadrado na raça e na história da raça. Complexa rede de desdobramentos dos acontecimentos históricos. A razão negra é uma enorme jaula, está dito, o que vem a expressar uma semiótica do enclausuramento.

Mbembe alerta: é difícil falar de raça, ou do racismo, e só o é possível através de uma linguagem dúbia, pois não sabemos distinguir o cerne do significado de raça. Ficamos apenas nas aparências de suas camadas: raça ou racismo remetem sempre aos invólucros da superfície. “Se aprofundarmos a questão, a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos” (MBEMBE, 2014, p. 25). Qual a profundidade real e qual a profundidade fictícia da raça? “Figura da nevrose fóbica”, nos dirá Mbembe, “obsessiva e, porventura, histérica”. Esta é a figura da raça no delírio racista. A tese de Mbembe: a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça é pura ficção, a raça é uma construção ideológica, útil para desviar a atenção de conflitos anteriores, a luta de classe ou a luta de sexo.

Existe uma necessidade do povo ocidental de justificar e fundamentar seu poder sobre outros povos. Muitas vezes essa justificativa irá participar de uma narrativa mítica, religiosa ou filosófica, também darwinista ou positivista, desenvolvendo dessa maneira todo tipo de preconceito e perversidades do pensamento em prol de mercantilizar a vida, tornar uma pessoa viva em um objeto. Isso foi o que aconteceu com os povos de origem africana. Os negros nunca estiveram fora da história. Pelo contrário, sempre foram parte do encadeamento das coisas e dos acontecimentos. No entanto, para pensadores como Hegel, a África não existe, é uma abstração, são povos sem história, desprovidos de universalidade, incapazes de esconder sua animalidade, sem alma, sem razão, etc. Basta ler seu livro racista *Filosofia da História*.

A Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo, nos afirma Mbembe. É o momento de medir as consequências dessa reviravolta, onde a história e as coisas se voltam para nós: os colonizados. É um momento perigoso, contudo, nos adverte o autor, e com sua rostidade<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Em *Mil Platôs 3*, Deleuze e Guattari falam sobre a máquina abstrata muro branco-buraco negro, que compõe as linhas de um rosto: “o rosto é político”. “Havíamos encontrado dois eixos: um de significância e outro de subjetivação. Eram duas semióticas bastante diferentes, ou mesmo dois estratos. Mas a

camaronesa nos fala e pensa a identidade em termos de co-pertença, e não de reflexo de seu próprio espelho. Mbembe buscará evidenciar o núcleo de um complexo desejante, desejo=delírio, em termos esquizanalíticos<sup>29</sup>, por trás do projeto moderno de conhecimento e governação, que traz consigo a lógica da autoficção, do espírito absoluto, de enclausuramento, autocontemplação etc. “O delírio que a modernidade produziu”. Cito o autor:

A que se deve então este delírio, e quais as suas manifestações mais elementares? Primeiro, deve-se ao facto de o Negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Em qualquer lado onde apareça, o Negro liberta dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional. De seguida, deve-se ao facto de que ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal. Além do mais, como explicou Gilles Deleuze, “há sempre um negro, um judeu, um chinês, um mongol, um ariano no delírio”, pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças. Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. (MBEMBE, 2014, p. 11)

Um importante interlocutor deste livro é Franz Fanon, que nos diz em seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas*:

Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, e terá sido a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas. (FANON apud MBEMBE, 2014, p. 11)

---

significância não existe sem um muro branco sobre o qual inscreve seus signos e suas redundâncias. A subjetivação não existe sem um buraco negro onde aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias. [...] É entretanto curioso, um rosto: sistema *muro branco-buraco negro*” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 35-6).

<sup>29</sup> Deleuze e Guattari no prefácio à edição italiana de *Mil Platôs*, sobre o inconsciente, entendido como o delírio, afirmam que o complexo de Édipo é uma “ilusão inevitável” que falsifica a produção histórica e não revela o núcleo do complexo delirante. Para revelar este núcleo, os autores, neste livro, introduzem os argumentos que Mbembe cita de outro livro deles (*Dois regimes de loucos*), que vem a ser: “O delírio, ou o romance, é histórico-mundial, e não familiar (deliram-se as raças, as tribos, os continentes, as culturas, as guerras, as posições sociais etc...)” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 10). Basicamente é a dinâmica social que irá determinar a produção delirante.



Para enriquecer a reflexão, cito a definição que Foucault dá ao racismo:

Com efeito, que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. [...] Uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. [...] Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder. De outro lado, o racismo tem sua segunda função: tem como papel permitir uma relação positiva, se vocês quiserem, do tipo: “quanto mais você matar, mais você fará morrer”, ou “quanto mais você deixar morrer, mais, por isso mesmo, você viverá”. Eu diria que essa relação (“se você quer viver, é preciso que você faça morrer, é preciso que você possa matar”) afinal não foi o racismo, nem o Estado moderno, que inventou. É a relação guerreira: “para viver, é preciso que você massacre seus inimigos”. Mas o racismo faz justamente funcionar, faz atuar essa relação de tipo guerreiro – “se você quer viver, é preciso que o outro morra” – de uma maneira que é inteiramente nova e que, precisamente, é compatível com o exercício do biopoder. (FOUCAULT, 2005, p. 304-5)

Foucault dizia que o racismo funciona como uma estrutura favorável ao exercício do biopoder. Existe portanto o racismo de Estado. O aparelho do Estado precisa do racismo para exercer o seu biopoder: fazer viver, deixar morrer, fazer morrer. Mbembe, ao definir raça, nos informa que não há um ente real, ou lugar no mundo natural, da raça, isto é: a raça é uma ideologia unicamente, e diz algo muito parecido com o que foi afirmado por Foucault. Nas palavras de Mbembe:

Trata-se do que se apazigua odiando, mantendo o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o Outro não como *semelhante a si mesmo*, mas como objecto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o seu controlo total. (MBEMBE, 2014, p. 26)

A raça é um delírio, uma ficção feita para nos dissuadir e nos introduzir o ódio e a separação de grupos, para funcionar e agenciar o desejo de morte, para que o estado faça morrer, fragmentando a sociedade em grupos. Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs 3*, afirmam:

Se o rosto é o Cristo, quer dizer o Homem branco médio qualquer, as primeiras desvios, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria. Eles também serão

inscritos no muro (das significâncias), distribuídos pelo buraco (das subjetivações). Devem ser cristianizados, isto é, rostificados. O racismo europeu como pretensão do homem branco nunca procedeu por exclusão nem atribuição de alguém designado como Outro: seria antes nas sociedades primitivas que se apreenderia o estrangeiro como um “outro”. O racismo procede por determinação das variações de desvianças, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em ondas cada vez mais excêntricas e retardadas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (é um judeu, é um árabe, é um negro, é um louco..., etc). Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 50- 1).

A partir destas citações fica evidente o que estes autores trazem com relação ao delírio, ou à repulsa e atração desejanste, subjetivada, produzida socialmente, historicamente, ou os afetos e agenciamentos conscientes e inconscientes que são determinantes na construção/produção subjetiva do racismo. Quais afetos são produzidos pelos efeitos maquínicos da raça nos sujeitos desejanstes-delirantes? Qual o papel do desejo nessa questão? O que engendra o desejo de ser o branco e não o negro? Por que isto se dá historicamente? Tentando ser sucinto, é porque ninguém quer ser o escravo, o sem nome, sem história, sem direitos, sem voz, sem vida, sem tempo, ninguém quer ser tratado como tal. O branco, enquanto a raça hegemônica, trata de discriminar tudo que pertence à raça do negro: não só a cor de sua pele mas também o tipo do seu cabelo, os seus cheiros, os traços de sua rostidade, toda sua produção cultural etc. Não basta desapossar a força de trabalho, é necessário desapossar a língua e o nome próprio, retirando o negro da espécie humana, do direito a humanidade, do convívio co-humano, rebaixando-o a categoria de mero animal.

No primeiro momento da escravidão isto configurava-se pelo poder soberano da classe escravagista de “fazer morrer” e “deixar viver”, em termos foucaulteanos, retirados da aula de 17 de março de 1976, referenciada por Mbembe. Entretanto, ao poder da soberania faltavam ainda muitas coisas em nível de detalhe e de massa. O poder no século XIX tomou conta da vida, mais que da morte, tornando-se assim aquilo que Foucault chamava de “deixar morrer” e “fazer viver”, que vem a ser a maneira em que o biopoder, uma nova tecnologia de regulamentação do biológico em termos de espécie, encontra para fazer passar o direito soberano de matar. É aqui que o racismo intervém, mais precisamente o racismo de Estado. O poder agora decide que modo de vida pode ou não passar, através de otimizações científicas da vida e de sua regulamentação, o Estado “faz

viver” uma classe, um tipo de subjetividade, um povo, e “deixa morrer” outro(s), através de mecanismos que incidem sobre a população, e isto se dá pelo racismo.

Foucault irá nos falar também de pressões que a própria cidade incide sobre a sexualidade, logo sobre a procriação, que vem demonstrar esse ponto de contato do corpo do indivíduo com a população, ou os demais corpos. E este contato depende de uma disciplina, uma organização, uma “higiene das famílias”, os cuidados dispensados com a educação das crianças, a escolaridade, o trabalho, etc. Temos aqui, explícitos, diversos destes mecanismos.

Apesar do primeiro momento mais sombrio da escravidão, os negros não deixaram de ser sujeitos ativos na história. A conquista do acesso à escrita, no final do século XVIII, vem a ser o segundo momento da história da escravidão, nos relata Mbembe na introdução da *Crítica da Razão Negra*. Os negros passam então a reivindicar sua humanidade, a serem sujeitos completos do mundo vivo, articulando uma linguagem para si. Este momento é marcado pelas lutas abolicionistas, a independência do Haiti em 1804, o fim do apartheid nos EUA no século XX, as diversas leis abolicionistas no Brasil e ao redor do mundo, etc. Então, com o fim do tráfico humano destes seres-capturados-pelos-outros, se dá o terceiro momento (início do século XXI), que é a globalização dos mercados, os monopólios, as privatizações sob a égide do neoliberalismo, economia financeira, as tecnologias do poder, tecnologias eletrônicas e digitais, lógica empresarial, racionalização da vida, o complexo militar pós-imperial, etc. O capital se tornou um ilimitado do ponto de vista do seus fins e dos seus meios, e continua a se multiplicar por meio de dívidas insolúveis. Desta forma o capital dita seu próprio tempo e regime, uma vez que o modo de produção também se encarregou de fabricar as relações de filiação. A partir destas constatações que nos traz Mbembe, surge a tese de que já não há trabalhadores propriamente ditos. Só existem nômadas do trabalho: “Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, hoje, a tragédia da multidão é não poder já ser explorada de todo, é ser objecto de humilhação numa humanidade supérflua, entregue ao abandono, que já nem é útil ao funcionamento do capital” (MBEMBE, 2014, p. 14).

É próprio do capitalismo fazer da força de trabalho algo solúvel e descartável na relação com capital. Contudo, há uma recorrente ficção de um novo ser humano, que é “empresário de si mesmo”, mas que na verdade não passa do sujeito do mercado e da dívida. Este indivíduo é aprisionado nos delírios de seu ego, de que sua felicidade depende da sua capacidade de reconstruir publicamente seus delírios mais íntimos de poder, e oferece-los como moeda. É o sujeito neuroeconômico esquizóide que o capitalismo produziu e que Mbembe, tanto quanto Deleuze e

Guattari, denunciam em suas obras: este novo indivíduo acha-se produto do acaso natural, capaz de vestir qualquer conteúdo, isento, sem essência própria, delirando a história-universal sem ter a priori nenhum limite para a modificação de sua estrutura biológica e genética. Este é o homem-coisa, homem-máquina, homem-código e homem-fluxo, absorvido pela dupla inquietação exclusiva da sua bestial animalidade: a reprodução biológica de sua vida, o desejo de sexo, e sua coisificação (usufruir dos bens desse mundo). Este sujeito solúvel, que torna-se constantemente outro, coaduna com as necessidades da fase atual do neoliberalismo, correspondente à fusão de animismo e capitalismo: tudo se torna coisa-animada, dados digitais, fluxo de códigos, Mônadas Nômades.

Pela primeira vez na história humana, o nome Negro deixa de remeter unicamente para a condição atribuída aos genes de origem africana durante o primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, desapossamento da autodeterminação e, sobretudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A este novo carácter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo* (MBEMBE, 2014, p. 18)

Mbembe fala do imperialismo da desorganização: aquilo que foi imposto aos negros do primeiro capitalismo está sendo imposto às humanidades subalternas. A imposição de viver a vida de outro, trabalhar para outro, sem o direito a co-humanidade, isto agora é a norma e o quinhão de todos os pobres. Mbembe fala, portanto, da tendencial universalização da condição negra, simultânea com práticas imperiais inéditas, uma mercantilização da vida onde o indivíduo não existe mais para seu próprio bem e usufruto. Foucault, na aula de 17 de março de 1976, que versa sobre o racismo de estado, citada por Mbembe, levanta uma discussão de filosofia política sobre o direito do soberano sobre a vida: porque indivíduos elegem um soberano para delegar um poder absoluto sobre eles? Eles o fazem pela necessidade, para evitar o perigo, para melhor se adaptarem às adversidades, ou seja, é para poder viver que se constitui um soberano, por conseguinte é para proteger a vida. Retornando a Foucault, é como se ele nos perguntasse: não deve a vida ficar fora do contrato? Podemos inferir que o poder de morte deve ficar fora do contrato, pois a vida é o motivo primordial do acordo. Contudo, esta é uma discussão de filosofia política que pode ser deixada de lado. Nos diz Foucault que, apesar desta discussão mostrar como a vida entra no campo do pensamento político, são nas técnicas do poder que se dão os acontecimentos, e não nas teorias.

Vale lembrar a famosa frase, por vezes atribuída a Foucault, que diz: “a política é a continuação da guerra por outros meios”.

Mbembe está nos dizendo que a universalização da escravidão deve-se a lógicas coloniais de ocupação e exploração, lógicas esclavagistas de captura e predação, formas de distribuir o tempo e atomizar o espaço, práticas de zonamento, que revelam a cumplicidade do econômico e do biológico: a Militarização das fronteiras, fragmentação e divisão de territórios, pequenas jurisdições, pequenos grupos armados. Sob pretextos de fins humanitários, tece-se desta maneira uma rede transnacional de repressão ideológica das populações contando com a proteção de mercenários, comandos de caça, etc. Nas palavras de Mbembe: “Humilhado e profundamente desonrado, o Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito, em mercadoria – a cripta viva do capital”. Elza Soares, artista negra, nos diz: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. **TODOS SEREMOS OS NOVOS NEGROS ESCRAVIZADOS.** Vejamos o que Foucault diz nesse trecho:

Em linhas gerais, o racismo, acho eu, assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva. Vocês estão vendo que aí estamos, no fundo, muito longe de um racismo que seria, simples e tradicionalmente, desprezo ou ódio das raças umas pelas outras. Também estamos muito longe de um racismo que seria uma espécie de operação ideológica pela qual os Estados, ou uma classe, tentaria desviar para um adversário mítico hostilidades que estariam voltadas para [eles] ou agitariam o corpo social. Eu creio que é muito mais profundo do que uma velha tradição, muito mais profundo do que uma nova ideologia, é outra coisa. A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. É aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza. Vocês compreendem então, nessas condições, por que os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, forçosamente os mais racistas. E claro, aí temos de tomar o exemplo do nazismo. [...] Tem-se, pois, na sociedade nazista, esta coisa, apesar de tudo, extraordinária: é uma sociedade que generalizou absolutamente o biopoder, mas que generalizou, ao mesmo tempo, o direito soberano de matar. Os dois mecanismos, o clássico, arcaico, que dava ao Estado direito de vida e de morte sobre seus cidadãos, e o novo mecanismo organizado em torno da disciplina, da regulamentação, em suma, o novo mecanismo de biopoder, vêm,

exatamente, a coincidir. De sorte que se pode dizer isto: o Estado nazista tornou absolutamente co-extensivos o campo de urna vida que ele organiza, protege, garante, cultiva biologicamente, e, ao mesmo tempo, o direito soberano de matar quem quer que seja – não só os outros, mas os seus próprios. Houve, entre os nazistas, uma coincidência de um biopoder generalizado com uma ditadura a um só tempo absoluta e retransmitida através de todo o corpo social pela formidável junção do direito de matar e da exposição à morte. Temos um Estado absolutamente racista, um Estado absolutamente assassino e um Estado absolutamente suicida. Estado racista, Estado assassino, Estado suicida. Isso se sobrepõe necessariamente e resultou, é claro, ao mesmo tempo na “solução final” (pela qual se quis eliminar, através dos judeus, todas as outras raças das quais os judeus eram a um só tempo o símbolo e a manifestação). (FOUCAULT, 2005, p. 308-11)

O skate é fazer viver. As políticas para o skate são políticas para a vida. O skate é uma máquina de guerrilha e resistência necessária para combater e desconstruir a máquina de guerra da necropolítica e do capitalismo.

## **CAPÍTULO IV.**

### **FLANANDO AS FLANANTOPIAS**

Apasionar-se por uma cidade é sentir, ao passear por ela, que os limites materiais entre seu corpo e as ruas se desfazem, que o mapa se transforma em anatomia. O segundo nível é o estágio da escrita. A cidade prolifera em todas as formas possíveis do signo, primeiro se torna prosa, depois poesia e por último evangelho. (Paul B. Preciado, 2019, p. 194)

O skatista é um apaixonado pela cidade, por suas sinuosidades, asfaltos lisos, grossos, escadarias de diferentes tamanhos, bordas de diferentes materiais, ladeiras, pistas. Sua realidade e suas ilusões ele escuta da voz das ruas. O skatista se perde, se lança na cidade, em uma deriva urbana, na apreciação meticulosa de suas construções, traçando rotas, imaginando mapas, flanando: encontrando espaços, observando com atenção o que acontece, em sua caminhada, quem são os personagens que surgem pelo caminho. O skatista raramente está sozinho, sempre compondo com a cidade uma totalidade, um devir, multiplicando os seus encontros, lendo o texto que a cidade

apresenta ao seu olhar. Vocês conhecem o significado do verbo flanar? Apresento para vocês o famoso poema de Baudelaire sobre o flaneur.

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flaneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente.<sup>30</sup>

Foi este poema que inspirou W. Benjamin, no século XX, a tratar do *flaneur* como um objeto de estudo acadêmico, para a investigação das subjetividades e identidades advindas da experiência da modernidade. Apesar de muitos parisienses tratarem aqueles que apreciam a arte de flanar como meros vagabundos ou preguiçosos, este curioso personagem, que retorna na contemporaneidade de “carrinho”, em uma perspectiva mais acelerada, devido à velocidade do nosso tempo histórico, na verdade é um símbolo de verdadeira compreensão da paisagem da cidade e dos seus elementos industrializados.

O flaneur, de início, foi um tipo literário no século XIX, na França, essencial nas ruas. Agora são alguns dos skatistas que se identificam com essa arte, de gastar tempo, deambular, flanar, andar em grupos ou sozinhos, pelas avenidas, os parques, os cafés, as pistas de skate, adeptos de todo um enamoramento com a cidade. O que eles praticam é uma espécie de vagabundagem intelectualizada, digamos assim. Eles pertencem às ruas, caminhantes em marcha lenta, transeuntes, vadios, personagens urbanos, errantes, conhecedores das ruas. Devido a sua arte de observar e sua capacidade sinestésica, o contato com a multidão e as multiplicidades, esses caminhantes extraem do que observam a potência de sintetizar diferentes impressões em um bloco de percepto, realizando associações ricas e fecundas, misturando as informações obtidas. Sua experimentação é de uma corporalidade industrializada. Muitos são artistas, escritores, pintores,

---

<sup>30</sup> Charles Baudelaire, “O pintor do mundo moderno”, originalmente publicado em Le Figaro, in 1863. Trecho copiado de Dayane da Silva Nascimento, “Olhares sobre o moderno: a metrópole nas visões de Charles Baudelaire e João do Rio”. (citação retirada do Wikipédia, disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A2neur>>.

músicos, e muitos artistas vêm sendo influenciados pelo modo de vida do flaneur desde o seu surgimento. No século XX, o movimento situacionista é um exemplo deste resgate.

Analisemos o conceito de deriva proposto por Debord, neste trecho infracitado do artigo “*O grande jogo do porvir*”: *a Internacional Situacionista e a ideia de jogo urbano*, de Juliana Michaello M. Dias<sup>31</sup>:

DERIVA – Modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência.<sup>32</sup>

A deriva seria ao mesmo tempo um procedimento e uma teoria. Parte de pressupostos da *flaneurie* de Baudelaire (1985), mas se apropria dos objetos nos quais investe o olhar, tendo uma atitude mais crítica ao desmascarar a homogeneidade dos espaços do Pós-Guerra. No ensaio intitulado “Teoria da Deriva”, Debord a define como uma forma de investigação espacial e conceitual da cidade, através do andar “vagabundo”. Isto implicava “em uma conduta lúdico-constructiva”, centrada nos efeitos do entorno urbano sobre os sentimentos e as emoções individuais. A deriva, dessa forma, reafirma o “valor de uso”, em detrimento ao “valor de troca” da cidade e de seus objetos. Pretendia modificar a cidade através da forma como é habitada e, assim, reedita a figura do flaneur.

[...] Derivar, portanto, além de se relacionar com o estudo do meio urbano, seria uma forma de apropriação desse espaço pretendida pelas proposições de situações urbanas. Seria o jogo levado à seriedade. (DIAS, , 2007, p. 217)

Debord e os situacionistas queriam resgatar o caráter lúdico das cidades, buscavam construir um jogo do cotidiano, novos meios de diversão no espaço urbano. Seu pensamento urbanista busca uma vida e uma cidade de regozijo em oposição à sociedade do espetáculo, que rouba da vida cotidiana a diversão e o lúdico, tornando a diversão e o lazer algo que funcione para nos distrair do trabalho em dias de folga, apenas restaurando nossa energia para retornar à labuta alienada. Diversão é subversão. A sociedade do espetáculo retira do cotidiano, do ordinário, o que há de apaixonante, de prazeroso, reservando estas características para o extraordinário, o espetáculo, transformando o cidadão em expectador, fora da cena.

Derivar é chamar seus amigos e andar por aí, tomar um suco, ir pra algum lugar da cidade, andar, andar, e depois ir pra outro lugar. Debord e os membros da Internacional Situacionistas

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n2/artigos/pdf/v7n2a06.pdf>>.

<sup>32</sup> Ver “Definições”, da IS nº1. In: JACQUES, 2003. Op. Cit, p. 67.



querem tirar os cidadãos da condição de meros expectadores, e torná-los vivenciadores de emoções sublimes, reais e puras, no jogo urbano do real. Os situacionistas querem criar situações aleatórias, criar jogos no espaço urbano, abrir espaço para o desconhecido, apesar da repetição dos hábitos, produzir a novidade, confusão. O skate é nossa diversão situacionista desterritorializada e não alienada. A ideia é que isso provoca alterações reais no espaço urbano. A curto e longo prazo, estamos transformando a cidade em uma cidade melhor: o skate leva vida para lugares destruídos e abandonados, vazios, inabitados.

Foi pelas ruas, pelas praças e avenidas, pavimentadas e urbanizadas, que os skatistas passaram a transitar. *Flaneurs* da contemporaneidade, usavam a cidade para praticar esporte, projetando-na como um grande parque de diversões; diversões urbanas, concretas, decoradas e enfeitadas pela aspereza do cimento. O antropólogo José Rodrigo Saldanha (2004) chega a afirmar que foi pelo meio urbano, e a expressão do skate sobre esse, que se deu a maior realização do “poder-skate”. Mas em meio a este enamoramento, desenvolviam-se também outras atividades: publicidades, táticas de mercado, busca por lucros, fábricas, lojas e marcas de skate. Era o capitalismo reorientando o “contra” da contracultura e organizando para o consumo o que, um dia, surgiu como uma manifestação do espírito jovem. O skate no Brasil, já nos anos 70, dava seus primeiros passos rumo à mercantilização. (Leonardo Brandão, 2011, p. 95)

Com a evolução das manobras, em meados dos anos 80, os skatistas puderam avançar pela cidade, ocupar, passar e andar por todo circuito urbano: fluindo pelas ruas e calçadas, ressignificando os bancos, mesas, cadeiras, paredes, escadarias, corrimãos, implicando uma nova relação com a indústria e a cidade, se tornaram o *flaneur* contemporâneo. Seu surgimento é marcado por uma relação com a contracultura, principalmente o movimento punk. Leonardo Brandão nos conta:

Durante a década de 80 [...] São Paulo se transforma numa verdadeira referência para o skate no país, e esse fato se dá, entre outros motivos, tanto pelo desenvolvimento tecnológico do skate, que passa a contar com mais fábricas situadas em São Paulo, quanto pelo aparecimento do *street* e sua associação com o movimento *punk*, ambos fenômenos urbanos que retiram o skate do domínio do surf – como percebido no Rio de Janeiro – e o colocam, mais do que antes, em contato com as ruas e com a rebeldia estilizada dos movimentos sociais juvenis. O jornalista Fábio Bolota, que viveu o período em questão em cima de um skate, relata o que aconteceu:  
O que fez o skate se tornar popular de verdade foi a roupagem do punk-rock que se incrustava nos praticantes de todo o mundo. No Brasil não foi diferente. Sai o estilo freak-heavy-metal-cabeleira-surf e entra o estilo agressivo eu-

quebro-tudo-mesmo do punk-rock. Quem virou a mesa de fato, ninguém arrisca dizer, mas a mesa foi totalmente virada. Calça descolorida e rasgada, com a camiseta da banda preferida e um bracelete de pontas. *Skate or Die! Skate and Destroy! Go Skate or Go Home*, ou qualquer frase de efeito estavam ecoando em cada quarteirão. Marcando muito bem essa atitude, o 2o Campeonato Brasileiro de Guaratinguetá foi um desfile de punks e simpatizantes. A cidade foi invadida por alfinetes e penteados que iam do moicano ao espigado ou pintado. Essa atitude começou a incomodar os moradores da pacata cidade, e logo após eles entraram em guerra contra os skatistas (BOLOTA, 2000, p. 33).

Esta colocação de Fábio Bolota é bastante rica em informações e pode fornecer algumas pistas para se compreender, de modo mais efetivo, o que significou a identificação do skate com o movimento punk. (Leonardo Brandão, 2011, p. 103-4)

O registro de 1986, resgatado por Leonardo Brandão, da revista Overall, n. 4, 1986, p. 16. demonstra essa mentalidade através da fala do skatista Fábio Bolota:

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, dropar de muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contramão, subir guias, etc. Por que? Porque nós amamos isto, vivemos disto!!! Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas, postes, carros, guias, shits, bêbados, bitches, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isto significa? Obstáculos? Talvez sim, para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas para outros, todos esses “obstáculos” se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o ground de ação: as ruas!

O historiador Leonardo Brandão nos conta que o skate surge numa fase flexível do capitalismo, na transição do modelo fordista para um modelo mais flexível, caracterizado pelo surgimento de nichos de mercado. O skate é pós-moderno, é atrelado à indústria cultural, no entanto ele surge ligado à contestação do “sistema” dos movimentos da juventude dos anos 60 e 70. Brandão apresenta David Harvey, que traz argumentos sobre esta passagem de um modo de produção para outro.

Diversos analistas observam que este regime [fordista] entrou em retrocesso por volta do ano de 1973, época de uma profunda recessão econômica marcada pela crise do petróleo, o que acabou tanto solapando o fordismo quanto criando, por meio da crise, um novo sistema de produção e acumulação do capital. Assim, por volta deste período ocorria nos países capitalistas, de um modo geral, a passagem do fordismo para o regime de acumulação flexível,

que, de acordo com David Harvey, caracterizou-se por novas maneiras de fornecimento de serviços e setores de produção, resultando em inovações comerciais, tecnológicas e também organizacionais. Desta forma, a transformação da estrutura do mercado de trabalho e as mudanças na organização industrial abriram oportunidades para a formação de pequenas firmas, pequenos negócios e novos empreendedores. Harvey explica que esse novo sistema de produção promoveu uma aceleração no ritmo de inovação dos produtos, passando a explorar e a se especializar em diversos nichos de mercado. Nesse processo, argumenta o autor, “a estética relativamente estável do modernista fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercantilização das formas culturais” (HARVEY, 1993, p. 148). O skate, ou mesmo outras práticas que surgiram ou se desenvolveram no período em questão, relacionam-se com essas novas formas e tendências fugidias de uma estética pós-moderna. Primeiramente industrializado nos Estados Unidos e importado pelo Brasil, mas depois fabricado em território nacional, o skate, com todas as peças e objetos que o compõem – lixas, rodas, espaçadores, rolamentos, pads, eixos, shapes, amortecedores, parafusos e também seus acessórios como capacetes, joelheiras, cotoveleiras, luvas etc – fez parte de um novo estágio de produção capitalista que se caracterizou, entre outros fatores, por criar novos materiais para um novo mercado que se desenhava e encontrava, geralmente na camada mais jovem da população de classe média, a ressonância necessária para se desenvolver. (BRANDÃO, 2011, p. 99)

Nas últimas décadas, o skate tornou-se uma megaindústria, com mega rampas e mega patrocinadores e fomentadores. Nada escapa da captura estrutural do capital! Tudo foi capturado pelo capital, a economia sobrepõe e determina todas as relações. Nem o skate escapa, mas apesar da captura o skate resiste, pode produzir heterotopias, isto é, espaços de diferença, ressignificação do espaço no interior do espaço homogêneo. Heterotopia é um conceito foucaulteano que iremos desenvolver, conforme a citação abaixo:

De qualquer forma, creio que a inquietação de hoje se refere fundamentalmente ao espaço, sem dúvida muito mais que ao tempo; o tempo provavelmente só aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre elementos que se repartem no espaço. Ora, apesar de todas as técnicas nele investidas, apesar de toda a rede de saber que permite determiná-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado – diferentemente, sem dúvida, do tempo em que ele foi dessacralizado no século XIX. Houve, certamente, uma certa dessacralização teórica do espaço (aquela que a obra de Galileu provocou), mas talvez não tenhamos ainda chegado a uma dessacralização prática do espaço. E talvez nossa vida ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar, as quais a instituição e a prática ainda não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço

cultural e o espaço útil, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização. [...] Enfim, o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois pólos extremos. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. (Foucault, 2009, p. 413-20).

É oportuno estabelecer uma conexão daquilo que Foucault dizia a respeito das heterotopias com as abordagens que Leonardo Brandão apresenta em seu artigo “*O skate invade as ruas*”: *história e heterotopia*. Leonardo Brandão afirma:

Em Foucault há vários tipos de heterotopias: abertas, fechadas, menores, maiores, umas que parecem fascistas, outras não. Todas são espaços que incluem dentro deles vários espaços que seriam incompatíveis. Mas o Street Skate é interessante porque é um espaço que literalmente corre, sai do lugar, não tem lugar e é da sua essência não ter um. O skate corre sobre os espaços da cidade e é um objeto ao mesmo tempo próprio (do skatista) e exposto a todos. É um solo constantemente deslocado, um lugar sem lugar (porque se ele tiver um lugar já deixa de ser o que é). Diferente do navio, um espaço fechado dentro de outro, que oferece conforto, luxo e segurança, o skate seria uma heterotopia mesmo da insegurança, do mínimo necessário, da raridade das coisas para se apoiar, do espaço rarefeito... O skate reenvia a imaginação ao tempo dos primeiros barqueiros, que não tinham nada a não ser uma pinguelinha de barco, prestes sempre a virar. Reenvia à figura do andarilho, despojado e exposto.

Ao observarmos a emergência do Street Skate durante a década de 1980 encontramos um exemplo concreto de heterotopia! Pois o que era deslizar sobre um skate senão conquistar algum estilo de vida que estivesse sempre mais próximo da diversão e da rebeldia? Tratava-se, fundamentalmente, de inventar novos modos de subjetividade, de leituras e de uso, intempestivo, do corpo no espaço. Evidentemente, isso implicava uma disponibilidade para o desejo, para um tempo de satisfação, de invenção de si e, sobretudo, de recriação. (Brandão, 2014, p. 59)

Partindo dos conceitos extraídos de conversas com Leonardo Brandão (vide apêndice), podemos pensar pelo menos dois tipos de skatistas, os mais voltados para o esporte canonizado pela indústria, e os mais desterritorializados que buscam um tipo de arte no skate marginal, de rua, de grupo. Ambos inseridos num contexto social que me faz lembrar Marcuse, o conflito das pulsões de vida e morte, o conflito do princípio de prazer com o de realidade e desempenho, sublimação e dessublimação dos instintos, repressão e mais-repressão, etc.:

Todo o progresso tecnológico, a conquista da natureza, a racionalização do homem e da sociedade não eliminaram e não podem eliminar a necessidade de trabalho alienado, a necessidade de trabalhar mecanicamente, desagradavelmente, de um modo que não representa a auto-realização individual. Contudo, a própria alienação progressiva aumenta o potencial de liberdade: quanto mais externo se tornar ao indivíduo o trabalho necessário, tanto menos este o envolve no domínio da necessidade. Aliviada dos requisitos de dominação, a redução quantitativa de tempo e energia laborais leva a uma mudança qualitativa na existência humana: é o tempo livre, e cada vez mais amplo domínio da liberdade passa a ser, verdadeiramente, um domínio lúdico – do livre jogo das faculdades individuais. Assim liberadas, essas gerarão novas formas de realização e descobrimento do mundo, o que, por sua vez, remodelará o domínio da necessidade, a luta pela existência. (MARCUSE, 2010, p. 193)

A vida é indissociável da luta pela vida (Ananke). O skate é luta! Ele te dá muitos prazeres mas pode quebrar seu corpo todinho, cada membro; ele te dá muitos golpes até você aprender o que precisa aprender pra evoluir, dói, dói, dói, mas a vida provavelmente é indissociável da dor também. Eu quase quebrei os dente agora a pouco, antes de chegar em casa para escrever essas linhas, descendo a rua no gás, a Rondon Pacheco, subi a rampa 45 de um posto, e quando descii a rodinha do skate derrapou, um slide imprevisto me jogou no chão. Achei que ia ser só um rolê de leve mas o gás me girou de um jeito que acabei indo beijar o chão. Tô com a boca ralada, o queixo ralado, sangrando, quase quebrei o dente, e o pior é minha mão que tá toda inchada, a porra da mão que toca guitarra, que toca Jimi Hendrix, que toca mil coisas foda, que poderia tá gravando um disco autoral, isso que dá um ódio do skate. MERDA. Mas eu vou continuar lutando apesar disso, eu ainda amo muito o skate, e estou feliz por não ter quebrado um dente ou coisa pior. E, na verdade, as contusões do tornozelo doeram muito mais. E me deixaram um bom tempo sem andar de skate.

A vida é risco, aceite o risco, correr perigo, até parece uma corrida, quanto maior o risco maior o prêmio. A gente gosta de velocidade. Estamos todos condenados, sentados, só esperando a morte. Não me ocupo com pensar na morte e sim na vida.

O mais violento para nós é a morte que, precisamente, nos arranca à obstinação que temos de ver durar o ser descontínuo que nós somos. Desanimamos, ficamos com o coração na mão, diante da ideia de que a individualidade descontínua que existe em nós vai subitamente se aniquilar. (Georges Bataille, 2017, p. 40)

Uma totalidade não se desfaz, não se decompõe, é irreduzível, indivisível. O skatista compõe uma totalidade com a cidade, a cultura, o espaço, a natureza em si. Tudo que tem existência se esforça, tanto o quanto pode e está em si, por perseverar em seu ser, continuar existindo.

Descontinuidades, descontuidades, tudo aqui é descontínuo, desligado, descortinado, recortado, picado, mutilado, e o que eu sinto é real pra mim. Eu sinto muitas descontinuidades. Eu tenho muitas descontinuidades em mim. Me parece que a consciência é marcada pela descontinuidade, por não conseguir manter o fio, a linha, que vai até o infinito e eterno e absoluto. Não chega nem a capturar a verdadeira causa de suas vontades. Imagine só entender o divino fluxo da continuidade absoluta do Ser, e sentir a torrente de onisciência esmagadora. O corpo é descontínuo. Não há corpo pleno. A consciência é a ideia do corpo. A continuidade do Ser é absolutamente independente da consciência que não lhe pode capturar, tudo decorre da continuidade do Ser, ou o Ser é discreto e marcado por descontinuidades também? E a continuidade do Ser não passa de um anseio metafísico. Que relação seu inconsciente mantém com essas noções? Já parou pra pensar? E o seu Desejo, as produz? Multiplicidades abstratas e noções geométricas do possível. Nada é mais difícil que ter continuidades, continuidades, continuidades. O Ser quer durar. O Ser quer Ser. O ser é? O não-ser pode ser? Tudo é transitório, devir, um rio, fluxo, Heráclito insiste em me atormentar, trazendo a ideia de uma contingência absoluta, o não-ser é. O Ser é um fluxo contínuo em função de tornar-se, implicando sempre algo em vez de outro algo. Não pode haver imobilidade no Ser. Parmênides, que me incomoda ainda mais, trazendo a ideia de um Ser transcendente parado e congelado num *freezer* das essências geladas imóveis e imutáveis além-mundo onde tudo é porque é necessário que assim seja. O meu corpo é o Ser. O meu corpo é imanente ao corpo eterno e infinito do real, do Ser, da totalidade. A minha consciência é a ideia da ideia do corpo e do Ser. Que relações você faz com essas linhas? A minha consciência cria. Cria a linha da continuidade, liga distintas naturezas, junta os pedaços, e pica, pica, pica. Manter a linha, uma sequência de manobras no skate, sem errar, sem interromper, sem cortar o fluxo, não há nada mais difícil. Sem ser parado pelos obstáculos, fluir, fazer o rolê ser fluido e fazer do skate uma extensão do seu corpo, prolongando sua continuidade, seu fluxo, seu Ser. Perseverar no seu Ser. Sem ser parado pelas infinitas formas de despotencializar o seu corpo, perder a força vital. O meu corpo agora se desorganiza em forma de texto, meu obstáculo é a escrita, o conceito, a ideia, o plano de organização e de imanência que me atravessam neste momento. Surfo, indistintos fluxos, o pensamento é meu skate, as frases são as manobras e conexões de frases são as linhas, as

sequências, o fluxo de imagens evocado é a rua, o texto é o resultado do obstáculo transposto superado, e também o são as marcas deixadas pelas pancadas do processo de superação do obstáculo. A vida é uma onda. Os limites da minha escrita e pensamento são o obstáculo dessa *session*. Aqui e agora é o rolê, o skate se tornou escrita, se proliferou em todas as formas do signo, e extrapolou os limites da minha escrita e do meu skate, e também do meu pensamento, em todas suas velocidades e lentidões, os limites do meu corpo. O objetivo aqui é a comunicação e a compreensão destes processos.

Vamos desenvolver o título, discutir estes dois assuntos, filosofia e skateboard. Proliferar-me-ei neles. Por um lado, a filosofia da imanência é evocada, uma tradição filosófica peculiar, que causa muitas intrigas desde seu surgimento na escolástica. Evoco-a por uma escolha pessoal, decorrente de uma forma própria de enxergar o mundo que me foi produzida por essa mesma filosofia e experimentação. E falar de skate, de como eu entrei nessa onda boa de dar rolê, espairar por aí, recodificando os fluxos que me impelem pela cidade, que me fazem ir de um lugar ao outro, falar do que acontece quando entro na deriva urbana no carrinho, que me leva para outras derivas no pensamento, na língua, na leitura, na experimentação. É tudo parte de um mesmo processo, que contém múltiplos processos descentralizados. Muitas ressignificações podem surgir, de espaços, tempos, símbolos, pensamentos, emoções, desejos, sonhos, fúrias, medos, projetos. Todos os tipos de afetos. Todas as linhas de força que me movem no mundo, numa sociedade, na natureza, podem se reconfigurar, através do skate. Nunca sei de onde vem, pra onde vai, qual é o frete. O fluxo é constante e a mudança também. Transportes, transportes, transportes. Me deparo com Espinosa diversas vezes repetindo Deus é a Natureza. A eternidade desse processo ao qual estamos submetidos. Me deparo com Deleuze repetindo várias vezes: em certo ponto a Natureza não se distingue da Indústria, são processos simultâneos de produção-consumo-registro

engendrados; uma retira seus materiais da outra e restitui-lhes os resíduos<sup>33</sup>. Espinosa diz<sup>34</sup>: existem corpos duros, moles e fluidos; uma parte modifica a outra e imprime nela seus signos, quando uma parte dura bate repetidamente numa parte mole, ou fluida, por exemplo.

E Brandão, quando nos fala do skate, evoca logo Espinosa mesmo, para pensar o corpo, e Nietzsche, para pensar a música e a dança! Me parece que cremos num Deus que surfa. Que é a natureza, um tanque de infinitos tipos de ondas, um mesmo mar de éter que surfamos. Brandão nos lembra o que Espinosa disse: não se pode determinar o que pode um corpo, segundo as leis necessárias do movimento. Também evoca Bourdieu como figura importante para a gênese do pensamento sociológico do esporte. A respeito deste assunto trago o recorte de uma pesquisa de mestrado de dois alunos da educação física, Lima e Niero:

Na visão proposta por Bourdieu (1990, p. 210) é necessário considerar dois pontos que no entendimento do autor são relevantes para a construção sociológica de um determinado objeto de pesquisa, a saber:

O objeto da história é a história dessas transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura). Eis o primeiro ponto. O segundo ponto é que esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. (BOURDIEU, 1990, p. 210).

---

<sup>33</sup> “O que quer dizer processo aqui? Em um certo nível é provável que a natureza se distinga da indústria: por um lado, a indústria se opõe a natureza, por outro, absorve os materiais dela, por outro, ainda, ela lhe restitui os resíduos etc. Esta relação distintiva homem-natureza, indústria-natureza, sociedade-natureza, condiciona na própria sociedade, a distinção de esferas relativamente autônomas que chamaremos de “produção”, “distribuição”, “consumo”. Mas este nível de distinções gerais, considerado na sua estrutura formal desenvolvida (momento atual do capitalismo), pressupõe, como Marx mostrou, não só o capital e a divisão do trabalho, mas também a falsa consciência que o ser capitalista tem necessariamente de si e dos elementos cristalizados do conjunto de um processo. É que, na verdade – na ruidosa e obscura verdade contida no delírio (inconsciente) – não há esferas nem circuitos relativamente independentes: a produção é imediatamente consumo e registro, o registro e o consumo determinam diretamente a produção, mas a determinam no seio da produção. De modo que tudo é produção: produção de produções, de ações e de paixões; produções de registros, de distribuições e de marcações; produções de consumos, de volúpias, de angústias e de dores. Tudo é de tal modo produção, que os registros são imediatamente consumidos, consumados, e os consumos são diretamente reproduzidos. Tal é o primeiro sentido de processo: inserir o registro e o consumo na própria produção, torná-los produções de um mesmo processo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 14).

<sup>34</sup> *Ética*, 2018, p. 66.



Isto posto, depreende-se que a atividade primeira do pesquisador consiste em estabelecer propriedades socialmente pertinentes, tornando o esporte uma prática na qual exista afinidades concernentes aos interesses, gostos e costumes de uma dada categoria social, ou seja, as condições determinantes para que um *habitus* possa se constituir.

O *habitus* é entendido como uma matriz causadora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se alia aos indivíduos, (ao mesmo tempo em que se desenvolve nestes), seja no nível das práticas, seja no nível da postura corporal (*hélix*) destes mesmos indivíduos. Nesse sentido, o *habitus* é apreendido e gerado na sociedade e incorporado nos indivíduos. O *habitus* é um amplo organizador de hábitos, dando sentido às ações quando humanas em sociedade (BOURDIEU, 1983). (LIMA; NIERO, 2011, p. 127)

Espaço, hábito, corpo, práticas, héxis, ethos, ética. Estrutura. Transformações. Todo esse objeto da história, real em si mesmo, na panela do diabo. Cito Leonardo Brandão:

Heterotopia é um conceito criado pelo filósofo francês Michel Foucault, o termo significa a invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços. A prática do skate, por exemplo, é uma heterotopia. Com ele um corrimão não é mais um corrimão, nem uma escada é tão somente uma escada. Além disso, não podemos nos esquecer da grande heterotopia citada por Foucault, o navio, figura por excelência do século XIX. O navio inglês nos mares, o navio transatlântico, pedaço grande de espaço que flutua no imenso espaço do mar. Mas a heterotopia também pode ser o próprio skate, minúsculo pedaço de espaço se comparado com o navio, metáfora do que se passa na atualidade. Portanto, diferente do navio, no espaço fechado dentro de outro que oferece conforto, luxo e segurança, o skate seria uma heterotopia. Mesmo da insegurança, do mínimo necessário, da raridade das coisas para se apoiar, do espaço rarefeito. O skate re-envia imaginação ao tempo dos primeiros barqueiros que não tinham nada além de uma pinguelinha de barco. Mas os skatistas não estão nos mares ou nos oceanos, eles estão nas cidades, suas heterotopias são urbanas, são flanantes, são flanantopias.

O documentário que leva o título de flanantopias está disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=Q59lshcdvlg>.

## CAPÍTULO V.

### ESPINOSA E NÓS

Em Espinosa, entendemos que o homem não está sob seu comando, mas sob o comando dos seus afetos, de um modo que mesmo quando um homem sabe o que é melhor para si, pode acabar por fazer o que é pior. O homem é escravo do seu modo de pensar, de suas noções comuns, paixões e afecções. Nem mesmo Deus age por liberdade de sua vontade, tudo é causado segundo as leis naturais do movimento e do repouso. Toda liberdade vem da liberdade do movimento e do repouso, segundo as suas leis absolutas e necessárias, suas leis naturais, universais, e imanentes, uma vez que Deus é causa imanente de todas as coisas. Portanto tudo é determinado a operar de uma maneira definida segundo as leis mecânicas universais, e nada poderia ser produzido de outra forma, senão segundo essas leis. De toda causa segue necessariamente um efeito. A natureza e a essência da substância pertencem à existência necessária, sem a qual nenhuma coisa poderia existir. A essência do homem não pertence ao ser da substância, que possui os predicados da eternidade, infinitude, indivisibilidade, imutabilidade, etc. Segundo o corolário da proposição 10, da parte 2, da *Ética*, a essência do homem é constituída por modificações definidas nos atributos de Deus. A mente humana é a ideia (um modo do pensamento) de uma coisa existente em ato, que aparece para ela, que ela percebe, essa coisa vem a ser seu próprio corpo, (um modo da extensão). O modo da extensão particular, que é o corpo, determina a potência de afeto desse corpo, o que por sua vez determina as ideias. Quanto mais um corpo pode ser rearranjado e afetado por objetos, mais ideias sua mente poderá ter. A mente, contudo, não retira apenas ideias adequadas do seu corpo, mas apenas conhece a si mesma percebendo as ideias e afecções desse corpo, mesmo que sejam mutiladas, inadequadas, obscuras e confusas. Os corpos não se diferenciam pela substância. Ninguém pode dizer ao certo por quais meios a mente move ou imprime movimento ao corpo, acaba-se por tomar mente e corpo por uma só e mesma coisa.

Os homens têm hábito de formar ideias universais das coisas, tanto das coisas naturais, quanto das artificiais e culturais, e tomam essas ideias como modelos. Quando percebem que a natureza age de acordo com seus padrões pressupostos, dizem que ela é perfeita; quando ela os contraria o gosto, dizem que a própria natureza é que é imperfeita. Ora, Espinosa mostra que a natureza age unicamente por necessidade, a sua única causa é a existência e ela não é determinada

por nenhum telos. Cada um é que faz do seu apetite uma causa final, construindo para si uma teleologia.

## CAOSMOPOLIS

Falei da filosofia, da que eu entendo e gosto, da imanência, afinal, como ela mesmo diz, cada um regula o mundo conforme seu próprio afeto e desejo: a inseparabilidade de todas as coisas: confusão entre corpo e mente, imanência, influência, confluência de todos os fluxos descentralizados, a univocidade da substância em um devir infinito, eterno, antitético de transcendência, no sentido da imanência absoluta do Ser na matéria. Eu quero produzir uma nova metafísica urbana. Espinosa de board. Flanando os picos. Filosofia itinerante, discutindo com os brothers todo dia. A pandemia me impediu de realizar uma multiplicidade de coisas que eu queria, principalmente na colheita de entrevistas, me impediu em tudo que envolve trabalho de campo.

Quantos indivíduos eu fui nos últimos anos, quantos? Entrando e saindo desse rio heraclítico, banhando no esquecimento. Quantas personalidades descentralizadas assumem seu papel e sua força, e que forças me movem, que forças me param? Quantas subjetividades em um indivíduo, quantas multiplicidades complexas de indivíduos nos indivíduos. A consciência flutua no rio, a vontade é um desconhecido no seu fundo. Quanta água passou, quanta água passa e eternamente passará, nesse fluxo perpétuo deste rio, que corre, corre, corre pra nenhum lugar a não ser o mar. Mar para onde vão todos os rios e todos os fluxos e contudo, nunca se enche, nunca transborda.

A cidade, a natureza, o corpo, a energia, os modos de produção, as fábricas, o sexo, a indústria cultural, indústria farmacopornográfica, a TV, o jornal, o futebol, o samba, o skate, o funk, maconha, um mendigo, um andarilho, a epidemia, o crack, Deus e o diabo, uma cerveja e o sol, um só e mesmo quebra-cabeças de infinitas peças, que pode ser lido e ordenado de muitos modos, peças que mudam seu encaixes, fragmentos que se articulam em múltiplos planos, redes que compomos que compõem e decompõem nossas relações, percepções, ondas, devires, pulsão e os caralho. Somos os *outsiders*, os estranhos, as peças que não se encaixam. Peças que mudam seus encaixes, fragmentos que se articulam, desarticulam, em múltiplos planos, redes, que compomos, para compor e decompor, nossas relações, potências, formas de vida, discursos, significações, encontros, práticas e representações. Deixe-me ir, preciso andar. Correr. Voar. Ir de encontro.

Topar, deslizar, dar um *grind*, um *ollie-air*. Deixar bater, deixar fluir, se entregar, se aventurar. Desabrochamos em meio ao caos. Ouvimos o ecoar de todos os tempos, de todas as guerras, de todos os povos. Somos o bicho da seda e o extrato de neem afasta a traça, somos a seda.

Zé povinho é a praga, bicho da seda não é a traça  
 Traça é quem quer a seda e o bicho da seda maltrata  
 Golpe de bumerangue, não é tang  
 Cada coração é um universo  
 E ainda tem que bombar o sangue  
 De cada mente pensante desse meu país insano  
 Num barraco de favela fermentar sonho com pranto  
 Do monstro que se constrói com ódio e rancor  
 A cada gota de bondade uma de maldade se dissipou  
 Várias fitas, eis uma definição pra vida  
 Dos mistérios da *ilíada*, daí segredo: A biqueira é forquilha.  
 (Criolo – Plano de Voo)

A cidade, o século XXI, a internet, o lixo, o subemprego, a desinformação, a fake news, o apetite, as drogas, a prostituição, a propaganda, o álcool, os crimes das épocas de eleição, os neofascismos da sociedade brasileira, a necropolítica, genocídio, estados de calamidade, as políticas de gentrificação e higienização, a destruição da Amazônia, os agrotóxicos, a fumaça da queimada do Pantanal, queimadas em terras indígenas, controle populacional. Desmontamos e montamos este quebra-cabeças, em busca de novos arranjos em meio ao caos que nos forma. Precisamos de derivas cidadinas. Nelas o nosso olhar-skatista, amparado pela nossa skatosofia, nos leva a enxergar além da ótica da suposta ordem pré-estabelecida, o skate nos nutre e nos impulsiona pra frente, para o novo, para o desconhecido, para o prazer, para a potência, seja qual for a base. Precisamos da potência revolucionária do skate. Queremos andar, observar, pensar, queremos fazer novas formas de andar pela cidade, novas formas de sentir o corpo, sentir prazer pelo corpo, pelas ruas, pelas praças, descobrir novos e melhores picos, com mais possibilidades. “Enquanto estamos na academia pensando tem gente nas favelas com medo de Helicópteros rondando” (@delbelgiulia). Precisamos sobreviver. Toda a multiplicidade de corpos dissidentes, marginais, mestiços. Puro Caos. Quem tem medo do caos?

Se a primeira Revolução Industrial caracterizou-se, com a invenção da máquina a vapor, por uma aceleração das formas de produção, a atual Revolução Industrial, marcada por engenharia genética, nanotecnologia, tecnologias da comunicação, farmacologia e inteligência artificial, afeta em cheio os processos de reprodução da vida. [...] É possível sentir não apenas o

esgotamento das formas tradicionais de fazer política, mas também a emergência de centenas de milhares de práticas de experimentação social, sexual, de gênero, política, artística... Diante do aumento dos poderes edipianos e fascistas, surgem as micropolíticas da travessia. (PRECIADO, 2019 , p. 37)

O skate é uma forma de atravessar. O skate é uma forma de produzir um espaço de diferença nessa prisão. Uma heterotopia. Não podemos deixar o skate ser capturado pelas máquinas fascistas, como já é capturado pelas corporações. O skate desterritorializa os fluxos de sentido e significação (por que estou aqui? no meio da rua, descendo a Avenida Rondam Pacheco no gás, fluindo neste skate para lugar algum?). Solto, entre os carros, veloz, o que estou fazendo da minha vida? Isso são ondas ruins que batem às vezes, hahaha! Buracos, causados por sei lá quantas o que das quais. Muitos busílis. O que significam todos os meus investimentos conscientes e desejantes? Para onde eu lanço meu corpo e como? São tantas questões internas sobre andar de skate quantas são as questões externas. Às vezes nada faz sentido. Apenas andar de skate.

O skate re-territorializa os fluxos de sentido e significação no corpo vivo, pulsante, te lançar no presente, no agora (Que foda! Eu estou aqui! Descendo a Belarmino no 12! VIVO! Respirando e fluindo neste skate, veloz, sentindo o vento na cara. Na rua de madrugada, de dia, de noite, estou indo para lugar algum! Estou em cada nanosegundo). Então era isso! Agora tudo faz sentido, é só isso mesmo que eu quero fazer, respirar, me sentir bem, sorrir, sentir o vento, remar, remar, remar, ganhar velocidade e fluir, fluir, fluir. Dar um ollie. Dar um ollie mais alto e mais veloz que nunca. Aprender uma trick nova. Tô nem aí. Tô nem aí pra mais nada. Tô nem lá, passei no dó, no ré, não fui no mi nem no fá. Daí eu toquei fogo e fumei. Risos. O verdadeiro skate de rua é a pura destruição de todos os valores capitalistas e tecnopatriarcais, coloniais, familistas, produtivistas, machistas etc. O verdadeiro skate de rua é a revolução anárquica e caótica. Não queremos nem liberalismo, nem comunismo, nem esposas, nem putas, nem uma ideologia. Nem a merda judaico-cristã-católica-evangélica. Talvez até queiramos tudo isso, queremos esposas, maridos, queremos trabalho, mas a vida não é só sobre isso! Cada um que tome suas frações, suas doses diárias, do veneno e panaceia que quiser, ou melhor que tiver, que se alcançar. Queremos Skates, poliuretano, asfalto, maple canadense e boots, e aí começa a merda capitalista novamente. Trata-se portanto de produzir a heterotopia. O rizoma. A fissura no muro das significações. Remar até furar o boot. Lixar até rasgar o boot. Queremos alcançar um devir cada vez mais intenso. Acelerar. Deus é o dinheiro? Um lobo-guará? Uma nota de duzentos! Uma merda! Deus é o meu corpo vivo! A

potência da minha consciência. A potência da minha loucura. Deus é um mendigo arruinado! A indústria, o capital, o processo material da história, a decrepitude dos órgãos f\* de TANTAS merdas que ingerimos de rolê no abatedouro universal que fizeram da vida.

Descontinuando, através dessa experiência direta com o corpo e o espaço, a cidade, a natureza, com nossos skates, em nossas derivas urbanas, nos perdemos e nos encontramos, deciframos códigos para compor um devir cada vez mais potente, as melhores ondas para se surfar, os melhores picos, as melhores amizades, e alcançamos um novo estágio mental mais elevado, valorizando determinado aspecto da experiência com o corpo forte. Só queremos estar no rolê. Com um boot e um carrinho. Uns trocados pra tomar um suco, comer uma broka. Lugares gostosos. Picos. Enquanto gastamos cada pedacinho do shape com amor e ódio. Uma espécie de experiência de dança contemporânea utilizando objetos e materiais industriais capazes de acelerar e catalisar as moléculas do corpo, lançá-lo, de encontro com outros objetos em um jogo pré-existente, pelos quais ele pode deslizar, se equilibrar, extrair fluidez da dureza. Surfar a onda dura. Quanta maestria é necessária! O skate vem dos escombros, do lixo, da sujeira. Porém, apesar de agressivo é majestoso, uma dança, um ballet. Uma força de vida. Arte no seu último estágio. Pura expressão. Desterritorialização, re-territorialização.

Eu entendo que fazer isso é a força pura, o *conatus* espinosano, uma manobra bem dada, um trajeto longo percorrido com fluidez e velocidade, o suor escorrendo, as veias pulsando e sua respiração prolongada e satisfatória. O que pode um corpo? O que pode um corpo? O que pode um corpo? Um olhar polisemiótico, polissêmico. Nada mais que a força de perseverar em seu ser, resistir, forçar a própria existência a extrair mais força de si para continuar existindo, de forma a alcançar mais graus de realidade, de ser. Seja lá que Ser for esse. Que seja. Remando, saltando, fluindo, deslizando, voando, pousando, surfando.

E ainda, quando podemos produzir, filmar, registrar, transformar toda essa expressão em conteúdo e arte, é aí que eu me sinto um rockstar, vendo um filme que fizemos, coletivamente, com as tricks dos amigos, com minhas tricks, texto de um, narração de outro, com um som de guitarra ou de sintetizador que gravamos, um arquivo que um foi mandando pro outro, esse é o nosso rolê. Fazer som, dar manobra, filmar, dar rolê. Compor blocos de perceptos que lancem dados, devires, potências cada vez mais ricas de sentidos e afetos. Registros históricos do espaço, da cidade, da relação que a compõe, dos processos que ela passa. Blocos de arte, de sinestesia, que atingem seus sentidos no íntimo, no âmago. Nos inspiramos em diversas leituras, objetos de arte, de história,

queremos fazer política também, reivindicar e institucionalizar nosso espaço, mostrar o que vemos de errado e imundo por aí. Somos a destruição de tudo. Somos os escombros que sobraram dos monumentos de história. Somos malacabados. Escravos dos nossos microfascismos. Cegos. Estultos. Estamos pelo menos fugindo de tudo. E podemos encontrar ilhas, ilhas de consciência na nossa carne estirada, nas fibras que se contraem. Um breve relaxamento, um respiro, uma conversa com a sombra. Experimentação, multicódigos.

## **CAPÍTULO VI.**

### **COISAS IMPORTANTES PARA A CENA**

O skate acontece na nossa cidade, de fato, e é tão bom quanto o de qualquer lugar. A cena é forte em Uberlândia e também na região, quero dizer: temos muitos atletas de alto nível, muitos nomes, temos campeonatos independentes feitos por lojas ou pelos próprios skatistas, e poderíamos ter mais, muito mais, e ainda melhores, atletas, artistas do skate, eventos, marcas, através da evolução do esporte na nossa região. Para isso precisamos urgentemente de atenção e investimento, políticas públicas, skate nas escolas, campeonatos regionais municipais com incentivo da prefeitura, não só em *shapes*, peças, calçados, dinheiro, premiações, mas em infraestrutura, pistas, programas sociais. Precisamos de mais patrocínio para o skate. Nós skatistas nunca ficamos parados, então temos de nos movimentar novamente e nos unir, não só para fazer *sessions* e eventos, nos contentando com o espaço que já temos, mas nos unir em prol de reivindicar principalmente melhores pistas dos gestores de nossa cidade. Não só a manutenção e pintura dos espaços, limitados e precários, que já temos, que é o que vem acontecendo. Os próprios skatistas de nossa cidade são os que mais vêm investindo do próprio bolso na construção de rampas e obstáculos. É o que vemos acontecendo em espaços como o Galpão, localizado na Floriano Peixoto 4000, espaço sobre o qual vamos discorrer nessa dissertação.

É preciso revolucionar através do potencial de transformação do skate.

Nossa região está distante da grande mídia e mercado do skate, de certa forma, e isso é algo que dificulta nossos skatistas na hora de conseguir bons patrocínios e se tornarem profissionais. Apesar disso, esta região já revelou grandes nomes como o patense Filipe Mota (que é destaque

nos Estados Unidos com apenas 12 anos, vide notícia em <<https://www.patosnoticias.com.br/noticia/23618-skatista-patense-de-apenas-12-anos-e-destaque-nos-estados-unidos>>). Atualmente, com a evolução da tecnologia, os skatistas podem se autopromover através das redes sociais, participar de campeonatos online, e buscar outras ferramentas para se destacar e mostrar sua habilidade com o skate. Com a internet podemos chegar mais longe mais rápido, contudo há outros impedimentos para o pleno desenvolvimento desse tipo de atividade.

Não temos sequer um bowl público em Uberlândia, e isso com certeza é fator de impedimento do desenvolvimento geral do esporte e da sociabilidade que ele proporciona na nossa região, um dos maiores dos nossos problemas. Precisamos de um bowl adequado com o padrão do esporte para gerar atletas capazes de competir em qualquer campeonato do Brasil e do mundo. O skatista não começa no vertical descendo um *half-pipe* de 3 metros como o da praça Paris no bairro Roosevelt, por exemplo. Precisamos de vários *bowls*, de várias formas e tamanhos, espalhados pelas localidades estratégicas da cidade.

Estilo é um quesito nas notas que os juízes dão para os skatistas competidores de qualquer evento ao redor do mundo. É preciso, portanto, possibilitar que nossos jovens skatistas desenvolvam esse Estilo proporcionando para eles o que foi um dos fatores mais fortes e relevantes no desenvolvimento do Estilo no skateboard até hoje, o estilo californiano.





Tony Alva – Aéreo indy frontside no Dog Bowl.

É preciso contar aqui novamente a história de jovens californianos<sup>35</sup> que moldaram a prática do skate contemporâneo quando tiveram a atitude de andar de skate em piscinas vazias espalhadas pelos quintais das cidade, e moldaram dessa forma o que viria a ser o skate vertical. Me refiro aos Z-Boys, os garotos de Dogtown, que eram surfistas extremamente técnicos. Precisamos surfar as paredes de um bowl como eles fizeram, para melhor desenvolver em nós o estilo do skateboard, para alcançar a capacidade das manobras mais arriscadas e técnicas como o aéreo, precisamos conhecer as ondas concretas passo a passo, um degrau após o outro. E não há outra forma senão skatando diferentes bowls de vários formatos e tamanhos. Infelizmente o único bowl adequado disponível em Uberlândia se encontra em um condomínio fechado, o Roma. E isso dificulta o acesso pois é necessária a autorização de um dos moradores e há um número limitado de pessoas que podem acessar a pista por vez. A maioria dos skatistas de Uberlândia nunca andou num bowl,

---

<sup>35</sup> PERALTA, Stacy. *Dog Town and Z-Boys: onde tudo começou*. EUA: Alliance Atlantis, 2001. *Título Original: Dogtown and Z-Boys. Gênero: Documentário. Tempo de Duração: 87 minutos. Ano de Lançamento (EUA): 2001. Site Oficial: www.dogtownmovie.com.*

o que representa um déficit para o desenvolvimento do esporte. Por isso torna-se importante ressaltar como tudo isso começou, na história cultural, entre surfistas da Califórnia, e como chegou até nós.

Não temos um plaza. Precisamos da expansão do Azul Skate Park, pra que seja transformado em um. Já consta no repositório da UFU um projeto para tal obra, que pode ser adaptado e realizado.

Não temos uma pista central, ou pelo menos mais centralizada, que pode permitir mais sociabilidade. Não temos uma pista coberta, e são raros os picos cobertos, bem iluminados, com um bom chão, plano, liso. Skatistas deixam de andar pela falta de material, pela necessidade de trabalhar com outras coisas, e ficam sem tempo para a atividade que gostam. Os materiais estão cada vez mais caros. Não temos mobilidade urbana.

Até onde nosso skate pode nos levar? O skate é uma prótese que se acopla ao corpo, e com ela se pode extrair variadas velocidades e fluxos, sensações e emoções, coisas impossíveis, inacreditáveis, realmente impressionantes e surpreendentes. Essa prótese evoluiu com a tecnologia, temos o poliuretano hoje em dia, e usamos ele desde 1972.

Em 1970 houve uma grande seca na Califórnia, as piscinas das casas ficaram vazias, foi aí que o skate deu seu grande salto. Os skatistas começaram a andar dentro destas piscinas, as paredes lembravam ondas do surf, o chamado bowl se tornaria uma nova modalidade. O bowl possibilitava transições rápidas para os skatistas. Outro fato na década de 70 que revolucionou o skate foi a invenção da rodinha de poliuretano, criado pelo surfista Frank Nashworthy, tornando o skate bem mais rápido. (BRANDÃO, 2007)

## **O SKATE E A UFU**

A UFU vem demonstrando um total descaso com os skatistas. A regra é que skate só pode entrar no campus debaixo do braço, regra que os skatistas não costumam respeitar. Não é permitido andar de skate nas dependências da universidade e a solução que a vigilância, a mando da reitoria, encontrou para evitar que os skatistas andem por lá, solução muito questionável, é expulsar os skatistas dos espaços que eles costumam ocupar na universidade: saguões, escadas, rampas, bancos, mesinhas e as ruas do campus.

Basta colocar o skate no chão e com o barulho das rodinhas no asfalto, ou das manobras que executamos, rapidamente, em questão de segundos, os vigilantes entram em cena para

constranger os skatistas. Isso é uma enorme negligência com o universo do skateboard, em pleno 2020! O skate existe e resiste, não devemos apagar ou limitar os skatistas, a UFU deve ser um espaço de convivência harmônica, de proliferação dessa heterotopia, outridade, alteridade. Se fechar para o skate, não permitir que eles circulem livremente, não é uma atitude contemporânea à realidade do skate atual. O skate não deve ser marginalizado, precisamos sim possibilitar meios para que o skate seja praticado como qualquer outro esporte dentro do campus, em vez de botar os skatistas para fora.

Não podemos dizer para o skatista: tome! aqui está a sua pista, este é o seu espaço, não vá querer utilizar outros espaços com seu skate! Fazer isso é basicamente segregação. O skate é de rua. As pistas disponíveis em Uberlândia nem sequer comportam a quantidade de skatistas ou têm estrutura completa, capaz de atender a toda população. O skate não causa problemas.

Não se pode proibir o skate de circular. Isso é disciplinar os corpos, os modos de conduta, de comportamento, isso é uma questão biopolítica. O que mais incomoda os não-skatistas parece ser o barulho. O argumento é que este atrapalharia as aulas. Mas os skatistas não estão ali para incomodar, tudo é questão de diálogo e construção.

Proponho, portanto, a construção de uma pista de skate nas dependências do Campus UFU Santa Mônica, bem como a inclusão do skate nas olimpíadas universitárias. Existem muitas formas de se realizar uma competição de skate, e seria engrandecedor para a comunidade do skateboard um campeonato universitário, bem como seria engrandecedor para as olimpíadas universitárias.

A UFU precisa mostrar mais apoio aos skatistas. Podemos gerar atletas de alto nível e estamos deixando passar. Enquanto não houver uma pista de skate de livre acesso para a comunidade interior e exterior da UFU, é preciso que os skatistas possam agendar horários para utilizar a quadra da UFU para realizar seu exercício. E que possam guardar seus obstáculos, corrimões, rampas em algum espaço da quadra.

O skate não danifica o chão da quadra, no máximo risca o chão, o que pode ser resolvido com enceramento regular.

## DE CARRINHO EM UBERLÂNDIA: GALPÃO E CIDADINIDADE



Alisando o Obstáculo. Foto de Marcelo Mug.

O galpão é onde tudo acontece, é onde se dá de fato o skate urbano, o skate diy (*do it yourself*). Trata-se de um antigo galpão que está abandonado há cerca de trinta anos na nossa cidade e se tornou o local ideal para a construção de obstáculos por parte dos próprios skatistas com suas vaquinhas a partir dos anos 90. Nos anos 70 e 80 era um armazém de distribuição de atacado e

varejo chamado Casas Uberlândia. Recentemente recebemos a visita dos paulistas Ricardo Dexter, Caio Peres e Marcelo Mug, que trouxeram apoio de marcas para construção de um obstáculo e gravação de um episódio do quadro “pedreirage” do canal Black Media. Eles foram recebidos por Alan Alemão, Ricardo Porva e Bruno Felipe, e também todos os locais do Galpão que botaram a mão na massa para construção deste novo obstáculo (Disponível em: <<https://www.mucuiaskateshop.com.br/loja/noticia.php?loja=990591&id=3>>). O video está disponível no seguinte link: <<https://youtu.be/QaKFqJPq9UE>>. E também as fotos neste: <<https://blackmediaskate.com/programas/pedreirage/as-fotos-do-pedreirage-06-em-uberlandia/>>.



Ricardo Dexter caminhando no galpão, próximo ao novo obstáculo. Foto de Marcelo Mug.



Douglas Torquato, Ricardo Dexter, Alan Alemão, Bruno Felipe e Derik Bruno no horário de almoço durante a construção do novo obstáculo. Foto de Marcelo Mug.

O galpão é localizado na avenida Floriano Peixoto, no bairro Brasil, e ocupa um quarteirão inteiro. Até o momento os skatistas ocuparam boa parte do espaço, dando a ele uma revitalização importante e utilidade. A porta de entrada fica na rua Padre Américo Ceppi, número 321, Uberlândia-MG. O galpão reúne todo tipo de expressão dos artistas da cidade, do pixo, da dança,

da bike, do skate, do patins, do rap e das rimas, da música em geral. O galpão é cidadinidade e arte pura, é o skate redefinindo a cidade e seus fluxos.

Recentemente também, devido à visibilidade que as olimpíadas trouxeram para o skate, o Diário de Uberlândia publicou uma matéria que fala sobre o galpão. Segue o link: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/29057/apos-prata-na-olimpiada-busca-por-produtos-e-servicos-ligados-ao-skate-cresce-60>>.

Sobre o conceito de cidadinidade o pesquisador ,antropólogo e skatista Giancarlo Machado afirma em sua tese:

A cidadinidade, apesar de muito combatida, também tem sido instigada e remodelada para atender a diversas finalidades, sejam elas comerciais, midiáticas, esportivas e político-urbanísticas. Finalizar a tese sem se ater a esta contingência poderia deixar uma lacuna crucial em relação aos enquadramentos que são feitos desse sentido do skate que preza veementemente pela urbanidade. Nestas circunstâncias, o objetivo deste presente capítulo é apresentar como as “maneiras de fazer” (Certeau, 2009) a cidade, as quais são taticamente acionadas pelos skatistas, são cooptadas por uma série de agenciamentos que tentam impulsioná-las de maneira um tanto estratégica e utilitarista e problematizar os impactos que a espetacularização da cidadinidade – considerada como uma consequência dessa cooptação, a qual pode ser, inclusive, consumida – causa no cotidiano dos espaços urbanos e nos gerenciamentos que deles são feitos a ponto de empreender novas imagens para a cidade. [...] O skate “destrói”, mas, de igual modo, também “constrói” a cidade. Em razão disso, a cidadinidade que permeia a prática do skate de rua, embora muito combatida, também é alvo de determinadas pretensões econômicas e político-urbanísticas. Nessas circunstâncias, ao mesmo tempo em que os skatistas se apropriam da cidade, o mercado bem como as governanças urbanas vêm tentando se apropriar de suas experiências urbanas de acordo com seus próprios interesses e planejamentos. A cidadinidade promovida pelo skate de rua tem se convertido, inclusive, em produto de marketing, em algo que se coaduna a uma espetacularização da cidade e ao controle de suas paisagens. Uma “tática” que se tornou uma “estratégia”, para utilizar termos de Certeau (2009), o que acaba, por vezes, sendo paradoxal: em alguns espaços, sobretudo em áreas enobrecidas e em “paisagens de poder” (Zukin, 2000), os skatistas são tidos como poluidores, portanto, regularmente são combatidos; ao passo que em outros espaços, como em áreas consideradas degradadas, as suas permanências são toleradas ou até mesmo estimuladas a fim de que possam contribuir para o afastamento de outras apropriações e sujeitos ainda mais indesejáveis do que eles (usuários de drogas, moradores de rua etc.). Tal “limpeza”, contudo, nem sempre se consolida, dada as aproximações situacionais que os skatistas estabelecem com aqueles que, ao que tudo indica, deveriam ser repelidos. (MACHADO, 2017, p. 245-306)

## CAPÍTULO VII.

### FRONTEIRAS NOS JARDINS DA RAZÃO

“O vazio deixado pela falta de valores objetivos é preenchido por quaisquer ideologias que possam convir com o poder estabelecido. Os fins, que antes eram necessariamente racionais, se tornam objecto de escolha ou predilecção” (FERREIRA, 2018, p. 59). É o que nos diz meu amigo Marcelo, na sua dissertação de mestrado, na parte sobre a Razão Objetiva, conceito da obra *Eclipse da Razão* de Horkheimer. Os fins, que antes eram racionais, não são mais. Parecem ser uma névoa de ilusão nos jardins da razão. A razão cingida não pode mais acreditar em si mesma. A razão enlouquecida não consegue acessar conteúdo algum da objetividade do real, nenhum valor tangível, nenhum vetor de ação que a realize em si mesma como racional no sentido amplo: ela está fechada em sua esfera subjectiva. Na moralidade que lhe é imposta. Nos costumes. Nos hábitos. Nos deveres. Resta-lhe a autoconservação cega, a adaptação e assujeitamento. A vida não é dotada mais de sentido algum senão este. Não existe um planejamento social puramente racional: o processo é caótico, resulta em um isolamento social, as pessoas vivem em suas bolhas culturais, como se não fossem interdependentes, tentando viver as próprias vidas e se tolerando. “Não somente os conceitos norteadores da moral e política, tais como liberdade, igualdade, ou justiça, mas todos os objetivos específicos e fins em todos os âmbitos da vida são afetados por essa dissociação entre as aspirações e potencialidades humanas e a ideia de verdade objetiva” (HORKHEIMER, 1974, p. 31). A razão desaprendeu as essencialidades e apenas consegue determinar meios para fins quaisquer. Ela desconhece sua própria vontade, que é um fim último e definitivo, que realize suas potencialidades ao máximo. Em todos os âmbitos a realidade resultou em caos e guerra. O processo continua. A razão objetiva é a própria estrutura harmônica do mundo. Muitas vezes exprimida pelas artes, ela não é um instrumento, é a vida, o mundo, o real. Andando de skate você pode alcançar com sua mente as estruturas objetivas do movimento, utilizando a faculdade produtiva da imaginação, realizando o real no real, desligar-se de toda essa joça da estupidez através de uma potência criadora e espontânea de vida. É como na música também. Transcender a dor, a opressão, e encontrar a redenção na imanência do mundo, no fluxo de todos os povos, de todas as tribos, da história universal, em um processo material qualquer. Que possa desencadear uma linha-de-fuga.



Que envolva toda cadeia produtiva, de signos e de coisas. O caos é o mundo, a estrutura imanente do real, a história das lutas de classes etc. A ideia de bem supremo parece nunca ter-se realizado.

A base Aristotélica da argumentação: o skate é uma finalidade em si, um bem em si. Um modo de vida. Não se anda de skate com vista em uma outra finalidade a não ser andar de skate, e evoluir as bases, as manobras, a potência skatista. Mas quem ainda pensa como Aristóteles? Ah se fosse só isso.

Toda a natureza, a humanidade e os animais, estão submetidos a muitos tipos de dominação. Dominação do capital, de classe, de raça, de gênero, de espécie. A nossa lógica e pensamento coloca tudo na natureza no lugar de algo a ser dominado, controlado, submetido a regras, leis e regulamentos, e nós nos fazemos de senhores, juízes e legisladores, e também operários e atores, mas todos somos inevitavelmente dominados.

Acreditamos que assim, através do domínio, podemos afastar os perigos e incertezas da vida, talvez. Mas algo sempre escapa ao nosso controle e dominação, e, a despeito de toda nossa técnica, o destino mostra quem é o dono da casa. Somos muito mais dominados que dominadores desta infinita maquinaria. A própria natureza é a senhora absoluta de si mesma, indomável, força pura, mas nós somos dominadores insistentes, temos uma razão de dominação, e um conhecimento que nos cega e não nos deixa perceber a verdadeira natureza das coisas: a liberdade, a diferença, a multiplicidade, o amor. Liberdade de ser, de crescer, de viver, de se expressar, de pensar, sonhar, desejar, falar. Diferença de modo de vida, de percepção, de qualidade, de narrativa, diferença que revela a singularidade das coisas que não se submetem a normas e sempre escapam à dominação absoluta. Multiplicidade de formas, de modos, de possibilidades, de linhas de fuga de um padrão maior que impõe sua necessidade de unidade. E o amor, que descende da natureza para nós, que deseja ser experimentada, conhecida, explorada, essa força que nos arrasta para as coisas, para o outro, e que pode ser pensado como simples princípio que faz organismos se unirem para formar organismos cada vez maiores, Eros ou Ágape ou Filo, este prazer que é desfrutar de cada segundo em que se está vivo, saudável, respirando, se alimentando. É simples para que a vida valha a pena ser vivida e seja digna, não fosse tamanho o domínio e ambição dos homens. Chico Science já dizia: “a cidade não para a cidade só cresce, o de cima sobe e o de baixo desce”.

O medo dá origem ao mal  
O homem coletivo sente a necessidade de lutar  
o orgulho, a arrogância, a glória

Enche a imaginação de domínio  
São demônios, os que destroem o poder bravio da humanidade  
(Monólogo ao pé do ouvido – Nação Zumbi)

Nosso pensamento poucas vezes alcança a razão objetiva das coisas, o verdadeiro conhecimento das causas, da natureza, das essências. O íntimo do ser. Na sociedade de hoje não o alcançamos, não somos sequer estimulados a pensar, isso nos aniquilaria, junto aos nossos sistemas de produção, de controle, de manipulação da informação, etc. Mas somos consumidores de enlatados e plástico. Pensar é criar, encontrar, gerar, transformar, querer saber, chegar a saber, experimentar, ver, ser. Pensar é resistir. Se chegássemos ao conhecimento absoluto do ser, da natureza, em seu íntimo, e pudéssemos distinguir facilmente os diferentes conceitos de amor, por exemplo, decorreria disso um amor pela vida e pela própria natureza que mudaria todo nosso modo de vida e de produção, nossa relação com os outros, com o mundo, com a nossa casa, com nossa liberdade. Mas somos ensinados desde cedo a abandonar nossa casa, porque a natureza não é digna, não é pura, não serve para ser a nossa morada, ela deve ser submetida, dominada, controlada, assim como os desejos e instintos e pulsões e etc, tidos como inferiores. Como os sentidos, toda a sensibilidade é posta como algo a ser submetido pelo intelecto. E nos dizem sempre que nossa verdadeira casa nos espera alhures, além mundo, numa transcendência evocada pelas religiões no pós-morte, onde viverá nossa alma imortal, pura, no andar de cima, liberta do corpo material impuro, tão corrompido por essa natureza que nos ensinaram a negar.

E neste cabresto da razão de dominação colocamos tudo: todos e nós mesmos à mercê de muitas opressões, cortes, impedimentos, pesos, podas, amarras. Mas a natureza resiste, e contra-veste sua liberdade absoluta. Que saibamos então como nos conciliar com essa fricção de natureza e cultura, opressão e liberação, e buscar os meios de libertar a nós mesmos e os outros o quanto seja possível. Busquemos cultivar os meios de produzir a liberdade e canalizar melhor as energias psicossomáticas, para produzir menos neurose na nossa mente e na nossa sociedade, para podermos melhor aproveitar a vida e até produzir aparelhos, agenciamentos sociais macro que atuem em produzir mais liberdade para as pessoas, melhores formas e possibilidades de vida. A vida vem sendo minada aos poucos, todo dia, e a sociedade tem produzido cada vez mais meios de morte e opressão. Jogar, escrever, transgredir, em processo de transformação, transversalmente, atravessado por múltiplas instâncias, regiões do ser, platôs traçados na própria pele da vida, das palavras, das coisas. Pensar equivale a criar, engendrar agenciamentos, fortalecer percepções,

desejos, difundir máquinas de guerra, de resistência. Novamente Chico Science: “Vou lembrando a revolução, mas há fronteiras nos jardins da razão”.

O objetivo deste texto não é cingir precisamente a distinção de natureza e cultura, natureza e liberdade, que existe em algum nível, e sim pensar a natureza para além das nossas próprias crenças limitantes. Nem queremos diferenciar tipos de razão. Basta-nos pensar a razão para além do que compreendemos por tomada de decisão, utilidade, meios e fins. Buscar a superação da metafísica. Conservar um terreno fértil para proliferação de ideias, para o entrecruzamento de textos variados. Buscando sempre uma velocidade além de si, surfando em nossas ondas, olhando o mar, sempre vasto e inexplorado, superior a todos os homens e suas filosofias, profundo e desconhecido mar. Que regiões o mar nos permite explorar?

Não quero regra nem nada  
Tudo tá como o diabo gosta, tá  
Já tenho este peso, que me fere as costas  
e não vou, eu mesmo, atar minha mão

O que transforma o velho no novo  
bendito fruto do povo será  
E a única forma que pode ser norma  
é nenhuma regra ter  
é nunca fazer nada que o mestre mandar  
Sempre desobedecer  
Nunca reverenciar  
(Belchior – Como o diabo gosta).

## VÁ PARA OS BRAÇOS DE MORFEU

Sonho é sonho, a realidade é a realidade, ou o sonho é uma realidade e a realidade é um sonho. Sonho e realidade se misturam, sonhamos acordados, delirantes, ou a própria realidade, um sonho em que estamos presos, sem conseguir jamais acordar. Sonhamos mais sonhos dentro deste sonho, e quem sabe um dia despertaremos, já sonhando outro sonho? Sem ao menos saber? Que seja a realidade esse misto lúdico, este jogo de percepções e ações, em vez de um pesadelo sombrio. Se podemos sonhar, se é esta a realidade que nossa potência revela, o que nos resta é sonhar e sonhar, e seguir jogando, sonhando, delirando, desejando. Sem jamais despertar. Sonho é realidade, realidade é sonho. A transmutação das infinitas formas do desconhecido.

Sonhando criamos, produzimos algo que vai muito além das formas de representação conscientes, quer dizer: o sonho em si, que é expressão pura da nossa potência criadora, que engendra o real no real, com signos reais ou sem signos quaisquer, e está para além da nossa representação, da fala, da consciência, porque é produção pura, criação, devir, conexão, fluxo. Linhas, rotas, mapas, territórios, partículas puras do real, pequenas linhas infinitas de inflexão, um espaço já ocupado por pequenas dobras, que se prolonga, e leva sua curva até quase o infinito, e inventa a dobra infinita, operação de novas dobras que se estendem, incognoscíveis, em um mundo quase invisível, do infinitamente pequeno, do infinitamente grande, da expressão do infinito, da imanência, da natureza absoluta e indivisível da substância.

Ao fim e ao cabo, a vida começa e termina na inconsciência, e as ações plenamente conscientes não passam de ilhotas num arquipélago de sonhos. Seria tão absurdo reduzir a vida à vigília quanto considerar que a realidade é feita de blocos lisos e perceptíveis em vez de ser um enxame mutante de partículas de energia e matéria vibrátil apenas porque não somos capazes de percebê-las a olho nu. (PRECIADO, 2020, p. 16)

Estamos muito mais que sonhando acordados. Vivemos, andamos de skate, e fazemos teoria disso, daquilo e de algo mais. Metafísica, substância simples, mônadas. Teoria da violência, teoria do poder, teoria queer<sup>36</sup>. Sonhamos sem deixar de viver, vivemos sem deixar de sonhar. Acreditamos. Desacreditando, por vezes, do finito, por encontrar o infinito em toda parte, apesar da morte, o fardo do efêmero, se anunciar, se fazer presente, acreditamos na transmutação das infinitas formas do desconhecido. Acreditamos no sonho. Acreditamos no delírio. Mesmo que seja apenas uma linha de fuga, que seja, uma fuga para o prazer, e que façamos uns mapas e várias rotas para estes lugares de criação, de prazer, de poder, de possibilidade. Fugindo das máquinas repressoras que engendram a morte, o desprazer e o cerceamento das possibilidades da vida. Estamos lutando pelos bons encontros. Sonhar é preciso. Sonhar é viver. “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade” (Raul Seixas – Prelúdio).

---

<sup>36</sup> “O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido. Sobre essa cicatriz assenta-se a propriedade, funda-se a família e lega-se a herança. Sobre essa cicatriz, escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual” (Paul B. P., 2019, p. 23).

“Sujeito e nação não passam de ficções normativas que visam engessar os processos de subjetivação e de criação social em constante transformação. A subjetividade e a sociedade são constituídas de uma multiplicidade de forças heterogêneas, irreduzíveis a uma única identidade, a uma única língua, a uma única cultura, a um único nome” (Paul B. P., 2019, p. 37).

“Navegar é preciso, viver não é preciso” (Fernando Pessoa). “Navegar é preciso, senão a rotina te cansa” (O Rappa). “Logo, seria mais apropriado dizer que o psiquismo humano não para de criar e processar a realidade, às vezes em sonhos, às vezes acordado” (PRECIADO, 2019, p. 17).

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu. [...]  
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente  
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,  
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.  
Escravos cardíacos das estrelas,  
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;

Mas acordamos e ele é opaco  
Levantámo-nos e ele é alheio,  
Saímos de casa e ele é a terra inteira,  
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;  
Come chocolates!  
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.

Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.).  
(PESSOA, 2012, p. 206-7)

Come chocolates pequena, é preciso comer chocolates, se lambuzar de chocolates, para suportar o fardo do mundo, comer chocolates para fazer valer a pena a vida de ser vivida, comer chocolates para suportar a dor, comer chocolates para esquecer a exploração e o sofrimento do mundo, mas eu não consigo comer chocolates com a verdade que comes, pequenina, quando eu como os chocolates, e penso de que marca são, e que alguém provavelmente está lavando dinheiro com o prazer que sentimos comendo os chocolates, eu deito para vida, deito para o mundo, deito para o prazer ao lembrar das calamidades públicas.

Navegar é Preciso  
Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito [d]esta frase,  
transformada a forma para a casar como eu sou:  
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.  
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.  
Só quero torná-la grande,  
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse  
fogo.  
Só quero torná-la de toda a humanidade;  
ainda que para isso tenha de a perder como minha.  
Cada vez mais assim penso.  
Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue  
o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir  
para a evolução da humanidade.  
É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.  
(Fernando Pessoa)

Desejo que você saiba ouvir a vida, não só quando a vida cantar, sussurrar no seu ouvido, a doce voz de um delírio, sonho, ilusão, utopia.

Que você saiba ouvir a vida no meio de todo aturdimento caótico de tudo, de um mundo distópico, que você possa distinguir a vida, no meio dos granidos, barulhos, gemidos, gritos, urros, berros, rangidos, estalos, comandos de generais, explosões catastróficas, bombas, guerras, governos despóticos, tiros, caças, navios, navegações, traições, disputas e assimetrias.

Desejo que a vida te chame, e quando te chamar, que você atenda.

Para que você encontre a saída dos múltiplos labirintos, da matéria e da alma, infinitamente dobrados e redobrados de muitas maneiras, e desejo que você percorra e desenvolva os caminhos, em suas próprias dobras, até quase o infinito, redobrando o labirinto da liberdade em sua alma e em seus predicados, dobrados sobre o labirinto do contínuo na matéria e em suas partes, redobrados por sua vez.

Desejo que você encontre a natureza das curvaturas, da sinuosidade, do serpenteamento.

Curvas que nos envolvem, desenvolvem, dobram, desdobram, redobram, o nosso ser, a nossa vida, a nossa experiência.

Como a arte do origami.

E que a vida te ensine canções que afastem todo o confuso, obscuro, e que você cante, dance, escreva, pinte, toque, grite, berre, urre, e faça barulhos, granidos e gemidos.

E que sua experiência seja autêntica, única, verdadeira.

E traga mais sons e cores para o mundo, ajude a colorir a vida, o cinza das cidades, o cinza do mundo, e trazer harmonia para o chiado ininterrupto das máquinas.

Que você seja tocado pela arte, pela música.  
Que a vida te dê mil motivos para sorrir.  
Que a vida te dê flores. Devaneios, sonhos, desejos, doce ilusão, beijos.  
Que a vida te ensine a andar.  
Que você ande de skate, de patins, de carrinho de rolimã, de patinete.  
Que você deslize, escorregue, brinque.  
E que recupere o seu pé machucado, ou algum membro que eventualmente venha a se abalar de tanto viver intensamente, mas que tenha um coração cheio de calma.  
E que transmita essa calma para os aflitos, angustiados.  
Que você acalente todo sofrimento e encontre a paz.  
Onde quer que você esteja, espero que encontre-a.  
Para que o melhor lugar do mundo seja aqui e agora, por dentro e por fora.  
Que você tenha alma, sentimentos, utopias.  
Tranquilo na tempestade, surfando a maior onda, a mais perigosa.  
Desejo que a vida lhe traga o pão. E que você o coma com satisfação.  
Que você possa admirar a Natureza e os animais.  
Ver a beleza em tudo, embelezar.  
Desejo que você seja feliz, e que traga a felicidade consigo por onde for.  
Desejo que você plante e que você colha, que tenha o alimento de cada dia.  
E que você cozinhe bem, e que encontre seu talento.  
Que encontre muitos talentos, e trabalhe duro neles.  
Que seja todo amor e perdão, e nunca ofensa.  
Que seja sempre a solução para os conflitos, e nunca a desavença,  
a união e conciliação, em vez de egoísmo, ruptura, desconjuro.  
Que você seja forte, e sinta isso, o poder da força vital passando em seu corpo.  
Que você aproveite sua libido e seu sexo, como quiser.  
Que encontre a ou as pessoas que desejar.  
Desejo que você aproveite bem a vida, a viagem.  
E que seja muito mais prazer, que dor, sofrimento, ou trabalho alienado.  
Que seu trabalho possa te realizar e te dignificar. E que o fruto do seu trabalho retorne inteiramente para você.

E faça bom uso.

No caminho é que se vê, a praia melhor pra ficar, tenho a hora certa pra beber. Uma cerveja antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor. E eu piso onde quiser, você está girando melhor, garota, na areia onde o mar chegou a ciranda acabou de começar, e ela é, e é praieira, segura bem forte minha mão, vou lembrando a revolução, mas há fronteiras nos jardins da razão. Na praia é que se vê a areia melhor pra ficar, vou dançar uma ciranda pra beber, uma cerveja antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor. Você pode pisar onde quer, na areia onde o mar chegou a ciranda acabou de começar, e ela é, e é praieira, vou lembrando a revolução, mas há fronteiras nos jardins da razão. (Chico Science – A praieira)

Lutar pela vida, na arte e no esporte.

Fluir. Gozar. Amar.

Querer viver.

Estar sempre na espreita...

Esperar pela onda, pela onda mais adequada.

A ONDA PERFEITA.

Se colocar na vaga, na dobra, na potência,

Furar a onda, se diferenciar dela

E ir com ela, ser levado no bom encontro,

Transportado pelos caminhos,

Entrecortando a natureza e se inserindo em um movimento presente nela,

sendo levado, pelo movimento, pela velocidade e aceleração natural,

se diferenciando dele, nele,

uma ou outra onda presente no mundo,

dobra, vaga, potência,

Natureza, vida,

Surfar.

Encontrar os caminhos que têm coração,

E ali viajar,

Surfar a calçada.



Percorrer caminhos,  
A onda dura. Concreta.  
Sentir prazer, skatear.  
Respirando o ar, sentindo o suor,  
olhando o que acontece em volta,  
gastando energia, perdendo o tempo, ganhando espaço.  
Sentir alegria pelo corpo, a força, a precisão, a técnica.  
Sensação, vibração, cores, sabores, cheiros, os giros.  
Criar movimento, dar continuidade à onda, a partir dela,  
a passar por mim a passar por ela a passar pelo corpo, sob a prancha,  
no oceano, no mar-cidade, no mar-cósmico, na rua, na pista, a esperar pela próxima onda,  
a buscar aquela que melhor compõe com minha relação,  
a buscar a praia, o lugar ao sol,  
ampliando imediatamente minhas zonas de imanência,  
minhas velocidades, do nível molecular ao macro.  
Do macro ao molecular.  
Deslizando em novas intensidades.  
Ampliando as latitudes e longitudes da minha capacidade de ser afetado,  
Da minha capacidade de agir, de afetar,  
Conforme pego a onda,  
Conforme surfo, portanto crio.  
Crio meu corpo como relação imanente com o mar e com a prancha,  
Com a cidade e o skate.  
Munido das boas acelerações.  
Compor, escrever, surfar, registrar signos sob a superfície de inscrição.  
CRIAR. Criar suas zonas de intensidade. E Fluir por elas.  
VER, e VIAJAR.  
SENTIR.  
A força produtiva do prazer.  
E então a onda perfeita chega,  
eu me viro,

remo intensamente de costas para a onda que começa a ceder à vaga,  
então eu dropo.

Deslizo, escorrego, paio sob suas dobras,  
encontrando cada vez mais as moléculas catalisadoras da aceleração.

Voo.

Giro no ar.

Vou deslizando, cortando,

Até que enfim, mergulho.

Submerso, sou levado às profundezas.

Sou obrigado a acalmar todas as minhas ansiedades e angústias,  
agora mais do que nunca,

é uma questão de sobrevivência;

Ter de ficar submerso até a onda mais violenta passar,

e ceder um espaço, para o sobrenado,

respiro fundo como se fosse a primeira vez,

a sensação é de renascer,

de estar surfando a si mesmo,

seus maremotos e superondas afetivas, tsunamis emocionais,

É preciso se equilibrar

se equilibrar sobre todas as ondas,

de todas as naturezas, em toda gama das frequências, equalizar.

em diferentes superfícies que flutuam e deslizam,

de uma onda para outra,

em meio a tantas coisas,

tantas ondas,

Sempre estando elas todas em simultaneidade,

se chocando e se atravessando,

transversalmente, multidirecionalmente,

causas eficientes, nada mais,

tantos perigos,

apesar da harmonia pré-estabelecida, música.

Linhas verticais e horizontais se cruzando  
produzindo a qualidade sonora específica de cada música.

de cada onda. Cada ritornello.

Acordes maiores, acordes menores,  
uns mais harmônicos, outros dissonantes,  
uns tempos retos, outros mais desconcertantes.

Seguindo a batida do infinito, desdobrando,  
redobras de longínquas ondas.

Se multiplicando.

Linhas melódicas inéditas,  
com intervalos e motivos nunca experimentados.

Novidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vivido e documentado ao longo de dois anos durante o curso de mestrado em filosofia, em meio ao pensamento contemporâneo, situado na cidade de Uberlândia, me pergunto até que ponto esta prática é um esporte, e quando passa para o patamar da arte? Até que ponto é coletivo, que tipos de formações de coletividade ele nos mostra? E até que ponto é uma expressão de individualidade? São apenas algumas das questões que envolvem o universo do skate e se desdobram em outras. Comecei a andar de skate pouco antes de decidir escrever meu projeto de mestrado. Eu estava redescobrendo algo que passou por minha infância e que ficou por um tempo esquecido, até que com vinte e dois anos resolvi comprar um skate.

Na periferia brasileira a morte é tão banal quanto lavar copos, estatística. O coração fermentando sonho com ilusão e pranto. A multidão faminta de vida, a vida minada na fonte pela mão que dá esmola e não dá escola, o necro-estado, cada favelado um universo em crise, de todo tipo de essência, do amor sublime e a simples sub-existência, sem romantismo. Não existe segurança para vidas pretas, não existe segurança para as mulheres. Ter uma vida boa é não sentir medo, andar, ir por aí. Ter uma vida muito boa é andar de skate, saber tocar um instrumento, chupar jabuticaba no pé, dormir com a cabeça no travesseiro. Ter prazer numa leitura, prosa, poesia, ciência, se prolongar no pensamento. Escrita, escrita de si, escrita do outro. Coisas simples. Plantar

uma flor no cerrado. Pisar com o pé na terra. Eu quero ganhar a paz. Eles querem vencer a guerra. Como dizia Chorão, saber dar valor, e aproveitar as coisas boas da vida.

Nos diz João do Rio: é na rua que o homem sente a maior emoção. João faz a rua multiplicar seus sentidos, proliferando imagens-sensações com suas palavras, associadas aos devires das ruas. João é um flaneur fecundo da cidade. A rua aparece como máquina-desejante, expressão pura do campo social, que engendra o desejo e por ele é engendrado. Estamos sempre por um triz do olhada-rua. Odeio passar em ruas burocráticas. Amo me deleitar nas ruas delirantes, as ruas apaixonadas.

## APÊNDICE

Recentemente, tive uma conversa com Leonardo Brandão, por mensagem de texto, na qual discutimos um pouco deste assunto:

- (Douglas): Ei professor, tô aqui pesquisando Bordieu pra entender um pouco mais sobre sociologia do esporte. Tem algum artigo pra indicar? Tô no momento garimpo aqui.

- (Leonardo): Bourdieu escreveu, até onde sei, apenas 2 capítulos sobre esporte.

- (Douglas): Vi que você já começa o livro citando Espinosa né... Eu gosto muito de Espinosa. Pesquiso já faz tempo. Vou falar dele e de filosofia da imanência e da minha relação com o skate e essa filosofia, agora tô procurando mais referências.

- (Leonardo): Na filosofia eu uso mais Foucault, mas gosto de Nietzsche também... tem um outro filósofo chamado Gilles Lipovetsky que dá para relacionar. Já os filósofos mais à esquerda eu tenho dificuldade de fazer conexão com o skate. Leio, mas não consigo relacionar. Talvez porque o skate seja algo individual... Daí aproximar com filósofos liberais é mais fácil. Não sei para você como é isso.

- (Douglas): Eu tava tramando na ideia de que o skate não é um esporte e não é individual, indo na ideia de que o skate de rua é expressão de tribos urbanas, heterotopia, ressignificação. Então você sempre anda com uma crew, sempre tem suas redes de trocas, compras; você não vai pro pico sozinho, sempre busca conhecer gente, ampliar as redes, e eu acho que isso vai em oposição ao atleta que quer entrar na profissionalização. Aí sim seria um esporte individual e de acordo com o pensamento liberal. Mas enquanto o skatista mostra um desinteresse por esse tipo de lucro e busca um outro tipo de lucro que é cultural, estaria mais alinhado a esse pensamento de esquerda,

coletividade, construção desse espaço de diferença, que foge de ser capturado pelas máquinas capitalistas.

- (Leonardo): Sim, ele é individual, mas praticado em pequenos grupos. Mas não pode generalizar, pois há skatista que visa o lucro e ter patrocínios, etc. Mas concordo contigo.

## **NOSTALGIA**

Quero contar uma história, de 2013, o ano em que ingressei no curso de filosofia da UFU. Eu tinha 18 anos, já morava em Uberlândia desde a segunda metade dos 14, já frequentava o Jambolão antes de ser calouro (espaço da UFU onde se encontravam os Djovens). Já conhecia muita gente, e um mês antes de entrar para o curso e curtir a calourada, dois amigos, Eduardo Gondim e Heitor Victal, me chamaram para formar uma banda, e chamaram meu primo que na época morava comigo. A banda nasceu da oportunidade de tocar nessa calourada, devido a uns contatos do Eduardo, então era eu na guitarra e voz, Du na guitarra e voz, Arthur, meu primo, no bass, Ettore na bateria. Depois entrou a Moana no meio do caminho nos teclados. E a gente tirou um repertório da hora, em um mês, só pra esse show. Tinha umas músicas pop tipo Gorillaz e tinha uns eletrônicos tipo Skrillex, Daft Punk, MGMT. E a gente misturava Clint Eastwood do Gorillaz com um rap do Criolo, Lion Man, e isso me marcou muito, porque eu conheci as músicas do Criolo naquela época e ele foi a atração principal da calourada. Foi do caralho tocar na mesma calourada que ele, no mesmo palco que o Criolo tocou no dia seguinte, com 18 anos, sendo ingressante do curso de filosofia, tocando pra uma multidãozinha de não sei quantas mil pessoas, e cantar um rap dele, e depois poder assistir o show dele com banda completa, puts. Muita emoção. E até hoje eu escuto e acompanho a carreira dele, gosto muito dele como personalidade. Hoje, queria escrever umas linhas da minha dissertação e quando fui fazer meu almoço tocou Lion Man, 3 de novembro de 2020, 7 anos depois, e foi aquela emoção de novo... Artista independente carrega no peito a responsa tiozão, e não vem dizer que não.

E se fosse pra ter medo,  
Dessa estrada,  
Eu não taria tanto tempo,  
Nessa caminhada.

Artista independente  
 Leva no peito a responsa,  
 Tiozão!  
 E não vem dizer que não.

Um lance, uma passagem,  
 O tabuleiro causa medo,  
 O teu olhar,  
 É o desenho do desespero.

E já era,  
 Tua rainha tá ciscando,  
 Já era,  
 Vai cair o rei.

Vamos às atividades do dia,  
 Lavar os copos, contar os corpos,  
 E sorrir,  
 A essa morna rebeldia.

(Só os louco)

O Criolo qué colá pra somá,  
 Sempre foi assim (óóh) o que vivi,  
 Acho melhor não desacreditar fi,  
 Os moleque é novim, e faz um dinheiro  
 sim.

Uma mente moderna,  
 Porém malacabada,  
 É o ser humano o egoísmo e uma  
 adaga,  
 Pátria amada o que oferece aos teus  
 filhos,

Sofridos,  
 Dignidade ou jazigos?  
 O cordeiro vira lobo,  
 E o lobo tem seu ofício.

É a uva o trigo,  
 A pasta é o orifício,  
 e quem fornece a brisa?  
 (héhéhé)

Se fortalece no punhado,  
 De desgraçados mal amados,

Que só querem matar a fome.

E agora quem é mais ou menos  
homem?  
Irmãos, na pior situação,  
Mc bom é mais que Photoshop e  
refrão.

E já era,  
Sua rainha tá ciscando,  
Já era,  
O país tá no abandono,  
Já era,  
O planeta tá morrendo,  
Já era,  
Vai cair o rei.

Abandonado cão,  
Sozinho na multidão,  
A solidão no coração de alguém.

Paz para os meus irmãos,  
Para seguirem nesse mundão,  
Criolo no estilo Lion Man!!!  
(Criolo - Lion man).

## DIÁRIO DE BORDO

Andar de skate é foda! Eu amo essa merda! Dói pra cacete às vezes! Mas é do caralho! Eu amo essa porra! FODA-SE! Foda-se tudo! Vai sem medo! Se joga! Adrenalina, serotonina, endorfina, dopamina, um combo, um porre abstêmio mais potente que o porre hidráulico de Henry Miller. Sorrir pra não chorar às vezes. Às vezes é só sorrir, outras gargalhar, se sentir vivo, sentir poder, força, vida. Acertar em cheio. Sem deixar sombras de dúvidas. Dá-lhe! Tome! Toma! Toma! Fé, fé, que vamos tirar forças seja lá de onde for, sempre, e superar todos os obstáculos! Fé, fé, em si mesmo, em evoluir sempre.

Não existe nada igual: a sensação de dar aquela manobra, acertar na base, sentir o impacto simultâneo da aterrissagem nas quatro rodas, é insano! É a convergência de múltiplas linhas de força para um ponto e explosão, seguida de uma flutuação e outra explosão de pouso. Ficar aqueles segundos suspenso, voando! Solto! Da hora! Evoluir, buscar manobras cada vez mais complexas e

arriscadas, em gaps mais altos, com mais velocidade, mais pólvora, dinamite. Rampas. Evoluir a agressividade, a potência explosiva. A base forte e consistente, concreta. Dar rolê com os amigos, todo dia, sessão atrás de sessão, pegando os picos, você passa a dedicar sua vida toda pra isso sabe, por que te faz se sentir bem como nenhuma outra coisa foi capaz. Porque você se descobre, se encontra. Energia boa, pura, filtrando tudo nas rodinha, nas trick. A vida podia ser um rolê. Mas o rolê é fazer da vida um rolê, um rolê massa. E tentar ficar sempre no barato, na onda boa. Mais no barato que no buraco. Sair do buraco. Não travar as rodinhas no buraco. O skate é uma chave pra abrir a sua mente. Saber enxergar a evolução e ir buscá-la. Saber enxergar as coisas boas da vida. Saber desviar e saltar, varar as bad vibes, deixar todo mau encontro para trás. O skate é uma ferramenta para se acoplar no seu corpo e melhorar seu corpo, sua saúde em geral.

Quando eu dou o meu rolê eu me sinto um rockstar, cê tá ligado? Flanando pela cidade, acertando altas tricks, andando pelas ruas no “gás”, na “velô”, vou com meus amigos, vendo eles andarem pra caralho, bem de verdade, nível pro, com bastante estilo, e eu sou só um novato, tenho minhas tricks e tô evoluindo rápido, na moral representando, mas eu tenho amigos que são verdadeiros fodões do skate, e quando eu me vejo no rolê com essa galera é que eu acho do caralho. Observar e aprender. É como se o rolê de cada um se expressasse por si mesmo, e ao mesmo tempo, em unísono todos dissessem: é isso aqui que importa! Ter as tricks na base, porra! A gente faz isso porque ama de verdade. Não é pensando em carreira, futuro no skate, dinheiro, agenciamentos capitalistas da mega indústria que se tornou o skateboard.

Eu quero é tocar uma guitarra explodindo de alta! Cê tá entendendo? Um puta riff do caralho de gostoso, insano, loco! Estourando os alto falante tudo na cara da sociedade, muitas válvulas e dinheiro envolvido, um puta palco, o volume no 15, no 30! Eu quero dar um grito loco no microfone! Quem me dera, hahahaha, quem me dera! AAAAAAhhhhhhhh

UUUEEHHHHHhhahhaaaaaaa

YEYEAHH!!!!AA!!!!!!!

!!!

OOOOOOOOOOOOOOOOOOOO YEEEEAAHHHH!!!!

Então eu vou andar de skate, desbaratinar esse apetite loco, surfar essas milionda. Ver que sons e que shows vão rolar pra mim por aí. Compor umas obras, dobras e desdobras e tal. Tchau! Até logo!



## ANEXOS

### **Documentários:**

Flanantes - Murilo Romão:

<https://www.youtube.com/watch?v=l3ci7hVxF1M>

Dornelândia & Edgar | QUARTINHO #32 (LIVE) | VOID

<https://www.youtube.com/watch?v=Y6cDKe1LMPI&feature=youtu.be>

Experimento de skatosofia: Mark Gonzales à luz de Deleuze e Guattari:

<https://www.youtube.com/watch?v=i-80U1XSmmY>

Witch is to be the master (QUI SERA LE MAÎTRE ?)

<https://youtu.be/jSDzQOPzea8>

## **GLOSSÁRIO**

Boot - Tênis, em geral um tênis especial para skate.

Broka - Sinônimo de Larica, significa muita fome.

Carrinho - Apelido carinhoso para o skate.

Crew - Coletivo.

Dropar - Aportuguesamento da palavra drop do inglês que significa soltar/cair. Gíria usada para se referir ao movimento de entrar em uma rampa, deixando o corpo cair solto para dentro.

Gap - Uma palavra inglesa que significa brecha, lacuna, vão.

Hype - Algo que está na moda.

Linha - Sequência de manobras sem errar.

No gás - Muita velocidade.

Pico - Espaço onde a prática do skateboard é viável/possível.

Rolê - Dar uma volta, passear, flunar, ir por aí, se perder na cidade ao estilo flaneur.

Session - Sessão de andar de skate junto com amigos; em grupo.

Varar - Transpor, atravessar, pular um obstáculo e aterrizar com sucesso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. (1897-1962) *O erotismo*. Trad. Fernando Scheide. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. <https://doi.org/10.1002/9781405165518.wbeosb006.pub2>

BRANDÃO, Leonardo. “O skate invade as ruas”: história e heterotopia. *RUA* [online]. 2014, n. 20, v. II, p. 51-60. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>. <https://doi.org/10.20396/rua.v20i2.8638915>

DELEUZE, G. (1925-1995); GUATTARI, F. (1930-1992). *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e esquizofrenia 1: O anti-Édipo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão; Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. Daniel Lins; Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOSA, Benedictus de. (1632-1677) *Ética*. Trad. Tomás Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FERREIRA, Marcelo Lacerda, 1991 - *Sensibilidade para uma sociedade administrada [recurso eletrônico]*: moral e religião em Max Horkheimer. 2018. Orientador: Rafael Cordeiro Silva. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.1>>.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France, 1975-1976*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, G. S.; NIERO, R. F. A visão sociológica de Pierre Bourdieu sobre o esporte. *Akrópolis Umarama*, v. 19, n. 2, p. 125-34, abr./jun. 2011.

LINS, Daniel. Deleuze: o surfista da imanência. In: LINS, Daniel; GIL, José (orgs.). *Nietzsche/Deleuze: jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadinidade*. Orientador José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo, 2017. 345 f.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa, Portugal: Antígona, 2014.

PESSOA, Fernando. (1888-1935) *Poemas de Álvaro de Campos / Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso)

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SOULTRAIT, Gibus de. *Le surf change le monde*. Guéthary: Vent de Terre, 2019.